



Universidade Federal  
de São João del-Rei



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI**  
**PROGRAMA INTERDEPARTAMENTAL DE PÓS-GRADUAÇÃO**  
**INTERDISCIPLINAR EM ARTES, URBANIDADES E SUSTENTABILIDADE**

**AAEC – ABORDAGEM ARTÍSTICA ECOLÓGICA CIRCULAR:  
CONECTANDO NATUREZA E ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTOJUVENIL**

**SÃO JOÃO DEL-REI**

**(2023)**

**ALINE NELI DOS SANTOS**

**AAEC – ABORDAGEM ARTÍSTICA ECOLÓGICA CIRCULAR:  
CONECTANDO NATUREZA E ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTOJUVENIL**

Dissertação apresentada ao Programa Interdepartamental de Pós-Graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial à obtenção do título de mestre.

Área de Concentração:  
Interdisciplinar – Poéticas  
Artísticas e Socioculturais:  
Espaço, Memória e Tecnologias  
Linha de Pesquisa: Processos  
Criativos.

Orientador: Prof. Dr. Adilson  
Siqueira

Co-orientadora: Prof. Dra.  
Fernanda Nascimento Corghi

**SÃO JOÃO DEL-REI**

**(2023)**

**AAEC – ABORDAGEM ARTÍSTICA ECOLÓGICA CIRCULAR:  
CONECTANDO NATUREZA E ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTOJUVENIL**

Dissertação apresentada ao Programa Interdepartamental de Pós-Graduação em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial à obtenção do título de mestre.

Área de Concentração:  
Interdisciplinar – Poéticas  
Artísticas e Socioculturais:  
Espaço, Memória e Tecnologias  
Linha de Pesquisa: Processos  
Criativos.

Orientador: Prof. Dr. Adilson  
Siqueira

Co-orientadora: Prof. Dra.  
Fernanda Nascimento Corghi

Aprovado em:

Banca examinadora:

Prof. Dr.: Adilson Siqueira - Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)

Profa. Dra: Jéssica Mami Makino - Universidade de São Paulo (USP)

Prof. Dr.: José Rodrigues de Avarenga Filho - Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)

---

Prof. Dr.: Adilson Siqueira  
Universidade Federal de São João del-Rei

**FINANCIAMENTOS:****APOIO E COLABORAÇÕES:**

Universidade Federal  
de São João del-Rei



## AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente à minha família pelo amor, apoio, sabedoria e energia compartilhados comigo durante toda a minha trajetória de vida, desde a primeira infância até a vida adulta, na carreira artística, na acadêmica e na profissão docente, sobretudo pela solidariedade, afetividade, cidadania, compreensão, paciência e palavras amorosas. Sou grata a cada um de vocês por atribuir leveza para este trabalho, principalmente à minha mãe solo, que criou a mim e aos meus irmãos sozinha, a encantadora mulher-sol, Maria Lúcia da Aparecida. À minha generosa e doce avó, Maria Elisa de Paula dos Santos.

Ao meu orientador Adilson Siqueira, pelo aprendizado e ensinamentos diários nas aulas, reuniões e em encontros coletivos e individuais. Além de sua inteligência, sensibilidade, flexibilidade, escuta sensível e senso crítico e estético aos anseios desta orientanda, o Adilson tem muito do pai que eu sempre sonhei ter.

À minha co-orientadora Fernanda Corghi, pelos ensinamentos, cuidado, inteligência, aulas significativas e pelo afeto que sentiu pelo projeto de pesquisa desde a sua fase inicial.

A todos os professores e mestres da Universidade Federal de São João del-Rei pelo trabalho de excelência e dedicação ao ensino, pesquisa e extensão na produção de conhecimento científico sensível e, também, por atuarem no pioneiro programa interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade da América Latina, o PIPAUS. A todas as trabalhadoras, trabalhadores e estudantes da Universidade Federal de São João del-Rei, principalmente aos profissionais que zelam pelo atendimento às demandas discentes com prontidão.

Aos amigos e parcerias acadêmicas, principalmente pela troca de vivências, emoções e conhecimento, mas também pelas indicações para congressos, seminários, simpósios, convites para coautorias, revisão de trabalhos, entre outros incríveis momentos vivenciados em processos criativos que complementaram minha formação. Aos grupos de pesquisa ECOLAB (Laboratório de Eco-poéticas), GLAD (Grupo de Linguagem Não-verbal, Ação Territorial e Design Universal) e ao GTRANS (Grupo Transdisciplinar de Pesquisa em Artes, Culturas e Sustentabilidade), seus egressos e pessoas queridas que ainda continuam compartilhando suas experiências, produções e conhecimentos.

Ao meu amigo João Pedro Zuccolotto Rodrigues da Silva, por me indicar o programa e me acompanhar nesta experiência única que foi realizar o mestrado no PIPAUS-UFSJ, uma amizade da vida que permaneceu dentro da academia e que desejo visceralmente levar para toda a minha existência. Que belíssimo encontro! Aos meus educandos e a todos os lugares que atuei como educadora, mas principalmente aos educandos da Fundação Casa, que me ensinaram e me ensinam a ser uma pessoa cada vez melhor, mais amorosa, cidadã e ecologicamente presente no mundo. Muitíssimo obrigada por me inspirarem a lutar para transformar os espaços de vida em que vivemos, e que estão longe de serem os espaços ideais que merecemos e necessitamos para viver e se desenvolver plenamente em harmonia com a biodiversidade!

E, finalmente, eu gostaria de agradecer à maior fonte de inspiração, amor, beleza e força, por todo esse projeto, à própria extraordinária Mãe Natureza. Se eu não tivesse crescido nadando no Rio Grande, que conecta São Paulo a Minas Gerais, se não fossem as manhãs e tardes de sol e chuva, as caminhadas em áreas verdes e montanhosas, o frescor do vento, os banhos de cachoeira, de rio e de mar, a jabuticabeira no quintal de terra da minha infância e outras belezas que sempre amei e vivenciei com todo o meu coração eu não teria chegado até aqui e não estaria em busca de uma conexão contínua entre a Natureza, eu e todas as espécies do mundo.

*Maria Maria*

*Milton Nascimento*

*(...) Uma força que nos alerta*

*Uma mulher que merece*

*Viver e amar*

*Como outra qualquer*

*Do planeta*

*Maria, Maria,*

*É o som, é a cor, é o suor*

*É a dose mais forte e lenta*

*De uma gente que ri*

*Quando deve chorar*

*E não vive, apenas aguenta (...)*

## RESUMO

Esta pesquisa autobiográfica apresenta a criação e a sistematização de uma abordagem ecoartística, a AAEC – Abordagem Artística Ecológica Circular, que tem por objetivo estimular, criar e desenvolver processos criativos artísticos que almejam integrar crianças e adolescentes à natureza através da arte em áreas com vegetação preferencialmente natural. A proposta pretende olhar para os espaços arquitetônicos da cidade e do campo, propondo atividades artísticas e processos de criação nas áreas verdes dos territórios brasileiros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arte; Ecologia; Transdisciplinaridade; Transtorno do Déficit de Natureza; Abordagem ecoartística.

## **ABSTRACT**

This autobiographical research presents the creation and systematisation of an ecoartistic approach, the AAEC - Abordagem Artística Ecológica Circular (CEAA - Circular Ecological Artistic Approach) which aims to stimulate, create, and develop artistic creative processes that aim to integrate children and teenagers with nature through art, in areas with preferably natural vegetation. The proposal aims to look at the architectural space of the city and countryside, proposing artistic activities and creative processes in green areas in Brazilian territories.

**KEY WORDS:** Art; Ecology; Transdisciplinarity; Nature Deficit Disorder; Ecoartistic approach.

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Primeiro desenho da AAEC. Figura própria.....	98
---	----

## ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem 1 Palavras de Indyra para uma árvore.....	16
Imagem 2 Palavras de Indyra para uma árvore.....	17
Imagem 3 Palavras de Indyra para uma árvore.....	17
Imagem 4 Palavras de Indyra para uma árvore.....	18
Imagem 5 Estudos Cores de Buda e Oxum para Iemanjá.....	18
Imagem 6 Estudos Cores de Buda e Oxum para Iemanjá.....	19
Imagem 7 Vivência em dança.....	19
Imagem 8 Aretha Franklin pintada em tela por educando da Fundação CASA.....	21
Imagem 9 Dorothy Stang desenhada por educando da Fundação CASA.....	22
Imagem 10 Malala Yousafzai pintada em tela por educando da Fundação CASA.....	22
Imagem 11 Dandara dos Palmares pintada em tela por educando da Fundação CASA.....	23
Imagem 12 Mercedes Sosa desenhada em papel por educando da Fundação CASA.....	23
Imagem 13 Frida Kahlo desenhada em papel por educando da Fundação CASA.....	24
Imagem 14 Mulher negra pintada em tela por educando da Fundação CASA.....	24
Imagem 15 Centro da Fundação CASA.....	45
Imagem 16 Centro da Fundação CASA.....	45
Imagem 17 Urso desenhado por educando da Fundação CASA.....	80
Imagem 18 Mulher desenhada por educando da Fundação CASA.....	81
Imagem 19 Van Gogh desenhado por educando da Fundação CASA.....	83
Imagem 20 Catrina desenhada por educando da Fundação CASA.....	84
Imagem 21 Menina preta desenhada por educando da Fundação CASA.....	85

Imagem 22 Zumbi dos Palmares pintado por educando da Fundação CASA.....	86
Imagem 23 Carimbo de folhas.....	87
Imagem 24 Instalação em caixa produzida por educando da Fundação CASA.....	88
Imagem 25 Instalação em caixas produzidas por educandos da Fundação CASA.....	89
Imagem 26 Instalação em caixas produzidas por educando da Fundação CASA.....	89

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 Natureza, Universo e Amostra da Pesquisa e Metodologia Principal.....	66
Quadro 2 Técnica de coleta de dados.....	67
Quadro 3 Técnica de análise de dados.....	68

## LISTA DE SIGLAS

- AAEC** – Abordagem Artística Ecológica Circular
- ARA** – Articulación Regional Amazónica
- CAPES** – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CID 10 e 11** – Classificação Internacional de Doenças Mentais 10 e 11
- DSM-5** – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5
- ECA** – Estatuto da Criança e do Adolescente
- ECOLAB** – Laboratório de Eco-poéticas
- FAO** – Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura
- FEBEM** – Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor
- Fundação CASA** – Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente
- GLAD** – Grupo de Linguagem Não Verbal, Ação Territorial e Design Universal
- GTRANS** – Grupo Transdisciplinar de Pesquisa em Artes, Culturas e Sustentabilidade
- IEA** – Instituto de Estudos Avançados
- InfoPen** – Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias
- OMS** – Organização Mundial da Saúde
- ONU** – Organização das Nações Unidas
- PIPAUS** – Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade
- QI** – Quociente de Inteligência
- SciELO** – Scientific Electronic Library Online
- Síndrome FALAL** – Síndrome da Falta de Alternativas
- SNC** – Sistema Nervoso Central
- SNP** – Sistema Nervoso Periférico
- TDAH** – Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade
- TDN** – Transtorno do Déficit de Natureza
- TPA** – Transtorno de Personalidade Antissocial
- TPD** – Transtorno de Personalidade Dissocial
- T40** - Modelo de unidade prisional da Fundação CASA
- UFSJ** – Universidade Federal de São João del-Rei
- UNICEF** – Fundo das Nações Unidas para a Infância
- USP** – Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO GERAL .....	14
CAPÍTULO 1: REFLEXÕES ACERCA DOS PROCESSOS ARTÍSTICOS PEDAGÓGICOS.....	29
1.1. Infâncias e adolescências em espaços formais, não formais de conhecimento e em contexto de privação de liberdade.....	37
1.2. Neoliberalismo e saúde mental.....	42
1.3. Transtorno do Déficit de natureza e atividades transdisciplinares restauradoras em áreas verdes.....	50
OBJETIVOS.....	61
MATERIAIS E MÉTODOS .....	62
ÁREA DE ESTUDO.....	67
ANÁLISE DE DADOS.....	67
CAPÍTULO 2: SUJEITO E NATUREZA, UMA RELAÇÃO ENTRE MATÉRIA-TEMPO-ESPAÇO	
2.1 Comunidades urbanas, processos de urbanização e globalização.....	71
2.2. Políticas públicas culturais, socioambientais e educacionais.....	76
2.3. Metodologias sensíveis e inteligentes para a formação holística dos sujeitos.....	78
CAPÍTULO 3: AAEC (ABORDAGEM ARTÍSTICA ECOLÓGICA CIRCULAR)	
3.1. Processo criativo sensível e ecológico.....	91
3.2. Cidadania planetária e consolidação de direitos.....	94
3.3. RESULTADO A: Estrutura da AAEC.....	98
3.4. RESULTADO B: Proposta de aplicação da AAEC.....	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
REFERENCIAL TEÓRICO.....	112

## INTRODUÇÃO GERAL

Esta pesquisa autobiográfica apresenta a criação e a sistematização de uma abordagem ecoartística, a AAEC – Abordagem Artística Ecológica Circular, de criação e desenvolvimento de processos criativos artísticos que almejam integrar crianças e adolescentes à natureza através da arte e de suas diferentes linguagens em áreas ecológicas, concebidas neste trabalho conforme o conceito de ecologia profunda, segundo textos de Capra (1996). Essa proposta pretende olhar para os espaços arquitetônicos da cidade e do campo e propor atividades artísticas e processos de criação nas áreas verdes dos territórios brasileiros.

A AAEC é uma abordagem ecoartística dialógica transdisciplinar concebida para adaptar-se e tecer relações com diferentes propostas e métodos artísticos e científicos, como a abordagem triangular, ou proposta triangular, de Ana Mae Barbosa (1980), no que tange a sistematização dos três elementos fundamentais da proposta: a contextualização (história da arte), a apreciação (fruição) e o praticar (produção/fazer). A AAEC pretende trazer novos elementos, como, por exemplo, o praticar ativando o estado de presença, o contextualizar e o expandir; o trabalhar a percepção, a sensibilização, a fruição e a apreciação do processo ecoartístico na natureza para que o processo criativo em arte seja expandido e integrado à ecologia.

Essa proposta é reflexo da minha busca, como artista e como docente, em estabelecer relações entre a produção artística e o cuidado com o ambiente onde vivo, tanto em questões referentes ao meio social, pelo engajamento às questões de igualdade e equidade social, racial e de gênero, seja pelo estudo e pela atuação em relação à preservação e valorização da biodiversidade.

Nos últimos anos, através do trabalho docente, foram localizadas as temáticas que pretendi investigar nesta pesquisa. Por meio da observação, da curiosidade, da experiência e da comparação entre o trabalho que realizei no Centro Educacional Marista Irmão Rui e na Fundação CASA<sup>1</sup> de Ribeirão Preto, ambos localizados no estado de São Paulo, surgiu o anseio de pesquisar algo vivido na cidade. Assim, percebi que o sentido do ensino é gerado quando há processos pedagógicos, artísticos e criativos em espaços arborizados e ecológicos que fogem da arquitetura dos espaços

---

<sup>1</sup> A Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (Fundação CASA) é uma instituição do Estado de São Paulo que deveria aplicar medidas socioeducativas com arquitetura e abordagens adequadas para adolescentes do sexo masculino. Ela não deveria ser uma prisão, mas atualmente ainda é fruto de uma política que faz dela um espaço prisional.

escolares tradicionais, urbanos e de confinamento humano, estimulando o desenvolvimento integral das crianças e dos adolescentes em seus processos de aprendizagem, o que considerarei merecer um estudo aprofundado.

Contudo, os estudos da relação entre ensino de arte e a natureza têm início antes do desenvolvimento da minha vida profissional. Para mim, ainda quando estudante de graduação no curso de Licenciatura em Pedagogia, as leituras e os debates eram importantes formas de consolidação do que significam a Educação, a Ciência, a Ecologia, a Arte e os projetos de escola e de locais de aprendizagem que dialogam com as dimensões humanas dos sujeitos do século XXI.

O desejo de me aprofundar nessa temática se potencializou por causa de um espetáculo teatral performativo criado e atuado por mim em meio à natureza, chamado “Palavras de Indyra para uma árvore”, apresentado na Universidade de São Paulo de Ribeirão Preto, que narra a história de uma mulher que rompe as relações com as instituições da sociedade para viver com uma árvore. O espetáculo inclui a árvore no jogo de atuação. A instalação da casa e dos objetos pessoais da personagem Indyra estão na árvore. A árvore é casa, amiga, protetora e companheira de Indyra. A árvore é cenário e pessoa no espetáculo. O público participa o tempo todo do jogo teatral, da experiência de estar com a árvore e com a natureza e dos acontecimentos que muitas vezes surgem dessa troca, que tem, também, música, bebida e comida, levando o público a interagir o tempo todo com o que acontece em cena.

O espetáculo foi dirigido pelo diretor, pesquisador, ator e performer Fausto Ribeiro, a dramaturgia foi desenvolvida com base em procedimentos de narrativa e performatividade no teatro, levantando questões sobre liberdade, saúde mental, tempo, mundo do trabalho e demarcações geográficas, encontrando elos entre as histórias dos nativo-americanos e as histórias dos negros brasileiros, dos negros estadunidenses e dos nômades de África. Indyra é uma espécie de Estamira.

Estamira foi uma mulher negra com transtorno de saúde mental e que viveu grande parte da sua vida no Aterro Sanitário de Jardim Gramacho, em Duque de Caxias, Rio de Janeiro. Sua história foi retratada em um documentário (Prado, 2004) que leva seu nome. Sua vida, seus pensamentos e seu cotidiano foram registrados junto dos de seus amigos catadores de lixo. Mesmo tendo transtorno de saúde mental, ela refletia filosoficamente as questões socioambientais, propiciando ao espectador uma análise crítica sobre o racismo, a miséria e os problemas socioambientais brasileiros. Essa obra se conecta à apresentada acima, pois Estamira vivia em um

lixão, sem arborização, saneamento básico adequado e em situação de extrema vulnerabilidade social e, concomitantemente, a personagem Indyra é uma mulher que rompe com a sociedade civilizada para viver conectada com a natureza.

A partir da experiência cênica em “Palavras de Indyra para uma árvore” passei a me conectar mais com os espaços naturais e percebi que ensaiar, viver e atuar em meio à natureza impactou positivamente sobre minha própria dimensão criativa e sobre o modo como sinto o meu corpo no espaço. Em seguida, apresento algumas imagens dessa experiência: a) do espetáculo “Palavras de Indyra para uma árvore” na USP de Ribeirão Preto; b) da videodança “Estudos - Cores de Buda e Oxum para Iemanjá”<sup>2</sup>, realizado na praia Puruba em Ubatuba, São Paulo e; c) de uma vivência de dança na cachoeira do Urubu, em São João del-Rei, Minas Gerais.

a)

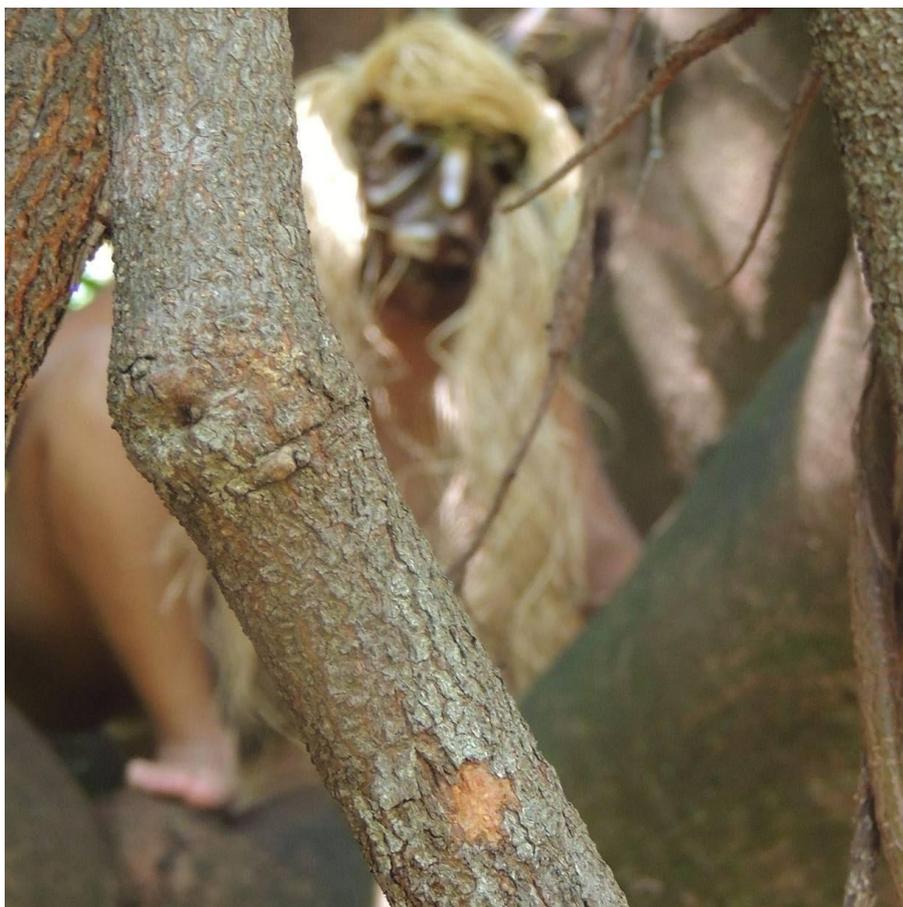


Imagem1. “Palavras de Indyra para uma árvore”. Arquivo pessoal.

---

<sup>2</sup> Esse trabalho pode ser acessado em: <https://pipaus.ufsj.edu.br/galeria-siaus-2021/gallery/estudos-cores-de-buda-e-oxum-para-iemanja/>.

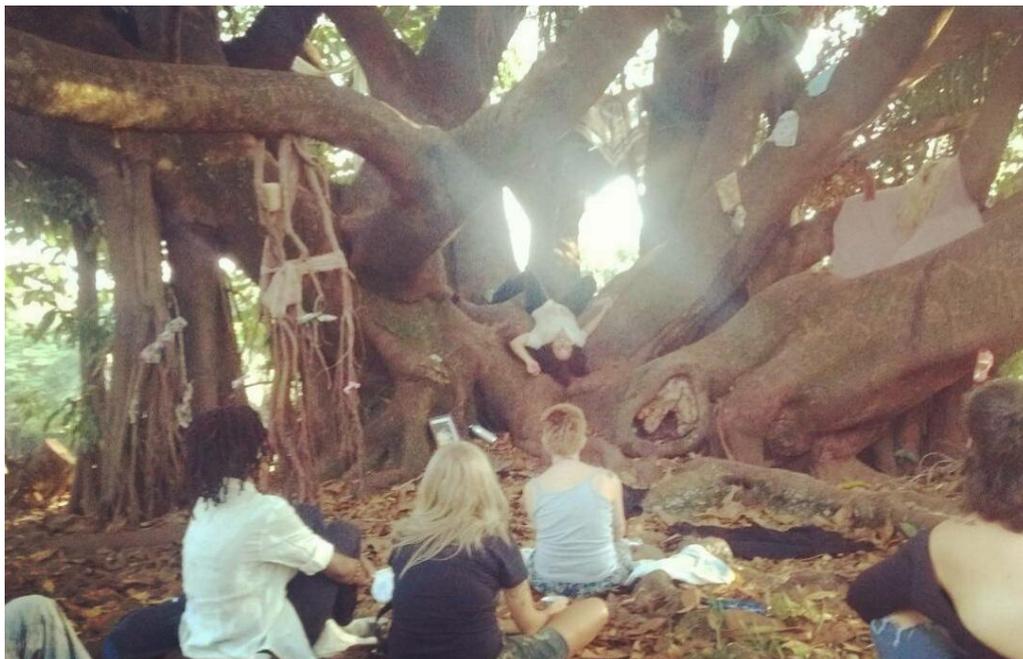


Imagem2. "Palavras de Indyra para uma árvore". Arquivo pessoal.



Imagem3. "Palavras de Indyra para uma árvore". Arquivo pessoal.



Imagem4. “Palavras de Indyra para uma árvore”. Arquivo pessoal.

b)



Imagem5. “Estudos - Cores de Buda e Oxum para Iemanjá”. Arquivo pessoal.



Imagem 6. “Estudos - Cores de Buda e Oxum para Iemanjá”. Arquivo pessoal.

c)



Imagem 7. Vivência em dança. Arquivo pessoal.

A inspiração por esta pesquisa surgiu da minha atuação como arte-educadora em dois locais durante os últimos anos em Ribeirão Preto, onde eu tive as oportunidades de experimentar vivências motivadoras, o Centro Educacional Marista Irmão Rui, antigo Centro Social Marista Irmão Rui e atual Marista Escola Social Irmão Rui, e a Fundação CASA – Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente, antiga FEBEM – Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor.

O Centro Educacional Irmão Rui é um local arborizado, porém a instituição não tinha como eixo pedagógico a arte integrada ao meio ambiente. Mesmo tendo terra, árvores e grama em boa parte do espaço, as crianças e os adolescentes eram proibidos de irem até elas. Isso impossibilitou que eu desenvolvesse atividades nas áreas verdes para integrar as crianças e os adolescentes à natureza, houve muita resistência de alguns gestores. A comunidade em que a instituição está inserida tem sérios problemas socioambientais e econômicos. As crianças e os adolescentes atendidos em sua maioria pelo o Centro Educacional Marista são do Jardim Progresso, Jardim Dona Branca Sales e Parque Ribeirão Preto, bairros periféricos do município. A Fundação CASA atende adolescentes do sexo masculino moradores desses mesmos bairros. A maioria dos jovens da Fundação é parda e negra, e moram em extremas periferias da cidade de Ribeirão Preto-SP e das cidades da região do interior de São Paulo.

A Fundação CASA também tem vegetação em sua parte externa, porém a natureza não está presente nos módulos prisionais em que os educandos passam pela ressocialização. Também há no espaço uma ausência de beleza muito grande, o local é fechado, degradado e tem muitas grades, portas de metais e paredes de concreto, além da péssima estrutura arquitetônica, higiênica e material. O uniforme usado pelos adolescentes é cinza e não possui um traço sequer de suas identidades.

Atuar nesses espaços me deu a oportunidade de pensar sobre as linhas práticas e teóricas que eu gostaria de trabalhar na formação educacional de crianças, adolescentes e adultos. Essas duas experiências educacionais que tive contrastavam com a ideia de arte-educação vista teoricamente nos cursos de Licenciatura em Pedagogia, nas pós-graduações em Neuropsicopedagogia e em Metodologia do Ensino de Artes e com o próprio sentido da arte na natureza fruída por mim durante o espetáculo “Palavras de Indyra para uma árvore”, pois não havia liberdade criativa e acesso à natureza em ambos espaços.

Em seguida, apresento algumas fotografias de telas que foram desenhadas e pintadas por educandos da Fundação CASA no projeto *A força da Mulher*, resultado das aulas/oficinas que ministrei. As pinturas evidenciam a sensibilidade artística e o processo de aprendizado dos educandos encarcerados. Neste projeto os educandos estudaram a história e a representação da mulher de maneira interseccional nas artes e em outros campos da sociedade e, inspirados por histórias reais de mulheres que existem/existiram no mundo, assim como em seus ambientes familiares e comunitários, cada adolescente estudou as técnicas de desenho e pintura necessárias para retratar a mulher que tinha a história que mais havia se interessado. Não serão colocados os nomes e nem os dados pessoais dos autores para não expor os adolescentes, conforme a Lei 8.069/90 – do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), diretriz que garante direitos humanos e deveres a crianças e adolescentes no Brasil.



Imagem8. Aretha Franklin pintada em tela por educando da Fundação CASA. Acervo pessoal.

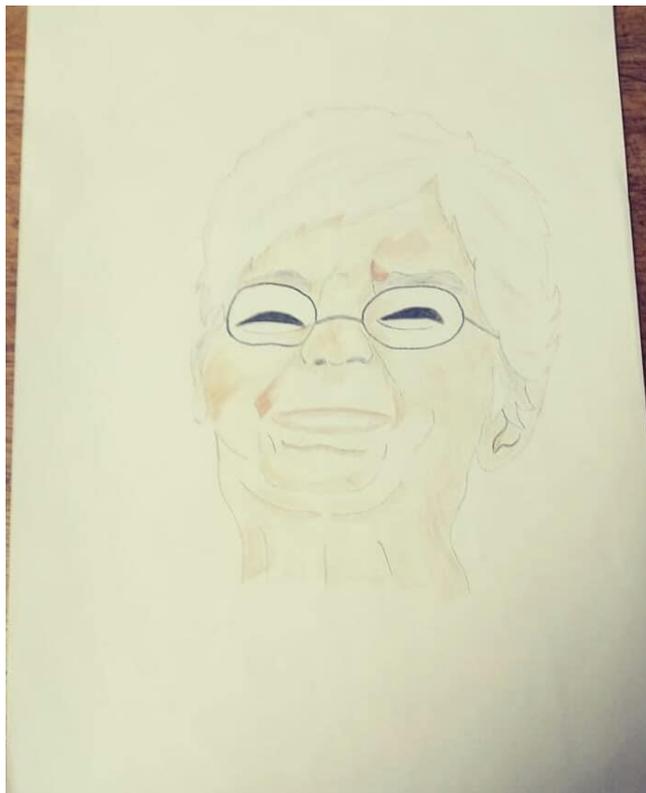


Imagem9. Dorothy Stang desenhada por educando da Fundação CASA. Acervo pessoal.



Imagem10. Malala Yousafzai pintada em tela por educando da Fundação CASA. Acervo pessoal.



Imagem11. Dandara dos Palmares pintada em tela por educando da Fundação CASA. Acervo pessoal.



Imagem12. Mercedes Sosa desenhada em papel por educando da Fundação CASA. Acervo pessoal.

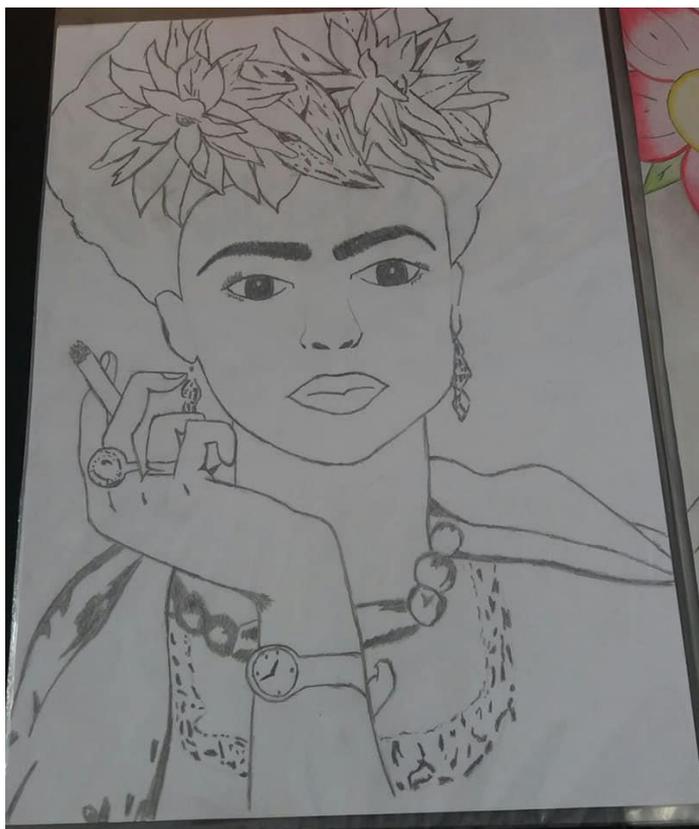


Imagem13. Frida Kahlo desenhada em papel por educando da Fundação CASA. Acervo pessoal.



Imagem14. Mulher negra pintada em tela por educando da Fundação CASA. Acervo pessoal.

Durante os percursos descritos acima notei que a maneira como os espaços são projetados requer muito estudo e reflexão para que construamos espaços dialógicos que estimulem a capacidade sensorial humana no processo de aprendizagem para a criação de sujeitos mais criativos e integrados com a natureza. A partir daí, muitas hipóteses surgiram e o que eram inquietações de uma professora/artista tornaram-se um estudo que propõe, entre outras situações, tornar o educando e o espaço de aprendizagem que ele está inserido núcleos centrais da pesquisa.

É importante destacar que a natureza no seu estado de origem não está muito presente nos espaços urbanos geográficos e nem nos objetos que usamos no cotidiano. O ato de fazer uma cadeira de madeira dependeu da derrubada de uma árvore pelo ser humano, que teve que serrar o tronco, esculpir a madeira, realizar encaixes e acabamentos, lixar, pintar, envernizar e estofar... A vegetação nos grandes centros urbanos é escassa, em relação à quantidade de concreto e seres humanos, causando desconforto térmico e sonoro.

O ecólogo e pesquisador Perci Guzzo (2018, p.27) menciona que “quase todas as leis orgânicas dos municípios anunciam que as cidades brasileiras devem ter 12 m<sup>2</sup>/hab de áreas verdes e se referem à ONU (Organização das Nações Unidas), OMS (Organização Mundial da Saúde) ou à FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura) como origem da recomendação desse índice”. Perci (2018) relata que o Professor Doutor Felisberto Cavalheiro (1945-2003), do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, acessou esses dados formalmente em sua pesquisa para a tese de doutorado e comprovou a falta de conhecimento desse indicador pelos órgãos responsáveis.

O geógrafo Milton Santos (2013) diz que no mundo da globalização o espaço geográfico ganha novos contornos, características e definições e, também, uma nova importância, porque a eficácia das ações está estreitamente relacionada com sua localização territorial. Santos fala que aos atores mais poderosos são reservados os melhores pedaços do território, deixando o resto para os outros, os mais empobrecidos. Ele relaciona os melhores espaços com os bairros ricos, centrais e áreas campestres das classes sociais mais ricas, onde há saneamento básico e mais áreas verdes.

Desde a primeira infância expressamos os nossos sentimentos através da expressão corporal, dos desenhos, das garatujas, os primeiros movimentos do bebê

expressos em formas de desenhos abstratos na primeira infância, segundo diferentes teóricos que estudam o desenvolvimento infantil, a relação concreta com o mundo através dos nossos sentidos e a relação com o outro e com o meio social em que estamos inseridos. A natureza está ali, mesmo que não seja na forma natural, pois toda a matéria prima que constrói os objetos do nosso cotidiano é extraída da biodiversidade. Assim sendo, os espaços urbanos são construídos com materiais que foram extraídos da natureza, porém a estética dessa construção segue o mesmo padrão, na maioria das vezes são salas em formato quadrado que parecem caixas de concreto com ausência total da natureza no seu estado natural, pois não há vegetação, nem rio vivo, nem terra e etc.

Esta pesquisa acredita que, assim como os bebês que são estimulados e expressam movimentos, emoções e sentimentos através das garatujas, precisamos de um ambiente favorável para poder nos expressar com inspiração, afeto, criatividade e curiosidade. Alguns estudos que serão utilizados nesta pesquisa evidenciam o quanto a presença da natureza nos lugares em que vivemos promove avanços significativos neste sentido.

Este estudo autobiográfico aqui apresentado chegou a uma investigação bibliográfica que resultou em uma proposta metodológica cíclica e contínua para crianças, adolescentes e adultos em espaços formais e não formais de conhecimento por meio de atividades artísticas pedagógicas que valorizam o ensino transdisciplinar entre arte e ecologia junto, também, de outros conhecimentos escolares e culturais.

A partir das experiências que foram vivenciadas na Fundação CASA, no regime fechado e em outros locais de aprendizado, como arte-educadora, sistematizei uma abordagem que foi criada para que educadores, profissionais e pessoas de diferentes comunidades consigam ter mais repertório para ministrar atividades ecoartístico-pedagógicas, assim como, também, analisar se é possível conectar os educandos com a natureza através da arte, com a intenção de buscar reflexão e conhecimento sobre as práticas educativas ecoartísticas em diferentes locais de vivência e aprendizado. É isso o que este trabalho propõe apresentar.

Para tanto, na pesquisa autobiográfica foi realizada uma revisão bibliográfica dentro da abordagem qualitativa e com alguns dados quantitativos, em que foram investigados como se dá o diálogo transdisciplinar entre Educação, ensino de arte e ecologia para a construção da AAEC.

Inicialmente, os dados que foram coletados tiveram como um dos focos, analisar processos criativos artísticos realizados na natureza, em espaços formais e informais de conhecimento, para avaliar através dos registros das pesquisas existentes se houve ou não mudanças de concepção de Arte e natureza das crianças e adolescentes, por meio da revisão bibliográfica que foi realizada nos espaços de vivência e aprendizado, mas não somente, reflexões teóricas de estudos transdisciplinares que visam trabalhar com a interface, arte, ecologia, educação e psicologia.

Durante o processo de coleta de dados, percebeu-se a necessidade de que mais pesquisas com essa proposta fossem realizadas, pois não foram localizados estudos específicos com este recorte. Não foram encontrados dados e nem experiências concretas de processos criativos artísticos infantojuvenis em espaços formais e não formais de conhecimento realizados na natureza, pois a maioria dos dados coletados evidenciou a importância da relação com a natureza para o processo de desenvolvimento humano integral dos sujeitos educandos através de outras práticas educativas contemplativas e com poucos momentos de vivência na natureza.

O problema investigado aqui refere-se, então, aos registros de estratégias pedagógicas de arte e ecologia que podem proporcionar uma mudança de concepção de mundo dos educandos, conectando-os com a arte e com a natureza, por meio de uma metodologia artística e ecológica que estimule processos criativos junto da natureza. Mas não foram encontrados tais registros sobre isso nas bibliotecas acadêmicas, acervos de artigos científicos e artísticos, e nem em repositórios de dissertações e teses. Questões e descobertas sobre isso serão apresentadas mais detalhadamente até o final deste trabalho.

Deste modo, esta pesquisa pretende propor nos capítulos que se seguem reflexões teóricas com dados qualitativos e alguns dados quantitativos que contribuíram com a criação da AAEC. As palavras-chave são: Arte, Ecologia, Transtorno do Déficit de Natureza, Transdisciplinaridade e Abordagem ecoartística. Os principais autores relacionados com as palavras-chaves que contribuirão com a fundamentação teórica transdisciplinar da presente pesquisa são: Euzania Andrade, Olga Botelho, Fayga Ostrower, Cecilia Almeida Salles, Vandana Shiva, Fritjof Capra, Felix Guatarri, Ailton Krenak, Milton Santos, Regina Migilori, Barasab Nicolescu, Richard Louv, Paulo Freire e Joaquim Antônio Severino, entre outras autoras e outros

autores secundários, porém não menos essenciais para a reflexão, além de artigos, dissertações, teses, documentários, músicas, entre outros textos.

## CAPÍTULO 1: REFLEXÕES ACERCA DOS PROCESSOS ARTÍSTICO-PEDAGÓGICOS

*Benkê*

*Milton Nascimento; Marcio Hilton  
Fragoso Borges*

*Beija-flor me chamou: olha*

*Lua branca chegou na hora*

*O beija-mar me deu prova*

*Uma estrela bem nova*

*Na luminária da mata*

*Força que vem e renova*

*Beija-flor de amor me leva*

*Como o vento levou a folha*

*Minha mamãe soberana*

*Minha floresta de joia*

*Tu que dás brilho na sombra*

*Brilhas também lá na praia*

*Beija-flor me mandou embora*

*Trabalhar e abrir os olhos*

*Estrela d'água me molha*

*Tudo que ama e chora*

*Some na curva do rio*

*Tudo é dentro e fora*

*Minha floresta de jóia*

*Tem a água, tem a água, tem  
aquela imensidão*

*Tem sombra na floresta, tem a luz  
no coração*

*Tem a água, tem a água, tem  
aquela imensidão*

*Tem sombra na floresta, tem a luz  
no coração (...)*

O ensino de artes na maioria das escolas brasileiras, de acordo com Euzania Andrade (2020), sofre os efeitos de um processo histórico de desvalorização da arte e da cultura. Como também pude observar enquanto docente, professores e educandos compartilham o ambiente escolar e muitas vezes o mesmo processo de educação formal, com os mesmíssimos modos de produção de arte que restringem as formas de vida que existem no mundo, os repertórios multicultural e biodiverso de beleza dos sujeitos, ao invés de ampliar os seus repertórios, na maioria das vezes, pois há uma cultura de contemplação dos padrões estéticos caucasianos europeus em detrimento de outros padrões de beleza étnico-raciais e da biodiversidade. Permanece ainda na cultura escolar da maioria das escolas brasileiras a reprodução de desenhos prontos, a falta de experiência prática e contextualizada em diferentes linguagens das artes, como dança, música, teatro, cinema, escultura, pintura, instalação, fotografia e etc, segundo Andrade (2020).

Percebi também que há uma ausência de aprofundamento teórico e prático nas histórias das artes de diferentes regiões geográficas da civilização humana, principalmente do continente africano, das culturas indígenas e asiáticas, dentre outras. Sintetizando, de um modo geral, segundo ideias gerais de Cecilia Almeida Salles (1998), Fayga Ostrower (1987) e Euzania Andrade (2020), a arte é manifestada através da expressão de uma ideia humana ou um conjunto de ideias estéticas que envolvem um ato criador, o que acontece em todas as culturas, é universal. A arte se comunica de forma simbólica e criativa com a sociedade. Uma obra de arte é fruto de um ou mais processos criativos que transmitem ideias, sentimentos, crenças ou emoções, segundo Salles (1998). O termo arte vem da palavra latina *ars*, que significa "talento", "saber fazer", segundo diversos teóricos da arte e livros artísticos. De acordo com a professora e pesquisadora, Euzania Andrade:

É inerente que sejam articulados e esclarecidos os princípios e significados para a Arte na educação e o que a área poderia oferecer no sentido de resgatar esse conhecimento em ações cognitivas sobre experiências estéticas e artísticas, construindo, desde cedo, um repertório artístico com a criança.

Neste caminho, é possível educar a criança esteticamente no convívio com os bens simbólicos de um mundo de sons, imagens e movimentos. Portanto, é necessário que a escola e o professor proporcionem o acesso das crianças às experiências artísticas, pois, assim essas experiências serão articuladas com diferentes possibilidades de percepção e leitura de mundo. A Arte não tem o compromisso em que a criança só reproduza o que percebe, mas deve possibilitar a criação e uso da imaginação para preencher os vazios de sua leitura de mundo, articulando significados próprios (Andrade, 2020, p.135).

Andrade (2020) acredita que a arte é uma área do conhecimento essencial para a construção da inteligência, da sensibilidade humana e de uma educação sensível tanto no contexto escolar quanto fora da escola que deve ser efetivada na vida das crianças desde a primeira infância. Nesse aspecto, é muito importante que os professores, gestores, familiares, educandos, trabalhadores e todas as pessoas envolvidas na cultura escolar e em outros espaços possuam uma formação artística sensível, inteligente, democrática, ampla e criativa que amplie os seus repertórios artísticos multiculturais e biodiversos. A autora menciona os bens simbólicos como importantes aliados para a consolidação de uma educação estética rica, que pode ser construída através dos movimentos, sons e imagens. Neste sentido, é importante refletir como a arte pode potencializar o processo de aprendizagem sensível e crítico e contribuir com a ressocialização dos sujeitos presos e a socialização de crianças e adolescentes nos espaços de aprendizado e da vida.

O educador e filósofo Paulo Freire (1979) diz que

a conscientização é mais que uma simples tomada de consciência. Supõe, por sua vez, superar a falsa consciência, quer dizer, o estado de consciência semi-intransitivo ou transitivo-ingênuo, e uma melhor inserção crítica da pessoa conscientizada numa realidade desmitificada (1979, p.46).

Neste aspecto, o educador defendia uma conscientização crítica e integrada com o mundo e com sua realidade histórica desmascarada, sem manipulações e mentiras, pois deste modo o sujeito exercita a sua consciência crítica e sua própria libertação. A presente pesquisa defende que uma educação crítica transdisciplinar em artes, ecologia e urbanidades pode ajudar no processo de educação libertadora, como defendia Freire (2019).

Sendo assim, esta pesquisa acredita que a ecologia pode contribuir com a arte, pois esta possibilita expandir a relação concreta dos sujeitos com o mundo e a suas compreensões sobre as conexões vivas inerentes à vida no planeta Terra através da contemplação, do vínculo vivo e do respeito às formas, às cores, aos sabores, sons e texturas presentes na biodiversidade, que vão muito além da descrição literal de classificação das características das espécies. Anna Marie Holm (2015) fala que a palavra ecologia vem do grego *oikos*, que significa casa. A palavra *logos* significa estudo sobre algo. De acordo com Fritjof Capra:

A ecologia rasa é antropocêntrica, ou centralizada no ser humano. Ela vê os seres humanos como situados acima ou fora da natureza, como a fonte de todos os valores, e atribui apenas um valor instrumental, ou de "uso", à natureza. A ecologia profunda não separa seres humanos — ou qualquer outra coisa — do meio ambiente natural. Compreende o mundo não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e são interdependentes. A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida (Capra, 1996, p.17).

Neste aspecto, é fundamental entender a compreensão que os educandos dos espaços formais e não formais possuem sobre os conceitos de arte e de ecologia para que a teoria e a prática da abordagem da AAEC façam sentido a eles desde o início das atividades e que haja possibilidades de aprofundamento ao que é proposto. Deste modo, Capra (2006) propõe em sua abordagem de ecoalfabetização a urgência que é alfabetizar ecologicamente diante dos impactos negativos na biosfera, afirma também que a educação confronta a catástrofe e analisa a ecologia na perspectiva de três fenômenos: *teia da vida*, *os ciclos da natureza* e *o fluxo da energia*. O físico ensina que o plantio de hortas é importante porque promove a reconexão com os fundamentos básicos da comida por causa do processo dos ciclos alimentares naturais que envolvem todas as seguintes etapas: plantio, cultivo, colheita, compostagem e reciclagem.

Nos mais de 557 estudos nacionais e internacionais que foram encontrados em revisão sistemática realizada para esse estudo, de 2016 a 2022, em repositórios, como SciELO, Periódicos da CAPES, repositórios acadêmicos de teses, dissertações, artigos e

matérias jornalísticas sobre a importância da natureza para o desenvolvimento humano, há um consenso sobre a importância da natureza e, no caso das pesquisas que falam do plantio de horta, das hortas. Também foram encontrados registros, matérias e artigos de escolas e projetos de iniciativas sustentáveis que desenvolvem atividades curriculares sobre a importância do meio ambiente. É importante apontar que existem diversos estudos sobre a reciclagem de materiais, porém há uma ausência de iniciativas que coloquem a natureza como o ambiente de aprendizado e de vivência contínuo superando os objetivos de contemplação e de inspiração, que deve ser somente observado para servir de inspiração e ser preservado para a nossa sobrevivência.

Cecilia Almeida Salles (1998) discorre sobre as etapas do processo criativo através de referências artísticas de diversos artistas de contextos e lugares geográficos diferentes com intuito de promover reflexões acerca dos métodos que envolvem o processo criativo em artes. A autora fala dos ciclos do processo criativo através de exemplos concretos e subjetivos de como o ato criativo pode surgir. Segundo ela, a obra artística é o resultado de vivências que formam o repertório dos artistas com base no que eles estudaram, sentiram, observaram, refletiram e materializaram através da criação artística, sendo cada processo algo singular. Salles promove reflexões sobre o fato da obra de arte ser fruto de um processo criativo rico que articula diversas dimensões humanas em etapas processuais que geram desenvolvimento e aprendizado pessoal por meio das experiências do fazer, do sentir e do pensar, para além do resultado final expresso na obra de arte.

A autora aborda os métodos artísticos que podem ser utilizados para possibilitar reflexões sobre o processo de estudo com foco no processo criativo de artistas para outras pessoas que queiram entender mais os conceitos e as práticas que envolvem o processo de criação em artes. Ela utiliza como exemplos os diários pessoais, os esboços, os livros de artistas, obras inacabadas, referências teóricas, entre outros materiais, e propõe um método científico artístico e sensível para estudar o processo criativo. Neste sentido, ela fala também sobre a etapa de *finalização* da obra de arte e explica a essência do processo de criação que busca o sentido da experiência e da descoberta profunda que ocorre durante o percurso da criação.

Salles promove reflexões sobre as fases *inacabadas* e sobre como o artista descobre que chegou a hora de finalizar a sua obra. Ela também aponta que muitas vezes esse resultado final se transformará em processos contínuos que terão outros desdobramentos criativos e estéticos nas artes. Neste sentido, esta pesquisa acredita na

ideia de que o processo criativo ecoartístico deve envolver relações permanentes de vínculo e de vivência com a natureza, assim como os espaços formais e não formais de conhecimento. Salles apresenta evidências qualitativas que contribuem com artistas e não artistas que queiram compreender mais sobre os percursos e estímulos que envolvem o processo criativo em arte, para além da obra de arte em si. Deste modo, esta pesquisa defende que os processos criativos iniciados e desenvolvidos em espaços naturais podem promover mais criatividade, inteligência, senso de pertencimento ao mundo natural e à comunidade, respeito e bem viver. A teoria de Salles apontada aqui sobre o processo criativo tem conexão com a minha prática, pois desenvolvo processos criativos na natureza, já apliquei processos vivenciais em espaços naturais e coletei dados sobre estudos que envolvem a relação humana com a ecologia.

Já Fayga Ostrower (1987) aborda o conceito de criação e também a importância da criatividade para o desenvolvimento humano em diferentes áreas do conhecimento. Ela utiliza obras artísticas e histórias de diferentes artistas, cientistas e intelectuais como exemplos do exercício da criatividade e chega a refletir sobre o fato da criatividade ser inerente à condição humana, que a necessidade de criar acompanha o processo evolutivo da humanidade e que a sensibilidade é um aspecto fundamental que compõe as dimensões humanas e sobre a sua importância para a compreensão do mundo e para os atos de criar, de sentir, de pensar, de inovar, etc. Assim, criar é dar forma, e todos os seres humanos podem criar, sendo a criatividade uma habilidade que não é exclusiva do artista.

Ao discorrer sobre os processos criativos de diferentes artistas e cientistas, como, por exemplo, dentre outros e outras, Van Gogh, Leonardo da Vinci e Albert Einstein, menciona que este último estudou filosofia e violino e que teve a contribuição da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade entre diferentes áreas do conhecimento em seu processo criativo. A autora também aponta em sua obra como a sensibilidade está associada à percepção e pode ter sua qualidade melhorada conforme ampliamos os nossos repertórios cultural, simbólico e sensível.

Em meio a tudo isso, a autora aborda os conflitos que permeiam o processo de criação, uma vez que criar é destruir para construir e, também, não somente, é um mergulho no mundo e na subjetividade pessoal de cada sujeito. Lembrando exemplos de artistas que tiveram dificuldades em lidar com conflitos em seus processos criativos, a autora fala de como a percepção sensível e o processo de criação envolvem o inconsciente, apontando a importância dos momentos de fazer a imersão e de sair dela

para preservar a saúde mental e emocional diante de conflitos subjetivos graves que podem impactar negativamente a saúde do artista. Concomitantemente, em seu trabalho também são abordados o desenvolvimento infantil, o conceito de forma, configuração, valores, contextos culturais, crescimento, maturidade, espontaneidade, liberdade, entre outros. A autora menciona o fato do bebê adquirir consciência de si através da relação com a mãe e com o mundo, aumentando o potencial de consciência que o bebê possui desde que nasce e como o mesmo vai gradualmente organizando as estruturas cognitivas de consciência.

Ao discutir o conceito de *forma*, Ostrower nos lembra que ele significa configurações da superfície. Ela ensina que é o modo pelo qual os fenômenos se relacionam, mas não somente, é o modo como são configuradas certas relações dentro de um contexto. A autora menciona o conceito de *ordenações de campo* e *ordenações de grupo* e aponta que: nas ordenações de grupo se generaliza e se conceitua enquanto que nas ordenações de campo se acentua a unicidade de um acontecimento, de modo que o fenômeno seja mencionado dentro da sua existência sensual. Essas duas modalidades são influenciadas pelo contexto em que os indivíduos vivem e formam os seus valores, ou seja, a cultura.

A autora fala também sobre perspectiva e os elementos formais das artes visuais, como: cor, linha, superfície, volume e luz, apontando como na idade média muitas pessoas entendiam e aplicavam a técnica da perspectiva de maneira intuitiva, uma vez que o homem medieval notava a linha do horizonte, o ponto de fuga, etc. Mas, também, como ela mesma nos adverte, há uma diferença monumental entre notar e relacionar, pois para relacionar é preciso selecionar e construir relações/interconexões. Atualmente a perspectiva é considerada um método, uma técnica de projeção e, segundo Ostrower, deixou de ser forma expressiva.

Em sua abordagem sobre como a criança é criativa por agir de maneira solta, com imaginação, brincando, associando, sonhando, sendo espontânea, simbolizando e fingindo, Ostrower se debruça sobre os conceitos de crescimento e maturidade e aponta que, para a criança, criar é viver. A criança muda as formas de expressão por causa das mudanças de comportamento aos quais passa durante o seu processo de crescimento nas idades de 2, 4, 7 e 10 anos, assim como também há mudanças na sensibilidade também durante a puberdade. Perto desta fase a criança passa a se expressar cada vez mais através de formas mais analíticas e reais, menos simbólicas. A autora considera que a criatividade se realiza em consonância com a maturação da personalidade do sujeito,

sendo através da maturidade que o ser humano irá criar com espontaneidade e exercerá a criatividade como função global e expressiva da vida. Com isso, podemos considerar que a melhor seletividade corresponderá à maior espontaneidade. Ostrower ressalta a importância de aceitar as nossas limitações e as delimitações que existem em todos os fenômenos para a liberdade do ato de criar, apontando, ao fim, que criar é tão difícil ou tão fácil quanto viver e, do mesmo modo, que isso é necessário.

Esta pesquisa concorda com Fayga Ostrower, pois ela contempla uma perspectiva transdisciplinar de criatividade e reconhece que o ato criativo está presente em diversas áreas do conhecimento. Nesse sentido, a criação artística em suas diferentes linguagens necessita de um modelo metodológico que não negue o caráter sensível e intuitivo do processo de criação, segundo Silvio Zamboni (2006), quem afirma que o processo de criação em sua natureza é pesquisa e a obra de arte possui um caráter multissignificativo. Zamboni ensina que o conhecimento humano é formado por componentes lógicos e racionais combinados com aspectos intuitivos e sensíveis e, por isso, deve-se considerar e valorizar o processo criativo nas pesquisas de arte.

Ao dizer que a educação dos sentidos e da percepção amplia nosso conhecimento de mundo ele reflete que o processo criativo em arte é particular, não passível de generalizações e transmite mensagens de natureza ampla. Já na ciência o processo criativo tem caráter geral, busca generalizações, é explicativo e racional. De acordo com o autor, a criatividade tem relação com a intuição, mas não é propriamente um produto inconsciente. Os momentos intuitivos se alteram com ordenação racional e a arte e a ciência refletem a experiência e a visão pessoal dos sujeitos envolvidos no processo. Neste sentido, aponto que há ressalvas, pois a ciência e o cientista trabalham com temas e recortes específicos em suas pesquisas.

Assim sendo, é fundamental proporcionar atividades artístico-pedagógicas às crianças, adolescentes, adultos e idosos, integrar arte e ecologia para analisar as potencialidades que podem emergir das duas áreas do conhecimento para um processo criativo mais rico, sensível, inteligente e ecológico e que contribua com o desenvolvimento holístico dos educandos. O escritor e ativista indígena Ailton Krenak (2019), refletindo em seus textos que os seres humanos são e fazem parte da natureza, aponta que

quando por vezes, me falam em imaginar outro mundo possível, é no sentido de reordenamento das relações e dos espaços, de novos entendimentos sobre

como podemos nos relacionar com aquilo que se admite ser a natureza, como se a gente não fosse natureza (2019, p. 67).

Se aproximando desta ideia, a pesquisa aqui apresentada defende que processos ecoartísticos podem contribuir à reconexão e à vivência contínua do ser humano com a natureza gerando novas formas de se desenvolver plenamente, integrar, conservar, relacionar e amar a natureza acionando o estado de presença, pertencimento e irmandade.

### **1.1. Infâncias e adolescências em espaços formais, não formais de conhecimento e em contexto de privação de liberdade**

A arte e a ciência possuem diferenças e semelhanças em seus processos de construção de experiências e evidências, ambas podem contribuir com o processo de desenvolvimento pleno dos sujeitos que estão em processo de aprendizagem nos espaços formais, como escolas, universidades, entre outros, e informais de conhecimento, como centros culturais, museus, bibliotecas, teatros e centros comunitários, pois estimulam a dimensão criativa através dos seus processos singulares e semelhantes de construção do conhecimento. Os centros prisionais e socioeducativos que compõem o sistema prisional brasileiro para adultos e adolescentes deveriam operar como locais de restauração, ressocialização e integração de pessoas, segundo os direitos das pessoas presas assegurados pela Constituição Federal e pela Lei de Execução Penal de nº 7.210, de 1984. Mesmo que o sujeito preso esteja privado de liberdade, ele deve ter os seus direitos de cidadão, como educação, saúde, assistência jurídica, trabalho, entre outros, para remição da pena, mas isso não acontece plenamente por causa de diversos fatores.

Neste aspecto, é fundamental refletir a importância da transdisciplinaridade entre arte, ecologia e outras áreas do conhecimento para o planejamento de atividades artístico-pedagógicas que contribuam ao desenvolvimento integral dos sujeitos presos nesses espaços para contribuir à ressocialização cidadã. A arquitetura desses espaços precisa ser planejada com foco no desenvolvimento integral dos sujeitos para, assim, contribuir com a melhora de seus comportamentos. O espaço prisional precisa ser mais arborizado e não pode ser mais uma tecnologia de tortura, estímulos para transtornos de saúde mental e violência.

Juliana Borges (2019) reflete sobre o projeto de encarceramento em massa que está acontecendo no Brasil e em outros países diante do aumento da quantidade de pessoas que são presas anualmente, principalmente pessoas negras, indígenas, de outras minorias étnicas e pobres. Borges diz que

...atualmente, segundo dados do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (InfoPen), temos a terceira maior população prisional do mundo, ficando atrás de Estados Unidos e China, tendo deixado a Rússia em 4º lugar em junho de 2016. São 726.712 pessoas presas no país (2019, p.19).

Ainda de acordo com Borges:

...64% da população prisional é negra, enquanto que esse grupo compõe 53% da população brasileira. Em outras palavras, dois em cada três presos no Brasil são negros. Se cruzarmos o dado geracional, essa distorção é ainda maior: 55% da população prisional é composta por jovens, ao passo que esta categoria representa 21,5% da população brasileira. Caso mantenhemos esse ritmo, em 2075, uma em cada 10 pessoas estará em privação de liberdade no Brasil (Borges, 2019, p. 19-20).

Sobre as adolescentes e mulheres presas, e a importância dos recortes de gênero, étnico-racial, socioeconômico, ela diz o seguinte:

Em números absolutos, 37.380 mulheres estão em situação prisional. À primeira vista, poderíamos refletir sobre esse dado como uma informação de que esse é um número não tão alarmante. No entanto, entre 2006 e 2014, a população feminina nos presídios aumentou em 567,4%, ao passo que a média de aumento da população masculina foi de 220% no mesmo período. Temos a quinta maior população de mulheres encarceradas do mundo, ficando atrás apenas de Estados Unidos (205.400 mulheres presas), China (103.766), Rússia (53.304) e Tailândia (44.751). Entre as mulheres encarceradas, 50% têm entre 18 e 29 anos e 67% são negras, ou seja, duas em cada três mulheres presas são negras. Há, portanto, um alarmante dado que aponta para a juventude negra como foco de ação genocida do Estado brasileiro. Os dados de jovens mulheres sob medidas socioeducativas também vêm crescendo. A estrutura das casas segue a lógica prisional, a maioria das internas tem entre 15 e 17 anos, sendo 68% negras – esse dado no Estado de São Paulo chega a 72%. Tráfico de drogas e roubo são a maioria dos atos infracionais e os argumentos apresentados não diferem: vulnerabilidades sociais, necessidade de sustento dos filhos e da família, desestruturação familiar, violência e abuso doméstico-sexual (Borges, 2019, p.20).

É importante ressaltar que esses dados apresentados por Juliana Borges (2019) são recentes, mas podem ter tido alterações na quantidade do número de pessoas presas nos países mencionados, incluindo o Brasil, por causa do governo Bolsonaro, de extrema-direita, entre os anos de 2018 e 2022, o que demonstra ser fundamental seguir

pesquisando e gerando dados científicos atualizados. O filósofo, historiador e pesquisador Achille Mbembe (2011) elaborou o conceito de *necropolítica* para evidenciar a política de morte instrumentalizada e adaptada pelo Estado. Segundo o teórico, os mecanismos técnicos para conduzir as pessoas à morte são cada vez mais sofisticados graças à tecnologia que alimenta os processos de morte com a autorização/atuação do Estado e que se desenvolve com velocidade desde a revolução industrial. A necropolítica tem relação com a herança dos períodos coloniais que atuam com as dinâmicas de dominação capitalista, militarizada, patriarcal e racista atuais, com o objetivo de dominar e eliminar os inimigos do Estado.

Esta pesquisa parte do princípio de que esse conceito criado por Mbembe (2011) pode contribuir com a reflexão sobre como os poderes que atuam articulados com o Estado promovem uma política de morte em diversos territórios. Neste sentido, os presídios de diversos países, inclusive os brasileiros, estão dentro dessa lógica por causa de toda estrutura insalubre em questão e da política de tortura e extermínios. Ao invés do Estado brasileiro cumprir, conforme estabelece a lei *art. 5º, XLIX*, ser “assegurado aos presos o respeito à integridade física e moral”, assim como também o *art. 40* da Lei de Execução Penal, nº 7.210/84, que também institui que “impõe-se a todas as autoridades o respeito à integridade física e moral dos condenados e dos presos provisórios”, o dever de ressocialização dos sujeitos presos, que em sua maioria é jovem, negra, indígena e pobre, como demonstra os estudos de Juliana Borges citado acima, o estado opta por aplicar a necropolítica nas prisões.

No Brasil e nos EUA, a maioria dos presos cumpre pena por tráfico e uso de drogas e crimes patrimoniais, segundo Juliana Borges (2019). É fundamental seguir investigando as prisões, pois, segundo Angela Davis (2016), é possível que haja o dobro de pessoas sofrendo transtornos de saúde mental nas prisões do que em todos os hospitais psiquiátricos nos EUA. Em outra obra, questiona: “estamos dispostos a relegar um número cada vez maior de pessoas de comunidades racialmente oprimidas a uma existência isolada, marcadas por regimes autoritários, violências, doenças e tecnologias de reclusão que produzem severa instabilidade mental?” (Davis, 2018, p.6).

Neste aspecto, é essencial analisar os impactos que o desconforto térmico, sonoro e outros fatores que causam outros tipos de mazelas, inclusive dores física, psicológica e emocional, podem causar ao desenvolvimento pleno dos educandos encarcerados por causa do excesso de concreto e metal das prisões e a ausência de espaços ecológicos nos espaços de vida dos educandos que estão presos.

Judith Butler diz que “a questão de saber quem merece ser tratado humanamente pressupõe que tenhamos primeiro estabelecido quem pode e quem não pode ser considerado humano” (2007, p.230), referindo-se ao modo como o governo estadunidense viola os direitos humanos e as Convenções de Genebra<sup>3</sup> para julgar e condenar os presos da prisão de Guantánamo, na baía de Cuba. Os presos em Guantánamo são torturados, ficam isolados, algemados e com as mãos e rostos cobertos para que assim sejam desumanizados ao extremo. Eles também não possuem acesso à natureza na prisão.

As cadeias fazem parte da cidade e são colocadas nas rodovias para seguir um modelo político e geográfico que aparta e segrega ao invés de conectar e incluir. É por essa razão que esta pesquisa defende a importância de investigar as prisões, as escolas e os espaços não formais de conhecimento e socialização de maneira transdisciplinar buscando entender como que a transdisciplinaridade entre arte, ecologia, educação, psicologia e outras áreas do conhecimento podem ser possíveis caminhos para processos de aprendizados sensíveis, além de políticas públicas que invistam nas pessoas, mas também em todos os lugares da cidade e dos territórios geográficos. Segundo Basarab Nicolescu:

A interdisciplinaridade tem uma ambição diferente daquela da pluridisciplinaridade. Ela diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra. Podemos distinguir três graus de interdisciplinaridade: a) um grau de aplicação. Por exemplo, os métodos da física nuclear transferidos para a medicina levam ao aparecimento de novos tratamentos para o câncer; b) um grau epistemológico. Por exemplo, a transferência de métodos da lógica formal para o campo do direito produz análises interessantes na epistemologia do direito; c) um grau de geração de novas disciplinas. Por exemplo, a transferência dos métodos da matemática para o campo da física gerou a física-matemática; Os da física de partículas para a astrofísica, a cosmologia quântica; os da matemática para os fenômenos meteorológicos ou para os da bolsa, a teoria do caos; os da informática para a arte, a arte informática. Como a pluridisciplinaridade, a interdisciplinaridade ultrapassa as disciplinas, mas sua finalidade também permanece inscrita na

---

<sup>3</sup> As convenções de Genebra são tratados realizados na cidade suíça que tem o nome de Genebra, localiza-se na Suíça, país que fica no continente europeu. As convenções de Genebra definem normas para a legislação internacional referente ao DIH - Direito Internacional Humanitário, com o objetivo de regular a condução dos conflitos armados e intervir, buscando limitar os efeitos da barbárie. As normas também visam proteger as pessoas que não participam e as que deixaram de participar dos conflitos.

pesquisa disciplinar pelo seu terceiro grau, a interdisciplinaridade chega a contribuir para o big-bang disciplinar.

A transdisciplinaridade como o prefixo “trans” indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento (Nicolescu, 2001, p.15-16).

A interdisciplinaridade conecta duas ou mais áreas do conhecimento e transfere métodos de uma área para a outra, a *transdisciplinaridade* transpassa além pelas disciplinas ao mesmo tempo em que está entre e através das disciplinas, proporcionando uma compreensão mais profunda e integrada dos fenômenos e objetos, como ensina Nicolescu (2001), podendo ser um caminho para o desenvolvimento holístico dos educandos em conflito com a lei e possibilitar que no futuro mais projetos de prisões e escolas construídas para serem espaços fechados com matéria prima à base de metal e concreto sem arborização deixem de existir. Esta pesquisa acredita que a constante investigação transdisciplinar envolvendo outras áreas do conhecimento possa construir bases de dados sólidas e projetos efetivos que transformem para melhor a barbárie do sistema prisional brasileiro e a precariedade extrema da educação básica brasileira.

Segundo a pesquisadora transdisciplinar Regina Migliori (2015), na ocasião de uma entrevista para o canal *MindEduca* no YouTube, diante da questão “o que é a transdisciplinaridade?”, o prefixo *trans* significa “ir além”. Ela também afirma que a vertente racional, o conhecimento e as formas como temos as disciplinas hoje, nasceram há mais de 300 anos, quando o francês René Descartes, filósofo, matemático, físico e fundador da filosofia moderna, expressou uma forma de pensar: “*Penso, logo existo*”. Assim, pensar no século XVII era sinônimo de raciocínio, intelecto. Já no século XXI, entendemos que pensar é muito mais amplo do que isso graças a tudo o que nós já conhecemos sobre o ser humano a respeito do cérebro e da mente, segundo os estudos recentes sobre o funcionamento do Sistema Nervoso Central (SNC) articulado com o Sistema Nervoso Periférico (SNP). De acordo com a autora, a transdisciplinaridade contempla nossas múltiplas dimensões.

Como foi dito, as cadeias fazem parte de um projeto de urbanização e distribuição da cidade e são colocadas nas rodovias para seguir um modelo político-geográfico que aparta e segrega ao invés de conectar e incluir todos os sujeitos. É

essencial refletir a transdisciplinaridade entre arte, neurociências e ecologia com as urbanidades para investigar o ambiente urbano e questões geopolíticas da cidade e sua relação com a saúde integral das pessoas. Como já mencionado, atuei por mais de 3 anos na Fundação CASA de Ribeirão Preto, no sistema socioeducativo para adolescentes, que, infelizmente, segue a mesma lógica da arquitetura do sistema prisional para adultos por escolhas políticas de Estado. Na época atendia 4 turmas com cerca de 15 meninos durante ciclos que duravam 3 meses, ministrando aulas/oficinas de artes plásticas. Durante esse processo foi possível analisar e vivenciar as condições e os impactos da precariedade extrema do sistema e da arquitetura prisional brasileiros nos seres humanos que ali cumprem pena, crianças e adolescentes encarcerados, e trabalham os adultos servidores públicos concursados e terceirizados.

O geógrafo Milton Santos (2006) reflete como a expansão da divisão do trabalho na cidade sofre os efeitos da socialização capitalista em seu modo de operar no domínio de valores de troca. Ele fala sobre o aumento da urbanização e critica a racionalização tecnicista e moderna, pois, segundo ele, quanto maior for a articulação do campo tecnicizado e modernizado mais difícil será as interdependências entre as cidades. Fazendo uma crítica à burocracia e ao modo de trabalho que trata o ser humano como máquina ele destaca também que as atividades modernas possuem como tendência serem o reinado do tempo cronológico, dos regulamentos, dos impedimentos, etc. Neste sentido, a prisão segue esta dinâmica desde a arquitetura e a construção do espaço, às regras severas, punições desumanas, modo disfuncional de operar, interdições autoritárias associadas ao tempo da pena/punição do encarcerado e ao tempo do trabalho dos servidores públicos, mas, não somente, pois inclui também os diversos atores desenvolvedores da mecânica dura das cadeias.

## **1.2. Neoliberalismo e saúde mental**

Os retrocessos socioambientais promovidos pelas políticas neoliberais capitalistas afetam profundamente a saúde em uma perspectiva biopsicossocial. O sistema econômico capitalista está atrelado à expansão do sistema neoliberal e suas dinâmicas para encolher os territórios públicos e espaços de participação democrática popular social. Vladimir Safatle, Nelson da Silva Junior e Christian Dunker (2021)

abordam a gestão do sofrimento psíquico como um método do neoliberalismo da gestão da dor humana para que os corpos se adaptem e não desvelem a perversidade desse sistema. Os autores falam sobre a natureza contraditória e problemática que envolve as instituições e as estruturas, como a família, o casamento, o mundo do trabalho, a escola, a igreja, o hospital e a sexualidade no projeto neoliberal. Segundo eles:

O neoliberalismo não é apenas uma teoria econômica que acabou por favorecer a financeirização das empresas, o nascimento do capitalismo imaterial, onde o valor da marca pode superar a importância da produção. Ele também não é apenas o reflexo de uma valorização do consumo, como padrão de formação de identidades e como ponto de definição negocial. Ele representou uma nova moralidade que prescreve como devemos sofrer sobre o neoliberalismo, tendo na sua cúspide preferencial a síndrome depressiva. Agora o sofrimento não é mais um obstáculo para o desenvolvimento da indústria, mas pode ser medicalmente produzido e administrado para aumentar o desempenho e é isso que caracteriza o neoliberalismo no contexto das políticas de sofrimento: individualização, intensificação e instrumentalização (2021, p.181-182).

Corpos medicalizados e patologizados fazem parte da operacionalidade do sistema neoliberal que normatiza padrões, instaura comportamentos que moldam a subjetividade, o desejo e a performance das pessoas que passam a funcionar como projetos humanos de empresas individuais em todos os setores da vida. Ainda os mesmos autores falam das mudanças nos manuais psiquiátricos para abarcar toda essa engenharia do sofrimento gerida pelo neoliberalismo e utilizam o conceito de *gramática do sofrimento psíquico*, referindo-se ao discurso híbrido interdisciplinar entre economia e psicologia que serve aos regimes de gestão social dentro da perspectiva empresarial. Eles mencionam também a relação do aumento da pobreza, a ausência do estado de bem estar social, o enfraquecimento dos sindicatos e o mecanismo de despolitização em massa como uma estratégia para que haja uma aceitação coletiva sem entendimento profundo das causas e dos efeitos desse sistema socioeconômico.

Os pesquisadores também falam do conceito de *capital humano*, que está associado ao economista Gary Becker, da Escola de Chicago, vertente teórica responsável pela formação de diversos economistas que contribuíram à implementação do neoliberalismo em diversos países, como Brasil, Chile e outros. Eles dizem que:

...sendo cada um convertido em ‘capital’, os sujeitos passam a se compreender como empresas submetidas à insegurança típica das dinâmicas dos mercados”. E acrescenta também que “em uma sociedade competitiva, os

indivíduos comparam e hierarquizam constantemente coisas e pessoas, sendo eles mesmos passíveis de (des)classificação a todo momento” (Safatle; Junior, Dunker, 2021, p.48).

Para a hipótese depressiva e à psicanálise, segundo Safatle, Júnior e Dunker (2021), a experiência depressiva está associada ao fato do sujeito herdar a figura social do fracassado, do sujeito inadequado quando este não consegue se ajustar às regras e às normas. Ao invés disso ser percebido como um possível motivo para rebelião, greve ou oposição na sociedade neoliberal que faz gestão do sofrimento psíquico é visto como um fator externo que o impede e o inibe, começando do seu próprio cérebro. Eles mencionam uma nova hipótese da depressão que não confronta a teoria psicanalítica. De acordo com os autores:

Esta nova narrativa do sofrimento individualiza o fracasso, na forma da culpa, sem interioriza-lo na forma de conflitos. Com isso ela consegue isolar completamente a dimensão política, das determinações objetivas que atacam nossas formas de vida, redimensionando trabalho, linguagem, desejo, o sofrimento psíquico. Isso pode ser ótimo do ponto de vista da explicação social da produção desviante, fracassados ou excedentes do sistema de produção, no entanto isso só funciona porque tem um enraizamento real na experiência depressiva. Nela a autoavaliação, auto-observação, o juízo comparativo e a apreciação de si mesma ocupa longas extensões de tempo e rapta grande parte da energia psíquica do indivíduo (Safatle; Júnior, Dunker, 2021, p.190).

A ideia de sujeito fracassado imposta pela sociedade neoliberal é interessante para esta pesquisa, pois a esmagadora maioria da população global é pobre e possui menos acesso a oportunidades e direitos humanos fundamentais. Durante a minha trajetória como professora, artista e pesquisadora, foram observados casos de educandos, professores e trabalhadores em geral com depressão e sentimento de fracasso, principalmente na Fundação CASA. Há a necessidade de pesquisar a saúde mental desta população, pois existem casos de depressão e suicídio de adolescentes, principalmente nos modelos T40 (unidades prisionais da Fundação CASA que são mais recentes, mas com arquitetura muito fechada e sem arborização interna), segundo os próprios servidores da Fundação CASA. Abaixo apresento imagens deste modelo prisional extraído do site oficial da Fundação CASA, Governo de São Paulo e matéria jornalística.



Imagem 15. Fonte: <https://fundacaocasa.sp.gov.br/index.php/a-fundacao-casa/>. Acessado em: 15 agosto 2023.

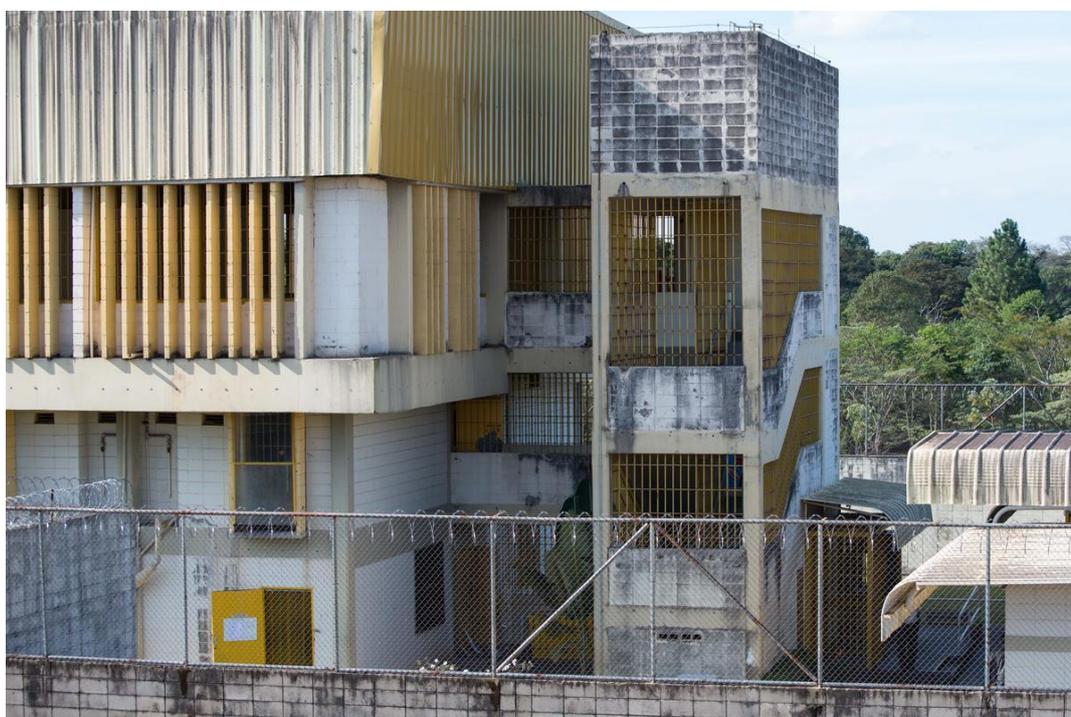


Imagem 16. Fonte: <https://acontecebotucatu.com.br/policia/apos-nova-rebeliao-funcionarios-da-fundacao-casa-va-justica-prevendo-tragedia-em-botucatu-documento-fala-em-tentativa-de-homicidio/>. Acessado em: 15 agosto 2023.

A pesquisa aqui apresentada não pretende se aprofundar no contexto histórico que concebeu estes modelos arquitetônicos para o cárcere humano e nem discutir a narrativa da matéria jornalística, pois aqui o objeto de estudo é outro. O que julgo importante evidenciar é que esta e outras unidades prisionais da socioeducação fizeram parte do percurso e dos estudos iniciais desta pesquisadora, pois foram nesses lugares que muitas hipóteses aqui apresentadas nasceram, principalmente no tocante às relações

de poder do mundo, aos métodos de ensino, aos projetos políticos aplicados e geridos pelo Estado, à desconexão humana com a natureza, etc. As duas fotografias acima permitem também visualizar as formas que envolvem o objeto de discussão, que, neste caso, são os modelos prisionais mais atuais que deveriam ser centros estruturados para contribuir com um projeto de socioeducação efetivo e humanizado.

Em um sentido geopolítico mais amplo, é comum quando falamos de países em desenvolvimento, mais empobrecidos e com mais desigualdades sociais, e países desenvolvidos, aqueles mais ricos e com mais distribuição de renda, desconsideramos uma série de condutas dos países ricos contra os países pobres para mantê-los em estado constante de subalternidade coletiva e de fracasso geopolítico. Nos próximos parágrafos iremos analisar brevemente 3 documentários que comprovam esses fatos, ressaltando a relevância das linguagens artísticas para discutir questões tão essenciais por meio da imagem e dos discursos documental, político e poético.

O documentário *La Tragedia Electrónica* (Dannoritzer, 2014) mostra o descarte do lixo eletrônico na Espanha e como outros países desenvolvidos e em desenvolvimento descartam o lixo afetando negativamente a ecossfera e, principalmente, como os países ricos usam países pobres da África como aterro sanitário de lixo eletrônico, afetando profundamente o desenvolvimento socioambiental dos povos e diferentes espécies dessas regiões com forte histórico de exploração e colonização.

Já o documentário *O Sal da Terra* (Salgado; Wenders, 2015) conta a história do fotógrafo Sebastião Salgado através de suas fotografias e de uma narração crítica, potente e poética, onde o próprio fotógrafo narra as histórias por detrás de cada uma de suas fotografias. Sebastião Salgado possui uma estética única e um olhar singular para a vida na Terra, suas fotografias em preto e branco mostram uma trajetória global e local e nos faz projetar as nossas cores e afetos. Sebastião presenciou os piores genocídios do final do século XX e, depois de acompanhar o genocídio que assassinou mais de 800.000 mil pessoas em Ruanda no continente africano, ele perdeu a crença na espécie humana.

Anos depois, Sebastião decidiu fotografar a vida no planeta, o que podemos ver em seu livro *Gênesis*. Ele atuou junto com a sua esposa, Lélia Wanick Salgado, no processo de reflorestamento das terras do seu pai. Durante o processo de reflorestamento o fotógrafo se reconectou com a sua potência artística que estava adormecida de tristeza por ver tanta barbárie promovida pelo poder, pela exploração e pela coisificação da vida humana. É importante ressaltar que a autora, produtora gráfica

e cinematográfica e ambientalista, Lélia Salgado, sempre atuou na direção dos livros de fotografia de Sebastião Salgado.

A história do fotógrafo é interessante para esta pesquisa, pois ele sempre esteve muito imerso nos locais que fotografava e em seus processos de criação. O artista e ativista fazia questão de vivenciar da maneira mais visceral possível as realidades que registrava, criando vínculos com pessoas e participando de manifestações culturais específicas de cada região por onde passava. Seria possível registrar todas as fotografias que o artista realizou sem essa experiência concreta e contínua com os espaços geográficos que o mesmo acessou e se vinculou? Seria possível adquirir tamanha sensibilidade e criatividade apenas registrando qualquer imagem cotidiana sem estar presente vivenciando aqueles espaços e os vínculos humanos e ecológicos em suas inteirezas? Desenvolveremos mais os temas que envolvem estas questões nos próximos capítulos.

O documentário *The Corporation* (Achbar; Abbott, 2003) mostra como as corporações dominam e destroem a biodiversidade com a ausência total de democracia, a exploração de mão de obra de pessoas trabalhadoras pobres e a cumplicidade de estados com representantes políticos corruptos do sistema financeiro. A obra documental relaciona o comportamento das corporações com as características do Transtorno de Personalidade Antissocial (TPA), segundo as classificações do próprio transtorno que está no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) atualmente, mencionadas no documentário *The Corporation*.

O Transtorno de Personalidade Antissocial (TPA), ou Transtorno de Personalidade Dissocial (TPD), recebe o código F60. 2. na Classificação Internacional de Doenças Mentais (CID-10), na qual cada doença e problema relacionados à saúde possuem códigos diferentes. O TPA é popularmente conhecido como psicopatia. Resumidamente, o TPA é definido por um padrão geral de desrespeito aos direitos dos outros e falta de empatia. As pessoas com este transtorno possuem insensibilidade, cinismo e ridicularizam o sofrimento dos outros. É importante ressaltar que este transtorno não é o foco da pesquisa e que atualmente existe o CID-11 e que os estudos científicos evoluem, buscando melhores definições conceituais, tratamentos humanizados e soluções.

Nesse sentido, este estudo acredita que os três documentários citados acima contribuem para uma discussão transdisciplinar sobre os problemas contemporâneos que afetam a vida no mundo. Eles demonstram dinâmicas de exploração, degradação,

violência, dominação e morte por causa dos efeitos do sistema econômico capitalista, neoliberal, cis-heteropatriarcal e neocolonial, impostos e orquestrados por homens brancos poderosos que detêm os meios de produção. Os meios de produção, na visão de Karl Marx e Friedrich Engels (2008), é todo o conjunto de equipamentos que os trabalhadores e trabalhadoras utilizam em troca de renda, vendendo a força de seus próprios trabalhos. Os donos das terras, das empresas e dos objetos fazem parte da burguesia, que é composta por um grupo de pessoas muito ricas e que é uma parcela muito pequena da sociedade global e localmente, dependendo da região.

Marx e Engels ensinam sobre a importância dos trabalhadores e trabalhadoras terem consciência de que pertencem à classe trabalhadora e de como a luta de classes faz parte do processo histórico de dominação da humanidade, pois quem vende a força de trabalho muitas vezes não tem uma relação de produção de sentido com o que faz e, por vezes, realiza determinadas atividades laborais exploratórias, já que não existe uma divisão igualitária dos recursos e a maior parte do lucro fica para a burguesia. Na visão desses autores, a classe trabalhadora produz e, por esse motivo, é importante democratizar os meios de produção para que cada pessoa tenha autonomia na execução da força de seu trabalho e receba dignamente por este, além de poder gerir o próprio tempo.

A história de todas as sociedades até agora tem sido a história da luta de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, membro das corporações e aprendiz, em suma, opressores e oprimidos, estiveram em contraposição uns aos outros e envolvidos em uma luta ininterrupta, ora disfarçada, ora aberta, que terminou sempre com a transformação revolucionária da sociedade inteira ou com o declínio conjunto das classes em conflito (Marx; Engels, 2008, p.8).

Os autores evidenciam a perspectiva histórica da luta de classes utilizando uma linguagem muito centrada no papel dos homens burgueses contra homens trabalhadores, reflexo do período histórico em que viveram. Mas desde aquela época havia mulheres caucasianas casadas que trabalhavam em suas próprias casas sem remuneração e pessoas negras escravizadas no Brasil. A primeira publicação do Manifesto do Partido Comunista aconteceu no dia 21 de fevereiro de 1848, na Europa, e a abolição da escravidão negra no Brasil aconteceu no dia 13 de maio de 1888. Segundo Silvio Almeida (2019), Brasil colhe os efeitos negativos dessa situação até hoje por causa do

processo de colonização indígena e a escravidão negra, de acordo com seus estudos sobre racismo estrutural, que estrutura a base da formação da sociedade como um todo, racismo institucional, que está presente historicamente no Estado, na justiça e nas instituições, e racismo individual, praticado por sujeito racista alimentado por uma estrutura que solidifica o racismo nas relações socioculturais da sociedade. Segundo ele:

Poder-se-ia dizer que o racismo normaliza a superexploração do trabalho, que consiste no pagamento de remuneração abaixo do valor necessário para a reposição da força de trabalho e maior exploração física do trabalhador, o que pode ser exemplificado com o trabalhador ou trabalhadora que não consegue com o salário sustentar a própria família ou o faz com muita dificuldade, e isso independentemente do número de horas que trabalhe. A superexploração do trabalho ocorre especialmente na chamada *periferia do capitalismo*, onde em geral se instalou uma lógica colonialista. O racismo, certamente, não é estranho à expansão colonial e à violência dos processos de acumulação primitiva de capital que liberam os elementos constitutivos da sociedade capitalista (Almeida, 2019, p.105-106).

A pesquisa aqui apresentada se orienta pela concepção de Almeida apresentada acima sobre o capitalismo atual, no que tange às explorações física e psicossocial do trabalhador e da trabalhadora, principalmente por causa da dependência da baixa remuneração que impede a dignidade básica necessária para a manutenção da própria vida e das pessoas dependentes em suas famílias. A exploração extrema acontece com pessoas que vivem nas periferias, florestas, áreas rurais e em situação de rua, seguindo uma dinâmica neocolonial onde a maioria das pessoas que não são caucasianas e das classes sociais mais ricas sofre profundamente por terem seus direitos negados. Por isso é essencial a construção e a efetivação de uma nova política econômica socioambiental.

Por sua vez, essa a pesquisa pauta-se também pelo ecofeminismo e no quanto a economia feminista coloca a sustentabilidade da vida no centro da sua análise e da sua ação, descentralizando os mercados. Segundo Corina Rodríguez Enríquez (2015), conseqüentemente, o funcionamento do atual sistema econômico sob este ponto de vista não visa a reprodução do capital, mas a reprodução da vida e a preocupação, em sua perspectiva, é encontrar a melhor disposição para sustentar e reproduzir a vida. Por essa razão, ela afirma, a economia feminista se preocupa com a questão distributiva no centro do debate para, assim, poder reconhecer, identificar, analisar e propor mudanças na maneira como vivemos, considerando a superação da desigualdade de gênero como um elemento essencial para a equidade socioeconômica. Assim, também podemos considerar que

a economia feminista é um programa acadêmico, mas também um programa político. Ele não tem uma afirmação asséptica para descrever a realidade (como afirmam os economistas neoclássicos), mas um objetivo político de transformá-lo num sentido mais igualitário (Enríquez, 2015, p.3).

Dentro desta perspectiva, segundo a autora, a contribuição da economia feminista visa fortalecer o desenvolvimento da economia como ciência social, mas não somente, também como uma abordagem dialógica com outras correntes de pensamentos, disciplinas e movimentos políticos. Esta pesquisa acredita que a teoria da economia feminista é um possível caminho para superarmos o neoliberalismo e suas mazelas que geram sofrimento psíquico.

### **1.3. Transtorno do Déficit de Natureza e atividades transdisciplinares restauradoras em áreas verdes**

As crianças, os adolescentes e os adultos em geral, estão cada vez mais distantes da natureza, principalmente nas grandes cidades urbanas. Os projetos de urbanização das cidades cada vez menos disponibilizam áreas verdes e de lazer para as infâncias e às adolescências. Os espaços escolares, prisionais, residenciais e de socialização humana nas cidades estão cada vez menos arborizados. Nas escolas a maior parte das atividades escolares é realizada dentro das salas de aula com estratégias pedagógicas que não estimulam todos os sentidos humanos, que são: tato, visão, audição, paladar e olfato, e a relação desses sentidos com a natureza. Os espaços informais de conhecimento por vezes dispõem de tecnologia, mas pouca vegetação e atividades integradas à natureza.

A respeito da relação do ser humano com a natureza, foi examinada a literatura de Richard Louv (2016), especialista em direito pela infância, educador, jornalista, co-fundador e presidente emérito da *Children & Nature Network*, organização que impulsiona um movimento internacional para conectar pessoas e comunidades com a natureza. Louv apresenta reflexões sobre como a ausência da natureza no cotidiano está restringindo os sentidos e afetando a saúde mental das crianças e adolescentes. Ele usa o conceito de *Transtorno do Déficit de Natureza* (TDN) para descrever esse conjunto de alterações psicológicas e comportamentais, assim como também a sua relação com

outros transtornos de saúde mental e com a falta de inspiração para a aprendizagem e pela própria vida. De acordo com o autor:

O transtorno do déficit de natureza descreve os custos da alienação em relação à natureza, incluindo a diminuição no uso dos sentidos, a dificuldade de atenção e índices mais altos de doenças físicas e emocionais. O transtorno pode ser detectado individualmente, em famílias e em comunidades - pode até alterar o comportamento humano nas cidades, o que acaba afetando sua estrutura, uma vez que estudos consagrados relacionam a ausência de parques e espaços abertos (ou a inacessibilidade a eles) a altos índices de criminalidade, depressão e outras mazelas urbanas (Idem, p.58).

Louv relaciona o Transtorno do Déficit de Natureza à ausência da natureza nos espaços de vivência e a altos índices de criminalidade, entre outros fatores negativos que afetam a saúde na perspectiva biopsicossocial dos sujeitos. Nesse sentido, são essenciais e urgentes investigar a relação de tal transtorno com a criminalidade, já que diversos estudos prisionais relacionam a criminalidade à pobreza, ao racismo, ao sistema jurídico racista, elitista e machista e outros fatores que não levam em consideração a falta da natureza como um fator de propensão para a criminalidade. Neste aspecto a transdisciplinaridade entre arte, educação, ecologia e psicologia podem gerar possibilidades de construção de estratégias e ações que visam à transformação do sistema prisional brasileiro.

Segundo Freitas (2021) e Santos (2021), como podemos ver, a descrição do Transtorno do Déficit de Natureza evidencia que não se trata apenas de um transtorno que pode ser detectado na esfera individual, mas também nos núcleos familiares e comunitários, pois o distanciamento da natureza afeta negativamente as nossas relações sociais, nossas inter-relações com os espaços e o nosso jeito de vivenciar e se posicionar no mundo. Outro aspecto notável refere-se aos aspectos da alienação em relação à natureza. Muitas crianças não sabem a origem do alimento que comem todos os dias, menos ainda os diferentes tratamentos que ocorrem no processo do alimento até chegar a suas casas, como o tratamento do solo, o plantio da muda ou da semente alimentar, os cuidados necessários para o crescimento do alimento, a colheita, etc.

Há crianças que não possuem casas e não fazem três ou quatro refeições por dia. Essas crianças têm o seu desenvolvimento humano integral comprometido por causa da necessidade de vitaminas essenciais para o corpo e a mente, ficando ainda mais destituídas da relação de sentido com o espaço, por terem seus direitos constitucionais e humanos violados.

Os problemas alimentares ligados à pobreza não se limitam à comida, mas também, ao acesso à natureza. De acordo com Louv (2016), a ausência de espaços arborizados e a inacessibilidade a eles causam diferentes mazelas, como altos índices de criminalidade e de depressão. Assim, podemos ver que a criminalidade e a depressão estão associadas também à falta da natureza nos espaços de vida, além de outros fatores históricos, econômicos, políticos, culturais e sociais, segundo estudos que investigam os fenômenos sociológicos e antropológicos.

O TDN também se refere à falta de atenção e diminuição do uso dos sentidos. Sentimos e nos conectamos com a vida e o mundo através dos nossos sentidos. Os nossos sentidos são fundamentais para a construção do nosso conhecimento, pois o nosso Sistema Nervoso Central (SNC) está conectado e operando para o funcionamento dos nossos sentidos e para a funcionalidade de todo o corpo humano.

Uma pesquisadora nos Estados Unidos sugere que uma geração de crianças não só está sendo criada em espaços fechados, como confinada a ambientes ainda menores, Jane Clark, professora de cinesiologia (estudo do movimento humano) da Universidade de Maryland, as chama de “crianças enlatadas”, pois passam cada vez mais tempo em bancos de carro, cadeirões e até cadeirinhas para ver televisão. Quando estão ao ar livre, as crianças pequenas costumam ser colocadas em “contêineres”- os carrinhos – e empurradas enquanto os pais andam ou correm. A maior parte desse confinamento é feita por questões de segurança, mas a saúde dessas crianças é comprometida no longo prazo. No periódico de medicina *Lancet*, pesquisadores da Universidade de Glasgow, na Escócia, publicaram um estudo sobre a atividade de crianças de colo; os pesquisadores prenderam pequenos acelerômetros eletrônicos à cintura de 78 crianças de três anos por uma semana. Descobriu-se que elas ficavam fisicamente ativas apenas durante 20 minutos por dia. Padrões semelhantes foram encontrados em crianças da zona rural da Irlanda. Claramente, a ruptura entre infância e a natureza faz parte de um contexto mais amplo: a restrição física na infância em um mundo que está se urbanizando rápido e a experiência na natureza como a maior vítima (Louv, 2016, p. 57).

Em seus textos e encontros públicos, Louv apresenta uma abrangente síntese de pesquisas científicas em diversos países que relacionam a presença da natureza na vida de crianças e adolescentes com o bem estar físico, emocional, social, espiritual e escola, apontando que o déficit de natureza está crescendo com mais velocidade nos países de

língua inglesa, mas também está ocorrendo nos países em desenvolvimento. O autor fala que o *Daily Monitor*, um jornal independente de Uganda, na África, publicou em Addis Abeba, Etiópia, um apelo em março de 2007 para que os pais tirassem as crianças de casa e as levassem para áreas ao ar livre, comentando que muitos etíopes terão chegado à vida adulta distanciados demais das experiências ao ar livre.

Como podemos perceber, os estudos nos mostram como o modo de vida desintegrado com a natureza está afetando negativamente o desenvolvimento integral das nossas infâncias e adolescências desde o nascimento, pois as crianças estão tendo a mobilidade física cada vez mais restrita. O TDN não está no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) e não está na Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento (CID-10/CID-11), Até o momento o Transtorno do Déficit de Natureza é um transtorno linguístico. LOUV (Idem) não quis criar o conceito com a intenção de gerar mais um transtorno de saúde mental, mas, sim, mostrar a relação do TDN com outros transtornos mentais e de comportamento e, principalmente, os efeitos que o TDN pode impulsionar no bem estar e no processo de desenvolvimento humano por causa da ausência da natureza, o seu estado de origem, nos ciclos da vida humana e nos espaços de vivência que habitamos.

É fundamental ressaltar que LOUV é contra a visão biomédica do controle do viver através de medicalização farmacológica em grande escala que acontece atualmente em diversas regiões do mundo. Em sua obra, o autor critica a ética da indústria dos medicamentos farmacológicos e, através da linguagem, sabota o conceito de transtorno justamente por meio da provocação linguística que o mesmo evoca, buscando, assim, apontar caminhos ecológicos de cura e desenvolvimento global para as crianças e adolescentes.

O autor acompanha pesquisas em diferentes laboratórios, universidades e lugares do mundo que relacionam o aumento do déficit de natureza ao aumento de danos à saúde física e à saúde emocional de crianças, adolescentes e também em pessoas adultas, em geral. Em seus textos há registros de avanços no desenvolvimento emocional, criativo e intelectual de crianças, adolescentes e adultos em diferentes contextos sócio-geográficos, com diferentes dificuldades e transtornos. Há também relatos científicos pesquisadores e pessoas comuns que reconhecem os avanços que atividades integradas à natureza trouxeram às pessoas, inclusive com deficiência intelectual. De acordo com Louv:

Pesquisadores suecos compararam crianças em dois ambientes de creche: em um, uma creche que tinha uma área tranquila para brincar, era cercada por prédios altos com vegetação baixa e uma trilha de tijolos; na outra creche, a área para brincar, baseada no tema “ao ar livre em todos os climas”, ficava em um pomar cercado por pasto e floresta, ao lado de um jardim rústico com árvores altas e rochas. O estudo revela que as crianças na creche “verde”, que brincavam ao ar livre todo dia, independentemente do clima, tinham mais coordenação motora e mais concentração.

Alguns dos trabalhos mais importantes nessa área foram feitos no Laboratório de Pesquisa Homem-Ambiente da Universidade de Illinois. Andrea Faber Taylor, Frances Kuo e William C. Sullivan descobriram que espaços verdes ao ar livre promovem brincadeiras criativas, melhoram o acesso a uma interação positiva com os adultos e aliviam os sintomas do transtorno de déficit de atenção. Quanto mais verde a área, maior o alívio. Em comparação, atividades internas, como assistir à televisão, ou externas em áreas pavimentadas e não verdes, aumentavam esses sintomas nas crianças (Idem, p.125-126).

Ainda segundo Louv, os pesquisadores Andrea Faber Taylor, Frances Kuo e William C. Sullivan, da Universidade de Illinois, descobriram também que:

a influência positiva da natureza perto de casa para a concentração pode ser mais pronunciada em meninas (de idade entre seis e nove anos) do que em meninos. Em média, quanto mais verde a vista que uma menina tem de casa, mais ela se concentra, menos age com impulsividade e mais consegue prolongar a gratificação. Isso ajuda a ter um desempenho melhor na escola, a lidar com a pressão dos colegas e a evitar comportamentos perigosos, não saudáveis e problemáticos. É mais provável que ela se comporte de maneiras que promovam o seu sucesso na vida, de acordo com os pesquisadores. Talvez, se as meninas são menos propensas ao TDAH biologicamente, como alguns profissionais da área de saúde acreditam, podem apresentar sintomas mais leves e ter uma resposta mais robusta e saudável ao tratamento – seja farmacêutico, seja verde (Idem, p.126).

Louv (Idem, p.127) aponta que, com base nesse estudo realizado nos Estados Unidos, a Universidade de Illinois emitiu uma orientação informal com relação aos pais e responsáveis de crianças estadunidenses:

- Encorajá-los a estudar ou a brincar em quartos com vista para a natureza.
- Encorajar as crianças a brincar ao ar livre em espaços verdes e defender o recreio em pátios verdes. Isso pode ser especialmente útil para renovar a concentração.
- Plantar e cuidar de árvores e de vegetação em sua residência.
- Valorizar e cuidar das árvores na comunidade. Cuidar das árvores significa cuidar das pessoas.

As pesquisas citadas mostram como a natureza, inserida na rotina das crianças, na vida escolar e em família, conseguiu ajudar o desenvolvimento intelectual, motor, afetivo, criativo e social e ajudar na concentração e no controle da mente, além de melhorar o comportamento de crianças com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Louv (Idem) também aponta que as pesquisas também mostraram que apesar das meninas terem menos propensão a desenvolverem o TDAH, são beneficiadas com a interação com a natureza em muitos aspectos positivos, dentre eles: ter mais controle dos seus impulsos, melhoras no aprendizado escolar e mais segurança para enfrentarem a pressão dos colegas, resolvendo os conflitos de maneira mais inteligente e harmoniosa.

A melhora que a natureza proporcionou no comportamento das crianças em relação aos adultos é muito instigante, pois muitas vezes há dificuldades geracionais que permeiam a relação dos adultos com os mais jovens e dos mais jovens com os adultos, pelo próprio contexto histórico da humanidade e pelos ciclos distintos de existência. Um dos fatores também interessantes que a pesquisa da Universidade de Illinois evidenciou foi à estratégia pedagógica de envolver os pais nas ações da escola através da orientação informal, para que eles continuem estimulando seus filhos e suas filhas a permanecerem cada vez mais conectados com a natureza, para contribuir com o desenvolvimento saudável e prazeroso das crianças. O último item da orientação, por exemplo, estimula as crianças e as famílias a zelar pela vida ao relacionar o cuidado das árvores com o cuidado à vida das pessoas.

O autor chama a atenção e mostra inúmeros estudos que comprovam como a natureza é benéfica para o bem estar global das crianças e adolescentes em diferentes classes sociais e contextos, e trouxe também a reflexão sobre a importância de que se a natureza reduz os sintomas negativos de muitos transtornos e dificuldades no aprendizado, a ausência da natureza pode ser um fator agravante tanto no caso do TDAH, como em casos de outros transtornos, deficiências ou dificuldades no aprendizado.

Em seguida serão apresentados alguns estudos publicados a partir de 2020, que demonstraram o impacto que a falta de acesso às áreas verdes tem sobre o desenvolvimento de crianças e adolescentes. Esta pesquisa defende a importância de investigar o crescente aumento da pobreza multidimensional, ou seja, a pobreza que afeta não só a situação econômica, mas também o acesso à alimentação, à educação, à saúde, etc. Segundo dados da *Save the Children* e do UNICEF - Fundo das Nações

Unidas para a Infância, principalmente após a pandemia da covid-19, com o intuito de relacionar o Transtorno do Déficit de Natureza (TDN) e o seu impacto no processo de aprendizado à formação do sujeito integral em tempos pandêmicos.

O estudo dos cientistas Esmée M. Bijmens, Catherine Derom, Evert Thiery, Steven Weyers, Tim S. Nawrot da Bélgica, publicado na revista PLOS Medicine (2020), intitulado *Residential green space and child intelligence and behavior across urban, suburban, and rural areas in Belgium: A longitudinal birth cohort study of twins*<sup>4</sup> e também publicado no *eCycle* (2020) e no *The Guardian* (2020), demonstrou que crescer em ambientes mais arborizados favorece o Quociente de Inteligência (QI) de crianças e adolescentes, aumentando a inteligência das crianças e reduzindo os seus níveis de comportamento difícil. O estudo pioneiro analisou 620 crianças, sendo 310 pares de gêmeos, de 7 a 15 anos, e mostrou que um aumento de 3% na área verde de um bairro trouxe um aumento médio na pontuação de QI de 2,6 pontos. O efeito foi visto tanto em áreas mais ricas quanto nas mais pobres. No estudo foram usadas imagens de satélite que mediram e mapearam a vegetação nos diferentes bairros da Bélgica.

Segundo o estudo, a pontuação média de QI foi de 105, mas os cientistas descobriram que 4% das crianças em áreas com baixos níveis de vegetação tiveram pontuação abaixo de 80, enquanto nenhuma criança e adolescente que vive próxima à vegetação teve pontuação abaixo de 80. O professor de epidemiologia ambiental da Universidade Hasselt Tim Nawrot (2020) diz que "há cada vez mais evidências de que ambientes verdes estão associados à nossa função cognitiva, como habilidades de memória e atenção". Essa foi a primeira vez que um estudo examinou a relação entre áreas verdes e QI.

A publicação do estudo levou o Dr. Mathew White, psicólogo ambiental da Exeter University, no Reino Unido, que não fez parte da equipe do estudo, a elogiar a qualidade da pesquisa. Segundo a tradução ele diz:

“...sempre desconfio do termo inteligência, pois tem uma história problemática e associações infelizes”, e complementa dizendo que “no mínimo, este estudo pode nos ajudar a deixar de ver a inteligência como inata – ela pode ser influenciada pelo ambiente, e acho que isso é muito mais saudável (eCycle, 2020, n.p).

---

<sup>4</sup> Em tradução livre: Espaço verde residencial e inteligência e comportamento infantil em áreas urbanas, suburbanas e rurais na Bélgica: Um estudo de coorte de nascimento longitudinal de gêmeos.

Os pesquisadores consideram as condições socioeconômicas por meio dos níveis de riqueza e educação dos pais das crianças, mas descartou em grande parte a ideia de que as famílias que estão em melhor posição para sustentar as crianças simplesmente têm mais acesso a espaços verdes. Eles descartaram também o fato de que níveis mais altos de poluição do ar são conhecidos por prejudicar a inteligência e o desenvolvimento infantil, segundo o estudo belga. Os cientistas ressaltam que a pesquisa demonstra que o baixo espaço verde residencial para crianças urbanas está associado a uma "mudança" para uma maior incidência de baixo QI, demonstrando o impacto das descobertas sobre a saúde pública e como é necessário planejar os espaços da cidade para que as crianças consigam desenvolver todo o seu potencial.

Uma reportagem da Casa Vogue no G1 (2021) com o título: *Pandemia escancarou desigualdade de acesso a áreas verdes em São Paulo*, diz que

espaços ao ar livre são, mais do que nunca, essenciais para a saúde física e mental, mas ainda têm acesso restrito a algumas regiões; na cidade de São Paulo, alguns bairros chegam a ter 30 vezes mais arborização do que outros”. Esta matéria mostra a desigualdade social no acesso às áreas verdes, pois nos bairros mais pobres de São Paulo tem menos vegetação (Idem, n.p).

A reportagem resalta que espaços públicos abertos e áreas verdes são mais saudáveis do que áreas fechadas e menciona que

um morador do Morumbi, em 2017, dispunha de 15.830 árvores junto a calçadas e ruas (a chamada arborização viária). Já um morador da Sé, naquele mesmo ano, dispunha de apenas 518 — segundo dados da Rede Nossa São Paulo (Idem, n.p).

Segundo Deize Sanches Ximenes, arquiteta, urbanista e pesquisadora do Centro de Síntese Cidades Globais do Instituto de Estudos Avançados (IEA) da Universidade de São Paulo, segundo a matéria da Casa Vogue:

Embora o Índice de áreas Verdes geral do município de São Paulo atinja, atualmente, 16,59 m<sup>2</sup>/habitante, temos 16 Subprefeituras que apresentam

índices abaixo de 5,0 m<sup>2</sup>/habitante [sendo que o recomendado pela OMS é ter, no mínimo, 12 m<sup>2</sup> de área verde por habitante]. (Idem, n/p)

E continua:

...temos também outras subprefeituras periféricas que apresentam cobertura vegetal com áreas públicas de grande porte, e parte delas instituídas como unidades de conservação, mas que apresentam dificuldades de acesso para o uso e que não estão ao alcance das populações locais (Idem, n.p).

A matéria finaliza falando da importância de ver o que deu certo e o que não deu no plano diretor da cidade de São Paulo para o seu planejamento urbano, que estava passando por um processo de revisão em 2021. Carlos Leite, urbanista, coordenador do Núcleo de Urbanismo Social do Insper e professor na FAU-Mackenzie, quando foi elaborado, em 2014, o Plano Diretor de São Paulo planejou criar 167 parques. Leite finaliza advertindo sobre a importância do acesso às áreas verdes nas cidades e ressalta a necessidade de verificar o que foi realizado, o que não foi realizado e os motivos, por exemplo, da quantidade de parques que realmente foram criados dos 167 parques previstos no plano.

A pesquisa apresentada aqui defende a importância de que seja cada vez mais mapeada a distribuição de áreas verdes nas cidades brasileiras para que seja possível analisar diversos fatores, principalmente o acesso com base em dados étnicos, socioeconômicos e regionais. É importante ressaltar que ainda são escassas as pesquisas que investigam os impactos da natureza nas distintas dimensões humanas que compõem os sujeitos em seus diferentes ciclos de desenvolvimento e, por isso, considera-se essencial seguir investigando a relação das crianças e adolescentes com a natureza para conseguirmos ter mais materiais para a discussão pública e a elaboração de ações.

Outro estudo realizado na Finlândia intitulado *Biodiversity intervention enhances immune regulation and health-associated commensal microbiota among daycare children*<sup>5</sup>, publicado na revista *Science Advances* (2020) e em uma matéria na Funverde (2020), mostra como creches que utilizavam um piso que simula o solo de uma floresta, com vegetação rasteira como urze-anã e mirtilos, por exemplo, e desenvolviam atividades em que os estudantes cuidavam de plantações, mudou o

---

<sup>5</sup> Em tradução livre: A intervenção na biodiversidade melhora a regulação imunológica e a microbiota comensal associada à saúde entre as crianças da creche.

sistema imunológico de crianças que as frequentavam. Segundo o estudo, a diversidade de micróbios nas vísceras e na pele das crianças tornaram-se maiores e mais saudáveis em pouco tempo, em comparação com crianças que brincavam em creches urbanas padrão, com calçada, ladrilhos e cascalho.

O estudo constatou que as crianças de 3 a 5 anos que frequentavam creches arborizadas e com piso de solo de floresta apresentaram um aumento de células T e outros sistemas imunológicos importantes dentro de 28 dias. Na ocasião da pesquisa chegou-se à conclusão de que a pouca exposição à biodiversidade no ambiente de vida moderna pode aumentar a prevalência de doenças imunomediadas, reflexo de um sistema imunológico deseducado. O estudo comprova que um ambiente rico em seres vivos impacta positivamente a nossa imunidade. E com base nessa hipótese, quando ocorre uma perda de biodiversidade em áreas urbanas isso pode ser pelo menos parcialmente responsável pelo recente aumento de doenças relacionadas ao sistema imunológico. A pesquisa comparou os micróbios ambientais encontrados nos quintais de 10 creches urbanas diferentes que cuidam de um total de 75 crianças com idades entre 3 a 5 anos. A cientista ambiental da Universidade de Helsinque, Marja Roslund (2020) diz o seguinte: “também descobrimos que a microbiota intestinal das crianças que receberam verdura era semelhante à microbiota intestinal das crianças que visitam a floresta todos os dias”. Os cientistas ressaltam a importância de que mais estudos como esses sejam realizados. Apesar da duração curta do estudo, os pesquisadores descobriram também que os micróbios que estão na pele e nas vísceras de crianças que brincavam regularmente em espaços verdes aumentaram em diversidade e concluíram que essa é uma característica que está ligada a um sistema imunológico mais saudável. Os resultados não são conclusivos e, por isso, precisa de mais pesquisas em diversos lugares do mundo para que seja possível construir uma base de dados sólida com mais evidências científicas.

Uma análise realizada pela *Save the Children* e o UNICEF (2020) diz que

centenas de milhões de crianças vivem em pobreza multidimensional – o que significa que elas não têm acesso a cuidados de saúde, educação, nutrição apropriada ou moradia adequada –, geralmente um reflexo de investimentos desiguais por parte dos governos em serviços sociais (Idem, n.p).

A análise, referindo-se ao ano de 2020 destaca que

sem ações urgentes para proteger as famílias das dificuldades financeiras causadas pela pandemia, o número total de crianças vivendo abaixo da linha de pobreza nacional nos países de baixa e média renda poderia chegar a 672 milhões no final do ano (Idem, n.p).

E ainda menciona “que quase dois terços dessas crianças vivem na África ao sul do Saara e na Ásia Meridional” e que “países da Europa e Ásia Central poderiam ver o aumento mais significativo, até 44% em toda a região. A América Latina e o Caribe poderiam ver um aumento de 22%”. É importante ressaltar que naquele período ainda não existia a guerra da Rússia contra a Ucrânia no continente europeu.

Por isso aponto ser relevante investigar de maneira transdisciplinar os impactos em diferentes áreas como: social, ambiental, cultural, econômica, política, geográfica etc, pois fatores socioeconômicos podem agravar ainda mais a presença de áreas arborizadas e de lazer nos territórios mais pobres por falta de investimentos e interesses políticos, além de considerar relevante pesquisar o TDN. No momento nos ateremos a analisar um recorte baseado na educação formal e informal, mas pode ser um possível objeto de estudo de um futuro doutorado.

Os estudos aqui apresentados mostram os impactos positivos para o desenvolvimento humano quando as crianças vivenciam atividades em meio à natureza no espaço escolar e em suas comunidades, mas também os impactos negativos quando elas não possuem relação cotidiana com a natureza, e, no caso das crianças e adolescentes que sofrem os efeitos da pobreza multidimensional, é necessário investigar a presença da natureza no ambiente em que vivem e os impactos desses múltiplos fatores para o desenvolvimento pleno delas.

Estes estudos demonstram a extrema importância das abordagens pedagógicas sensíveis que estimulam a relação e a experiência direta das crianças, dos adolescentes e dos adultos em geral com a natureza, dentro e fora da escola, assim como, também, a importância de combater a pobreza multidimensional, além de fomentar pesquisas que contribuam com esse tema e estimule práticas vivenciais na natureza. Segundo a *Save the Children* e o UNICEF (2020), as consequências econômicas da pandemia de Covid-19 poderiam levar até 86 milhões a mais de crianças à pobreza domiciliar até o final de

2020, o que equivale a um aumento de 15%. Os estudos analisados evidenciam a importância da natureza na vida das crianças e adolescentes, mas não possuem um recorte específico de como os processos criativos em artes podem ou não promover o desenvolvimento integral dos educandos.

## **OBJETIVOS**

O intuito da pesquisa aqui apresentada foi sistematizar a abordagem ecoartística AAEC, que tenho utilizado em processos criativos e em algumas aulas durante o meu próprio percurso como arte-educadora, mas que até o momento não possui a sistematização dos elementos estruturantes das etapas da abordagem para o acesso público. Por meio da experiência de arte-educação e ecologia desenvolvida em um ambiente de grandes dificuldades, como o espaço prisional, os espaços formais e informais de conhecimento, onde crianças e adolescentes estão em condição de confinamento ou sem acesso à natureza, espera-se que os educandos possam experimentar situações de aprendizagem artisticamente libertárias, contrastantes com a condição vivida no regime fechado no caso das prisões e nos espaços fechados sem arborização, no caso das escolas. Deseja-se que a abordagem ecoartística aqui sistematizada a partir das experiências vivenciadas nessas condições extremas, através da pesquisa autobiográfica amparada pela revisão bibliográfica que foram realizadas, possa ser referência para proposições artísticas para docentes que trabalham com dificuldades semelhantes.

Como já mencionado, esta pesquisa é autobiográfica e realiza uma revisão bibliográfica dentro da abordagem qualitativa e com alguns dados quantitativos, onde foram investigados como se dá o diálogo transdisciplinar entre educação, ensino de arte e ecologia para a construção da abordagem artístico-ecológica da AAEC.

A pesquisa, diante do objetivo de sistematizar a Abordagem Artística Ecológica Circular (AAEC), se baseou na interface arte/ecologia como eixo pedagógico para estimular o desenvolvimento sensorial humano e a criatividade artística e científica dos sujeitos educandos, conectando-os com um ambiente ecologicamente vivo. Diante do objetivo geral, a presente pesquisa definiu os seguintes objetivos específicos:

- Sistematizar a AAEC - Abordagem Artística Ecológica Circular, criada pela autora deste trabalho, com elementos estruturantes e atividades artístico-pedagógicas presentes na interface arte/ecologia como eixo pedagógico;
- Conceituar arte e ecologia;
- Investigar se o acesso a áreas verdes potencializa a criatividade e a experiência humana artística em ambientes formais e não formais de conhecimento;
- Explicitar como a arte pode ser engajada ecologicamente a partir da possibilidade de experiências multissensoriais quando em contato com ambientes preservados;
- Legitimar a importância da reflexão das práticas pedagógicas artísticas e ecológicas, valorizando a pesquisa como ferramenta metodológica da docência.

## **MATERIAIS E MÉTODO**

Tendo em vista os objetivos explicitados, o desenvolvimento da dissertação foi estruturado em aportes metodológicos que encontram-se dentro da proposta dessa pesquisa. Adotou-se a postura de analisar, dentro da abordagem qualitativa, como se desenvolve o processo de aprendizagem das crianças e adolescentes nos espaços formais e não formais de conhecimento por meio da experiência das abordagens para integrar arte, educação e ecologia, dialogando com o conceito de transdisciplinaridade de Nicolescu (2001), conforme abordado por Regina Migliori (2015).

Assim, adotou-se como procedimento metodológico científico a pesquisa autobiográfica através de procedimentos da revisão bibliográfica, por possibilitar um amplo alcance de informações e registro de vivências, auxiliando também na construção ou na melhor definição conceitual que envolve o objeto de estudo proposto, a criação de uma abordagem artística ecológica circular. Maria Passeggi, Gilcilene Nascimento e Roberta de Oliveira (2016) dizem que

o uso de narrativas autobiográficas como fonte de investigação e método de pesquisa assenta-se no pressuposto do reconhecimento da legitimidade da criança, do adolescente, do adulto, enquanto sujeitos de direitos, capazes de narrar sua própria história e de refletir sobre ela (Idem, p. 4).

Ainda sobre a pesquisa autobiográfica qualitativa em educação, de acordo com as autoras:

Os estudos de Passeggi (2014), Passeggi, Furlanetto, Conti, Chaves, Gomes, Gabriel e Rocha (2014); Rocha e Passeggi (2012) destacam que essa modalidade ancora-se em princípios epistemológicos que transcendem a ação de pesquisar com as pessoas, para proporcionar-lhes também um modo de apropriar-se de sua história e de uma forma de empoderamento. Por essas razões, a escuta sensível do outro fundamenta-se no reconhecimento de sua historicidade e de seu pertencimento social, com base na hipótese de que o ato de narrar as histórias por ele experienciadas está na origem do conhecimento de si. Finalmente, nessa modalidade de pesquisa qualitativa os processos reflexivos e de ressignificação das experiências são importantes, tanto para a pessoa que narra, quanto para quem as escuta, incluindo o pesquisador, que se forma com a pesquisa e com quem dela participa (Idem, p.5).

Neste sentido, a escolha pela pesquisa autobiográfica vai ao encontro da minha trajetória como artista e arte-educadora, mas não somente, também se vale dos registros através de imagens, memórias, escritas, vivências e observações que foram realizadas durante este percurso e que permitiu a criação da AAEC, pois, diante da própria necessidade de criar em meio à natureza e da observação da relação concreta das crianças com a natureza durante as atividades que foram ministradas por mim, foi possível chegar até aqui. Maria Passeggi, Gilcilene Nascimento e Roberta de Oliveira falam que “[u]m dos grandes desafios da pesquisa qualitativa é encontrar procedimentos adequados para a constituição de dados” (Idem p.5) e que esses desafios se multiplicam quando envolvem crianças somadas às exigências que envolvem a ética em pesquisa, mencionando a importância de ficar em alerta para os riscos e benefícios dos procedimentos utilizados, referindo-se aos métodos de investigação científica, para que assim seja garantida a participação da criança como sujeito social sem ferir a sua integridade e sem gerar constrangimentos.

Durante o meu percurso como arte-educadora foi observado que as crianças que eram vistas como “terríveis” e “desafiadoras” apresentavam uma liderança positiva, atenta, cooperadora e empática nas atividades realizadas em áreas verdes, quando atuei no Centro Educacional Marista de Ribeirão Preto. As crianças, quando estavam em oficina, passaram a desejar fazer atividades cotidianamente nas áreas verdes do espaço. Muitas brincadeiras foram adaptadas para interagir com a natureza presente nos espaços, a grama virou mar, a árvore virou casa, barco e até mãe e pai.

Em diálogo com o conceito de Severino (2007), considero importante o procedimento da revisão bibliográfica porque a abordagem que foi criada e sistematizada está centrada no acervo bibliográfico de teorias e práticas que existem para integrar crianças e natureza através da arte, além da minha trajetória pessoal como artista e educadora. Os conteúdos que foram analisados alimentaram a construção metodológica da abordagem que criei a partir dos dados que foram coletados e que comprovam que a natureza é benéfica para o desenvolvimento infantil, porém não foram localizados registros que comprovam as transformações que aconteceram, ou não, na percepção dos sujeitos que criam conectados à natureza sobre a arte, o mundo e a natureza, pois não foram localizadas pesquisas com esse recorte específico.

A partir da análise das proposições destas atividades artísticas e ecológicas mencionadas, procurou-se traçar possíveis relações com os espaços ecológicos que a maioria das crianças e adolescentes está inserida e como tais espaços inspiram o processo de aprendizagem dos mesmos. Apresentei na metodologia de pesquisa técnicas que possibilitam coletar o máximo de informações em relação ao objetivo central da pesquisa.

Anteriormente eu pretendia fazer um estudo de caso dentro da abordagem qualitativa na Fundação CASA Candido Portinari, no município de Ribeirão Preto, porém não foi possível realizar a coleta de dados devido à extrema demora da juíza responsável pela Fundação CASA de Ribeirão Preto em responder os emails. Diante disso, não foi possível prosseguir com a feitura da autorização judicial necessária para conseguir o aceite de pesquisa da Fundação Casa e do Comitê de Ética. Por este motivo optou-se por mudar a pesquisa buscando garantir a sua relevância socioambiental, educacional e artística.

A pesquisadora Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues (2021) fala da emergência de pesquisas autobiográficas em arte e em outras áreas do saber, para além da educação. Por isso a presente pesquisa apresentou relatos vivenciais meus, assim como também uma revisão bibliográfica realizada em bibliotecas científicas digitais e físicas com foco em dissertações, teses, artigos, matérias, livros, revistas, relatos, obras e outras fontes de dados com relevância científica.

Nos estudos de Rodrigues (Idem) foram realizados levantamentos que demonstraram a ausência de discussões sistematizadas sobre a pesquisa autobiográfica que acontece nas áreas de pesquisa em artes, especificamente aquelas

focadas nas poéticas artísticas e processos de criação, o que demonstra ser fundamental utilizar o método autobiográfico de sistematização da AAEC, inspirada no meu percurso de vida em consonância com outros insumos encontrados em revisão sistemática, isso porque

pesquisas autobiográficas em artes com viés autobiográfico têm gerado conhecimento artístico e narrativo relevante capaz de conectar experiências individuais e coletivas de formas novas, enfatizando aspectos éticos, políticos e poéticos dos processos de criação que se dão em meio aos entrelaçamentos da vida, mundo e pesquisa em arte (Idem, p 97-98).

Nos próximos capítulos, serão apresentadas as etapas e a estrutura do ciclo da proposta da AAEC com detalhamento e possíveis sequências de atividades que visa estimular processos criativos em arte e suas diferentes formas, como: o desenho, a pintura, a música, o teatro, a dança, a literatura, o cinema, a performance, a fotografia e outras expressões artísticas conectadas com a natureza e com os conceitos de ecologia. Todos os exercícios da abordagem foram elaborados de maneira prática e teórica, pautados na relação direta das crianças e adolescentes com as áreas verdes. Tais atividades foram desenvolvidas durante parte da pesquisa para possibilitar a efetivação da parte propositiva que a pesquisa autobiográfica propõe. A coleta de dados e análise dos registros concretos para integrar sujeito, arte e natureza, também buscará identificar elementos que possam responder nossos questionamentos.

Como fonte de coleta de dados foram utilizados textos científicos, artigos, revistas, dissertações, teses, matérias jornalísticas, fotografias de produções artísticas pessoais e fotografias das produções artísticas dos educandos criadas em atividades ministradas por mim na Fundação CASA de Ribeirão Preto. As fotografias dos trabalhos dos adolescentes da Fundação CASA foram digitalizadas sem o nome completo ou detalhes que mostrassem os seus rostos e características pessoais, pois o Estado e a legislação não permitem a divulgação de imagem de crianças e adolescentes em conflito com a lei. Foram coletados diferentes conteúdos desde o início da pesquisa até o final de setembro de 2022, possibilitando, assim, a comparação para analisar o conteúdo e verificar se existe aplicação de abordagens que conectam crianças e adolescentes à natureza através da arte e se nestes casos houve ou não mudança de concepção de mundo dos educandos. A técnica utilizada para analisar os dados foi a análise de conteúdo.

Foram examinados cerca de 557 artigos nacionais e internacionais, entre mais de 21.455 documentos filtrados, através de diferentes períodos e combinações de palavras-chave como arte, ecologia, transdisciplinaridade, interdisciplinaridade e outras composições de frases como “arte e ecologia nos espaços escolares”, “arte e ecologia nos espaços informais de conhecimento”, “arte e ecologia e processos artísticos de vivência”, “conectando crianças com a natureza através da arte”, “interdisciplinaridade entre arte e ecologia”, “transdisciplinaridade entre arte, ecologia e educação”, “processos artísticos vivencias na natureza para crianças e adolescentes”, “arte e ecologia na educação infantojuvenil” e etc.

Foi feita a filtragem através dos resumos e, em alguns casos, pela leitura completa dos artigos no repositório de teses e dissertações da CAPES, no SciELO, Google Acadêmico e outras bibliotecas digitais, de 2016 a 2020, mas não foi possível localizar dados com recorte no tema específico desta pesquisa. Foi realizada uma filtragem também dentro do campo interdisciplinar e das ciências humanas. Os dados foram coletados desde setembro de 2021 até setembro de 2022. Foram excluídos 546 artigos, pois através da análise dos títulos, resumos e alguns trechos dos textos, artigos, dissertações e teses percebeu-se que tais estudos não tinham elementos que contribuíssem para a especificidade desta pesquisa. Os outros 11 estudos também não possuem um recorte específico no tema da presente investigação, mas contribuíram com conceitos, reflexões e dados relevantes para a fundamentação teórica da dissertação. Em seguida, dois quadros com a metodologia da pesquisa:

**NATUREZA DA PESQUISA:** Qualitativa com dados quantitativos

**UNIVERSO DA PESQUISA:** Estudos científicos sobre a conexão de crianças e adolescentes em espaços formais e não formais de conhecimento com a natureza através da arte

**AMOSTRA DA PESQUISA:** Pesquisa autobiográfica com procedimento de revisão bibliográfica de estudos publicados sobre as possibilidades de conexão das crianças e dos adolescentes com a natureza através da arte e a criação da abordagem metodológica AAEC - Abordagem Artística Ecológica Circular

**METODOLOGIA PRINCIPAL:** Pesquisa autobiográfica

**TÉCNICA DE COLETA DE DADOS:**

1. Revisão bibliográfica sobre os materiais que já existem sobre abordagens transdisciplinares que conecte crianças/adolescentes com a natureza através da arte;
2. Fotografias dos processos ecoartísticos e dos trabalhos artísticos dos educandos da Fundação CASA e do processo criativo dos mesmos em atividades que ministrei (sem expor os seus rostos e características pessoais);
3. Criação/Sistematização da abordagem ecoartística AAEC;
4. Observação/Registro desta pesquisadora.

**ÁREA DE ESTUDO**

Esta pesquisa possui conexão com a Linha 1 - Processos Criativos do Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (PIPAUS) da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).

Linha 1- Investigar os processos poéticos de produção em arteciência e urbanidades tanto em suas especificidades próprias quanto nas suas possíveis interfaces com outros campos do saber, institucionalizados ou não. O objetivo é construir um campo inter-transdisciplinar de conhecimento no qual as teorias e práticas poéticas e o fazer sejam propulsores que desvendem modos operacionais de compreender e agir no mundo, nas relações arteciência, criando outros deste a perspectiva sustentável.

Área de Concentração: Interdisciplinar – Poéticas Artísticas e Socioculturais: Espaço, Memória e Tecnologias.

**ANÁLISE DE DADOS**

Para analisar os dados foi utilizada a técnica de análise de conteúdo com os seguintes procedimentos de coleta, conforme o quadro a seguir:

**TÉCNICA DE ANÁLISE DE DADOS:** Análise de conteúdo

Triangulação de dados e de fontes: foram coletados dados de maneiras diferentes como registros, observação, fotografia e documentos, possibilitando assim encontrar similaridades que validem os achados.

Nos próximos dois capítulos, será apresentada a continuação da discussão, os resultados e a conclusão nas considerações finais.

## CAPÍTULO 2: SUJEITO E NATUREZA, UMA RELAÇÃO ENTRE MATÉRIA-TEMPO-ESPAÇO

A natureza considerada viva, em constante transformação, possui caráter polissistêmico, ou seja, é formada pela solidariedade de vários sistemas encadeados, que, ao se imbricarem, são interdependentes. Nessa relação, o ser humano, constituído por sistemas celulares, “faz parte dum sistema social, no seio dum ecossistema natural, que por sua vez está no seio dum sistema solar, que por sua vez está no seio dum sistema galáctico” (Morin, 1977, p. 97, apud. Mendes; Nóbrega, 2003, p.128).

O conhecimento sempre foi visto em uma perspectiva mais fragmentada por causa da influência cartesiana no modo de pensar e de fazer ciência, principalmente à expressão do corpo em contraposição aos códigos morais que ditam as condutas que devemos expressar corporalmente na sociedade em cada estágio da vida. Mendes e Nóbrega (2003) falam do conceito *biocultural*, que compreende o corpo como biológico e cultural. As autoras discorrem sobre a importância de uma nova concepção de cognição que possa reconhecer a circularidade existente entre corpo mundo, natureza e cultura. Segundo elas

nosso corpo possui historicidade tanto na estrutura orgânica quanto nas interações com a cultura em que vamos convivendo, o que desmistifica a ideia de que só os estudos culturais reconhecem a historicidade do corpo. (Idem, p.129)

E, assim sendo, a biologia reconhece as diversidades culturais e individuais, desautorizando, portanto, a mundialização de um corpo padrão. Essa concepção contempla esta pesquisa, pois defendendo que abordagens vivenciais precisam ser vivas e circulares, no sentido de respeitar os ciclos da existência que permeiam a vida humana nos seus diferentes estágios de desenvolvimento, permitindo que os sujeitos educandos consigam compreender a força dos fenômenos cíclicos que envolvem a dança da vida no mundo ecológico e no universo, já que estamos dentro de diversas esferas interdependentes dentro de um sistema galáctico e que pode estar dentro de um outro seio que a ciência e outras áreas do conhecimento investigam para descobrir. A Abordagem Artística Ecológica Circular se alinha com essa concepção de circularidade

e corpo biocultural, dentre outros conceitos amplos que conectam ideias, práticas e áreas de estudo.

Ainda seguindo as ideias de Mendes e Nóbrega (Idem), muitos fenômenos e conceitos que possuem uma interdependência são dissociados no campo conceitual e isso também afeta a nossa forma de conceber a fragmentação das coisas, principalmente no que diz respeito ao campo disciplinar. Pensar o corpo e a circularidade da vida é refletir a cultura que queremos construir no sentido de não decompor, promovendo a separação de elementos associados que é fundamental permanecerem juntos.

Esta pesquisa não deseja de forma alguma aniquilar com a ideia de que muitas vezes para entender o todo precisamos analisar minuciosamente as partes, antes, acreditamos que é preciso romper com a ideia de que não se pode unir áreas e partes que umbilicalmente estão integradas. Sujeito e natureza possuem uma relação entre matéria-tempo-espaço. O corpo é o nosso modo de viver e integrar o mundo biodiverso e o universo que também habitamos. A formação do universo constitui matéria-tempo-espaço, assim como o planeta terra e os corpos dos seres vivos. Deste modo, a integralidade da matéria corporal que possuímos está dentro da circularidade do tempo, da própria matéria e do espaço. O corpo, a natureza e a cultura estão conectados e a educação precisa reconhecer urgentemente essa conexão. De acordo com as autoras:

Destacamos ainda que a educação, ao perceber que corpo, natureza e cultura se interpenetram através de uma lógica recursiva, poderá compreender que o corpo natural é cultural, humano e animal, universal e singular, portanto, histórico. Logo, ao perceber que não é possível ir em busca de um corpo isento de história e ao reconhecer a responsabilidade que possui ao colaborar com a reescrita dessa história, ela tem o desafio de permitir desabrochar as subjetividades, abrindo espaços que possibilitem aflorar o ser selvagem, o ser do abismo, um ser que, ao se modificar constantemente, provoca mudanças no ambiente, na sociedade, na cultura. Uma educação que seja capaz de fazer desvendar a capacidade criativa de um corpo que, ao viver, se reestrutura mediante imprevistos, fazendo desvelar a complexa condição humana (Idem, p.136).

Neste sentido, esta pesquisa sustenta que, mais do que planejar um currículo escolar informal ou socioeducativo com atividades específicas, é preciso engajar as crianças, adolescentes e adultos no sentido de que todos os seres humanos são sujeitos de direitos porque existem na condição de corpo humano, possuem necessidades fundamentais, estão vivos e, sendo assim, estão inseridos em um contexto e em uma

cultura onde é preciso reconhecer a importância de outras culturas humanas e não-humanas, buscando comunicação e solidariedade.

A AAEC é uma abordagem que anseia que toda atividade desenvolvida tenha a intencionalidade pedagógica de tornar os sujeitos conscientes da importância do seu movimento corporal no mundo e com o mundo. Pensar na criação artística é refletir a linguagem dos gestos e a educação que não depende apenas de um sujeito que escuta, mas, antes de tudo, de um sujeito que manifesta vida porque habita um corpo vivo capaz de criar, ser e integrar com a natureza.

Por meio da observação, durante a minha trajetória como docente, percebi que, muitas vezes, na rotina dos condicionamentos disciplinares do cotidiano escolar, o corpo nem é visto como algo que emana vida e se movimenta a todo tempo. Mesmo quando estamos parados fazemos movimentos internos, pensamos, imaginamos e utilizamos os nossos sentidos até quando acreditamos que estamos extremamente imóveis. O nosso corpo vivo trabalha o tempo todo de diferentes formas. Neste aspecto, os processos ecoartísticos promovem atividades que permitem que os educandos descubram as necessidades de seus corpos e do espaço sócio-ecológico em que estão inseridos, buscando sempre ampliar a conectividade de vida à vida, construindo um senso de análise singular, interdependente e polissistêmico, vivenciando no próprio corpo a relação matéria-tempo-espaço.

### **2.1. Comunidades urbanas, processos de urbanização e globalização**

O geógrafo Milton Santos (2013) analisa profundamente o projeto e o processo de globalização, analisando os métodos dos países imperialistas globais para efetivar a compartimentação e desterritorialização da subjetividade dos sujeitos nos territórios geográficos empobrecidos. Em seus estudos, Santos discorre sobre as desigualdades produzidas por projetos de urbanização que apartam a cidade e apagam territórios rurais.

Criar e efetivar uma agenda ambiental global e local (glocal) em tempos de mudanças climáticas é fundamental para a sobrevivência da vida na ecosfera — camada da terra habitada pelos seres vivos —, e isso precisa ser feito articulado com as comunidades urbanas, os processos de urbanização que envolvem os projetos políticos

das cidades e o entendimento da população sobre os reais interesses e ações dos grupos das elites econômicas e dos sistemas financeiro e corporativo, que controlam e ditam o atual modelo injusto de globalização, para que, assim, possamos criar uma outra globalização, como sugere o geógrafo Milton Santos.

Embora a globalização não seja o foco desta pesquisa transdisciplinar, considero crucial estudar e discutir publicamente o modelo de globalização que existe hoje e que afeta os processos naturais das cadeias de existência na ecossfera e os projetos de educação pública e privada, pois as escolas e todos os espaços que habitamos fazem parte de um território geográfico. Pensar os elos entre as comunidades urbanas, os processos de urbanização e a globalização pode nos oferecer elementos para criar novas formas de habitar as cidades e cuidar dos espaços geográficos, cultivando relações solidárias, socioculturais, socioespaciais, socioambientais e socioeconômicas entre diferentes territórios, adquirindo senso de corresponsabilidade diante das destruições socioambiental e sociocultural que são produzidas localmente e globalmente.

Em 2014 o pesquisador e cientista Antonio Donato Nobre produziu um relatório intitulado *O futuro climático da Amazônia: relatório de avaliação científica*, realizado pela ARA – *Articulación Regional Amazónica*. Neste relatório, Nobre (2014) faz uma avaliação científica do desmatamento da Amazônia e os impactos deste processo brutal para o clima e à vida terrestre. Nobre (Idem, p.31) afirma que “a remoção de florestas não derrota somente a agricultura”, pois, segundo ele, “a falta de água afeta a produção de energia, as indústrias e a vida nas cidades”, relacionando o desmatamento à falta de água, às mudanças na umidade do ar, da chuva e de outros fatores, pois “na transpiração as plantas transferem para a atmosfera 90% de toda a água evaporada nos continentes” (Idem, p.14). Segundo o autor:

Estima-se que o bioma amazônico tenha sustentado 400 ou mais bilhões de árvores com diâmetro à altura do peito, acima de 10 cm. Distribuindo essa população de árvores por área, infere-se que o desmatamento corte-raso tenha destruído, somente no Brasil, mais de 42 bilhões de árvores nos últimos 40 anos. Enfileirados e considerando uma altura média de 15 m, os troncos destas árvores cobririam 635 milhões de km, ou quase 1700 vezes a distância Terra-Lua. Esse ritmo de destruição significa mais de 1 bilhão de árvores cortadas ao ano; quase 3 milhões ao dia; mais de 120 mil por hora; mais de 2000 por minuto; e 34 por segundo! E isso sem contar um número talvez ainda maior das árvores decepadas nas chamadas florestas degradadas. Nestas quatro décadas foram destruídas quase 6 árvores por cada habitante da Terra, mais de 200 por cada brasileiro. São essas árvores ausentes que são percebidas pelo clima, já que cada árvore dizimada representa, entre muitos serviços ceifados, menor evaporação da superfície (Idem, p.30).

Essas informações nos servem para evidenciar como, mesmo estando em outros lugares urbanos do Brasil e do mundo, dependemos dos nossos biomas. Segundo dados gerais do Ministério do Meio Ambiente do Brasil, de fácil acesso na internet, o país é formado por seis biomas de características distintas: Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal. Cada bioma é uma unidade biológica, ou seja, um espaço geográfico cujas características específicas são definidas pelo macroclima — clima médio frequente em um determinado território —, a fitofisionomia — tipo de vegetação/flora de um lugar —, o solo — camada superficial da terra, constituída por matéria orgânica, minerais e vida bacteriana — e a altitude — a distância vertical entre um ponto da superfície terrestre, por exemplo, o ponto mais alto de uma montanha e o nível da superfície do mar —, dentre outros critérios.

Para esta pesquisa é relevante resgatar o conceito de *bioma* para criar uma unicidade planetária para a criação de um outro modelo inclusivo, amoroso e solidário de globalização, no sentido de se conectar com as necessidades dos biomas de cada região e agir com espírito de irmandade na preservação, conservação e restauração desses ecossistemas. Segundo dados gerais do Ministério do Meio Ambiente, biomas são tipos de ecossistemas, habitats ou comunidades biológicas que possuem diversas semelhanças.

Construir práticas inspiradas nos nossos biomas, visando conectar as práticas culturais dos povos da terra com os povos da cidade, no sentido de elaborar um pacto de ética em comum e em prol da manutenção da vida no mundo, pode ser um caminho promissor e restaurador para um novo pacto civilizatório e democrático de sustentabilidade profunda. Para tanto, as comunidades urbanas precisam participar ativamente da elaboração do Plano Diretor<sup>6</sup> da cidade, pois este vai definir um conjunto de múltiplas ações no solo da cidade que poderá interferir positivamente na vida das pessoas e da biodiversidade municipal, ou não, dependendo do que o município colocar em prática. Participar política e conjuntamente junto com o poder público, fiscalizando, sugerindo e promovendo diálogos embasados nas soluções dos problemas concretos da cidade pode contribuir significativamente para mudança que necessitamos em nossas

---

<sup>6</sup> O professor Flávio Villaça, da USP, define plano diretor como: “Um plano que, a partir de um diagnóstico científico da realidade física, social, econômica, política e administrativa da cidade, do município e de sua região, apresentaria um conjunto de propostas para o futuro desenvolvimento socioeconômico e futura organização espacial dos usos do solo urbano, das redes de infraestrutura e de elementos fundamentais da estrutura urbana, para a cidade e para o município, propostas estas definidas para curto, médio e longo prazos, e aprovadas por lei municipal. (Villaça, 1999, p.238)

idades. O plano diretor pertence ao prefeito, aos vereadores, aos técnicos e aos cidadãos da cidade. Este plano é o coração que vai mover a cidade durante pelo menos 4 anos.

Vale a pena ressaltar que, quando se trata de implementar políticas estruturais de longo prazo, o Brasil possui muitos desafios justamente por causa do histórico colonial, escravagista e de ditadura, assim como também por causa das oligarquias políticas ultraconservadoras que operam projetos políticos de descontinuidade diante do que o governo anterior fazia, principalmente se o governo anterior promove avanços sociais, mesmo não sendo avanços que resolvam os problemas na estrutura.

Um exemplo disso é o governo do Jair Messias Bolsonaro, de extrema-direita, que durou de 2018 a 2022, que fez um desmonte dos avanços que ocorreram nos últimos 40 anos e colocou o Brasil novamente no Mapa da Fome<sup>7</sup> devido ao alto número de crianças, adolescentes e adultos no país em situação de vulnerabilidade alimentar, como demonstram as matérias publicadas com entrevistas de especialistas e pessoas em situação de fome no Brasil, como “*Retorno do Brasil ao Mapa da Fome da ONU preocupa senadores e estudiosos*”, pela Agência Senado, “*Brasil volta ao Mapa da Fome das Nações Unidas*”, pelo G1 Jornal Nacional e “*O que colocou o Brasil de volta ao Mapa da Fome da ONU depois de oito anos fora*”, pela Global Voices.

Os impactos negativos do último governo federal ainda estão sendo analisados e são enormes. Apesar de não ser o foco desta pesquisa, considera-se relevante abordar brevemente como um exemplo de descontinuidade no âmbito federal interfere também no local, apesar de ter prefeituras que concordam com políticas que geram retrocessos e por isso, também os promovem através de favorecimentos políticos para setores com influência financeira dentro do município. Sendo assim, é profundamente importante a participação popular para que a política municipal não seja para poucos bairros, pessoas e interesses, mas, sim, para todos e todas. É por esse motivo que o plano diretor existe.

Há uma dificuldade de articular os municípios, estados e federação para uma política municipal, estadual e federal de avanço contínuo e que tenha uma relação de interdependência entre as esferas. Neste sentido, as políticas que envolvem os processos de urbanização precisam ser de conhecimento público. Os impactos negativos socioambientais, socioespaciais, socioculturais e socioeconômicos que acontecem nos solos das cidades afetam a biodiversidade global de modo profundo. Nobre (2014)

---

<sup>7</sup> Ferramenta utilizada pela ONU para acompanhar os países que não têm acesso adequado a alimentos.

comprovou como as árvores são essenciais para a produção de água e de vida na terra e muitas cidades precisam ter projetos sérios de arborização para seguir o índice recomendado pela ONU, OMS e pela FAO de 12 m<sup>2</sup>/hab de áreas verdes, segundo Guzzo (2018). De acordo com Milton Santos:

A própria geografia parece contribuir para que a história se acelere. Na cidade- sobretudo na grande cidade -, os efeitos de vizinhança parecem impor uma possibilidade maior de identificação das situações, graças, também, à melhoria da informação disponível e ao aprofundamento das possibilidades de comunicação. Dessa maneira, torna-se possível a identificação, na vida material como na ordem intelectual, do desamparo a que as populações são relegadas, levando, paralelamente, a um maior reconhecimento da condição de escassez e a novas possibilidades da ampliação da consciência (Milton Santos, 2013, p.165-166).

Ainda sobre como utilizamos os espaços geográficos, Santos (2013) aponta que os efeitos da vizinhança podem refortificar o indivíduo e transformar a busca pessoal pelo consumo em cidadania. O geógrafo diz que o consumo possui uma visão limitada e unidirecional, enquanto a cidadania inclui a capacidade de elaboração de visões abrangentes e sistêmicas, e mais:

o que é perseguido é a reconstrução das condições materiais e jurídicas que permitem fortalecer o bem-estar individual (ou familiar), sem, todavia, mostrar preocupação com o fortalecimento da individualidade, enquanto a busca da cidadania apontará para a reforma das práticas e das instituições políticas. (Idem, p.166)

Neste aspecto é fundamental ampliar o conceito de vizinhança indo ao encontro dos conceitos de família e de irmandade para o cuidado da casa comum, proporcionando experiências coletivas de cidadania, criatividade, comunicação e vivências socioecológicas. Uma nova globalização poderá surgir a partir de sujeitos que queiram coabitar os espaços compreendendo a importância, a relevância e o quanto o outro é precioso neste processo e faz falta no território quando não está presente, mas, principalmente, que sem o território não nos constituímos como sujeitos históricos e nem bioculturais.

Para planejar e viver na cidade é preciso despertar um senso de *micro-estado*, no que se refere à cidade relacionada com o *macro-estado*, no que tange a ideia de estado-nação que está em constante interação com o micro-estado, e vice-versa,

considerando as necessidades ecológicas do mundo, das espécies e da própria cidade. A cidade precisa construir conexões com os biomas, com os oceanos e o campo. Entender que o modo de vida que é produzido no meio urbano afeta visceralmente as florestas, os oceanos, os rios, o clima, etc. Desse modo será possível ampliar o verdadeiro sentido de vizinhança local e global, ativando o glocal que habita em cada um de nós.

Como ensina o escritor e liderança indígena Ailton Krenak, as experiências comunitárias e coletivas podem ser um possível caminho para adiar o fim do mundo, construindo um senso de pertencimento, cultura de sonhos, finitude e corresponsabilização que podem inspirar um novo jeito de se relacionar e ressignificar o conceito e a prática de vizinhança, de moradores do lugar em que moramos, porque somos capazes de sentir e entender com inteireza que somos natureza.

## **2.2. Políticas públicas culturais, socioambientais e educacionais**

O Brasil é um país com um histórico de violência nas tratativas com as populações negras, indígenas, pobres e excluídas, um país que possui um histórico antidemocrático e com uma estrutura de concentração de renda e de terra ultraconservadora. Mesmo com a criação da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, ironicamente chamada de “Cidadã”, o Brasil não conseguiu garantir a consolidação dos direitos sociais na vida de milhares de brasileiras e brasileiros, pois, como segundo Almeida (2019), há uma desigualdade profunda de gênero, raça e classe social.

Nos espaços de discussão política, inclusive nas universidades brasileiras, discute-se e pesquisa-se muito as políticas públicas em geral. Esta pesquisa acredita que é preciso discutir profundamente com a população brasileira o sentido da aplicação de recursos à melhora contínua da vida das pessoas em todos os âmbitos que alimentam a integralidade da vida, ampliando o entendimento sobre o conceito de *recurso*. Este conceito muitas vezes é utilizado de modo que faz o sujeito dissociar a matéria prima que constrói o cotidiano e subsistência das nossas vidas e associá-lo apenas ao fator monetário, já que, dentro da perspectiva sociocultural, socioeconômica, sociopolítica e socioespacial do recurso utilitarista, a biodiversidade é transformada em moedas de troca, mediação e compra territorial.

A filósofa, doutora em física, ecofeminista e ativista ambiental da Índia, Vandana Shiva utiliza o conceito de *monocultura da mente* e diz:

a principal ameaça à vida em meio à diversidade deriva do hábito de pensar em termos de monoculturas, o que chamei de “monoculturas da mente”. As monoculturas da mente fazem a diversidade desaparecer da percepção e, conseqüentemente, do mundo. O desaparecimento da diversidade corresponde ao desaparecimento das alternativas – e leva à síndrome FALAL (falta de alternativas). Com que frequência, nos tempos de hoje, o extermínio completo de natureza, tecnologia, comunidades e até de uma civilização inteira não é justificado pela “falta de alternativas”? As alternativas existem, sim, mas foram excluídas. Sua inclusão requer um contexto de diversidade. Adotar a diversidade como uma forma de pensar, como um contexto de ação, permite o surgimento de muitas opções (Shiva, 2002, p.15).

A autora ensina que as monoculturas da mente, primeiramente, ocupam as mentes e depois o solo. Nesse processo de instauração de uma cultura mono em que se utiliza uma técnica que reserva uma grande extensão de terra para plantar um único tipo de produção agrícola a diversidade é substituída pela uniformidade, fazendo com que culturalmente a nossa mente aceite esse processo de produção que cada vez mais exclui a diversidade e impacta na qualidade do solo. Um exemplo de monocultura é o plantio de soja em grandes extensões de terra e outro exemplo é a plantação de cana de açúcar.

Esse apontamento de Shiva interessa a esta pesquisa ao ponto que o conjunto de ações, programas e afins que envolvem as políticas públicas regionais, estaduais e nacionais precisam atender às necessidades e aos direitos da coletividade por meio dos governos. Sendo assim, a uniformidade que é imposta aos solos pelas práticas da monocultura podem contribuir com uma cultura de uniformização dos territórios que impacta negativamente na pluralidade humana. Será que as cidades brasileiras não estão seguindo um mesmo modo de infraestrutura urbana que contribui para a monocultura da mente? As cidades brasileiras consideram a pluralidade humana e ecológica na hora de propor planos de governo que visam à qualidade de vida da população local como um todo?

Segundo Shiva (Idem), isso é possível justamente porque a prática da monocultura cria um comportamento cultural que faz com que aceitemos historicamente a dizimação de civilizações inteiras por acreditarmos que não há outras possibilidades de fazer e adotar a diversidade como maneira de pensar, refletir e agir. Segundo a autora, a diversidade leva à pluralidade e isso poderia ampliar o nosso leque de alternativas.

As políticas públicas culturais, socioambientais e educacionais precisam estar articuladas entre si, assim como também com os direitos humanos e constitucionais em geral. O conceito de monocultura da mente nos convida a pensar como determinadas práticas geram um modo único e uniforme do pensamento, iniciando no solo e depois atingindo o nosso modo de pensar e sentir. Contudo, a arte expande a percepção sensível de mundo dos sujeitos, principalmente quando ela opera com elementos que focalizam a diversidade.

O processo criativo em arte pode suspender o sujeito da realidade e ao mesmo tempo vinculá-lo aos fenômenos da natureza, proporcionando um senso singular de observação dos planos gerais, os grandes acontecimentos perceptíveis, e dos planos detalhes, os pequenos acontecimentos perceptíveis, do território. A partir disso a AAEC é uma abordagem que com inspiração na pluriculturalidade para estimular o acesso às diversas possibilidades criativas e às expressões culturais múltiplas.

Félix Guatarri (2001) discorre sobre as três ecologias que ele considera interdependentes e essenciais, como o meio ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana. Essas três ecologias, segundo o autor, fundam uma concepção de ecologia plena, pois articulam o mundo ecológico, a singularidade do sujeito e nossas relações sociais. Neste aspecto, a AAEC se inspira nesta concepção de ecologia, justamente pela circularidade que a mesma propõe ao integrar os elementos estruturantes das três ecologias.

Deste modo, políticas públicas culturais, socioambientais e educacionais são elementos estruturantes para fortalecer ações concretas em prol da coletividade para um novo modo contemporâneo de vivenciar o mundo e exercer a cidadania. Os governos municipais, estaduais e nacionais precisam se comprometer com o avanço contínuo destas políticas públicas.

### **2.3. Metodologias sensíveis e inteligentes para a formação holística dos sujeitos**

Pensar uma nova agenda do corpo na educação em geral e na escola em particular é inicialmente compreender que o corpo não é um instrumento das práticas educativas; portanto, as produções humanas são possíveis pelo fato de sermos corpo. Ler, escrever, contar, narrar, dançar, jogar são produções do sujeito humano que é corpo (Mendes; Nóbrega, 2003, p.14).

A educação nos espaços formais e informais de conhecimento precisa compreender a corporeidade como elemento fundamental na construção do sujeito humano e das diferentes espécies, pois só vivemos e fazemos tudo o que fazemos por sermos corpo, como apontam Mendes e Nóbrega (Idem). Desse modo, é preciso elaborar e efetivar metodologias sensíveis e inteligentes que compreendam o corpo a partir de uma perspectiva integral e transdisciplinar que se conecte com o mundo ecológico para que este seja o eixo condutor dos processos criativos de vivências, desenvolvimento holístico e aprendizagem em consonância e senso de comum com os corpos de outras espécies.

Para fazer a reflexão necessária dentro desse tema, discutindo a necessidade de metodologias sensíveis e inteligentes que formem o sujeito integralmente, serão retomadas as seguintes questões:

- 1) Seria possível registrar todas as fotografias que o artista Sebastião Salgado realizou sem essa experiência concreta e contínua com os espaços geográficos que o mesmo acessou e se vinculou?
- 2) Seria possível adquirir tamanha sensibilidade e criatividade apenas registrando qualquer imagem cotidiana, sem estar presente vivenciando aquele espaço e os vínculos humanos e ecológicos em sua inteireza?

Com base nesses questionamentos desenvolveremos agora os temas que abarcam estas questões refletindo a importância do meio ambiente para a inspiração que promove o desenvolvimento humano global. Com este fim, será utilizada uma sequência de registros dos desenhos e das pinturas realizadas pelos educandos da Fundação CASA de Ribeirão Preto e apontamentos sobre os processos que muito contribuíram com os objetivos da presente pesquisa.

A Fundação CASA foi o ambiente que me estimulou fazer perguntas, buscar respostas e propor soluções concretas para processos criativos sensíveis e ecológicos nas artes, projetando novos jeitos de construir lugares de aprendizado e vivência. As duas imagens de desenhos que serão apresentadas a seguir são de um educando que receberá o nome fictício de Vitor. Durante as aulas de artes plásticas com foco no surrealismo, os educandos aprenderam o que foi o surrealismo, os principais pintores e as pintoras surrealistas, o contexto histórico da época, a influência do surrealismo no cinema, nas tatuagens, na atualidade e etc. Também foram realizadas rodas de conversas para discutir o inconsciente e os sonhos que os adolescentes costumavam ter quando dormiam. Os educandos trouxeram que muitas vezes tinham pesadelos e que despertar

todo dia na cela era muito triste. As formas que apareciam nos sonhos eram de criaturas não-humanas e medonhas, segundo eles. Havia uma parcela que não se lembrava dos sonhos e outra que tinha sonhos mais familiares com pessoas conhecidas.

O educando Vitor muitas vezes reportava os seus sonhos e desenhava o modo como se sentia através das figuras humanas e não humanas que criava. O urso está incompleto porque o educando cumpriu a medida socioeducativa e foi liberado do cárcere, deixando o desenho inacabado. A mulher de óculos, segundo ele, é uma mulher imaginária que ele criou e que estava triste por causa de algumas situações da vida dela. É importante dizer que Vitor é negro, pobre e tinha 15 anos naquele período.



Imagem 17. Urso desenhado por educando da Fundação CASA. Arquivo pessoal.



Imagem 18. Mulher desenhada por educando da Fundação CASA. Arquivo pessoal.

Os próximos dois desenhos apresentados a seguir são de dois educandos que receberão respectivamente os nomes fictícios João e Paulo. Durante as aulas de desenhos em artes plásticas com foco no impressionismo e no expressionismo os educandos aprenderam o que foi os dois movimentos artísticos, os principais pintores dessas correntes, o contexto histórico da época e a influência de ambos os movimentos na arte e na atualidade. Foram realizadas rodas de conversas para discutir técnicas impressionistas e expressionistas e os motivos pelos quais sentimos necessidade de nos expressar artisticamente. Os educandos pediram para saber mais detalhes da vida e obra do Van Gogh e conseguimos discutir saúde mental e saúde emocional e também sobre como a falta de possibilidade de viver do que amamos pode ser enlouquecedor.

As aulas sobre Van Gogh foram muito interessantes porque os adolescentes tentavam compreender a dor do artista plástico e não o fato do pai da arte moderna ter

cortado a orelha por um surto que vinha sendo alimentado por um histórico de muita decepção, sofrimento e falta de oportunidades para viver plenamente da arte. Teve um educando que falou que o sofrimento do Van Gogh fez o artista se sentir como o personagem da obra *O grito* (1893) do artista norueguês Edvard Munch (1863-1944).

Os educandos João e Paulo eram de turmas diferentes e os dois resolveram presentear-me com os seus desenhos. É importante falar que ambos são pardos, pobres e tinham 16 anos naquele período. Paulo amava desenhar Catrinas, figura feminina simbólica da cultura mexicana, e paisagens. Os meninos em geral gostavam muito de paisagens com casas. Uma vez um adolescente disse que pintou na tela a casa e o lugar dos sonhos em que ele gostaria de morar com sua família. O sonho dele era dar uma casa para sua mãe e seus irmãos.

Os adolescentes também desenhavam figuras que tinham sido apropriadas por códigos do crime como palhaços, carpas, yin e yang, carrancas e outros. Foi possível ministrar aulas contextualizando esses símbolos e ampliando o repertório de imagens dos adolescentes acerca dos palhaços, por exemplo. Tiveram adolescentes que depois de aprender sobre a história do circo, sobre o palhaço e etc, passaram a desenhar outros tipos de palhaços, inclusive palhaços negros e palhaços mulheres.

Uma parcela pequena de servidores, principalmente os agentes de segurança socioeducativos e servidores da área pedagógica, que são mais conservadores, quiseram questionar o motivo de abordar estas imagens, o que foi explicado a eles. Percebeu-se que até os servidores não conheciam a história do circo e de muitas dessas imagens. Em muitas aulas ministradas por mim, o agente de segurança e a servidora de arte e cultura do setor pedagógico que acompanhava as aulas por regra interna aprendiam junto com os adolescentes, pois também nunca tiveram acesso às aulas de artes. Muitos ficavam impressionados e encantados.

Havia muitos desafios por causa da cultura opressiva, machista e autoritária do modo de fazer segurança pública no Brasil. As relações humanas entre os servidores da Fundação CASA eram muito conflitivas e o espaço de trabalho muito precarizado, isso afetava os adolescentes. Já ministrei aulas muitas vezes com o ambiente fendendo urina e fezes e com adolescentes adoecidos. Havia servidores que eram mais agressivos, assim como havia os servidores profissionais. Muitas pessoas que visavam transformar o ambiente socioeducativo em um espaço melhor sofriam perseguição e boicote.

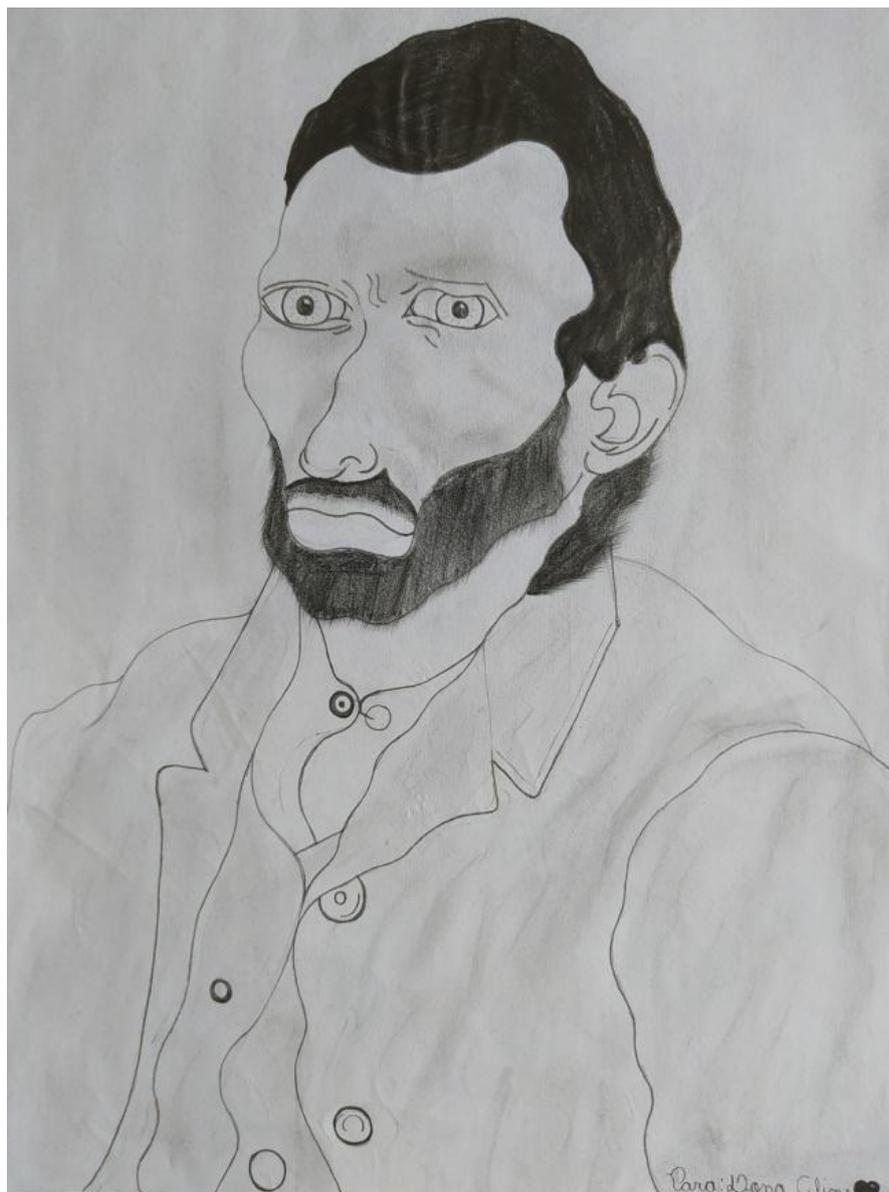


Imagem 19. Van Gogh desenhado por educando da Fundação CASA. Acervo pessoal.

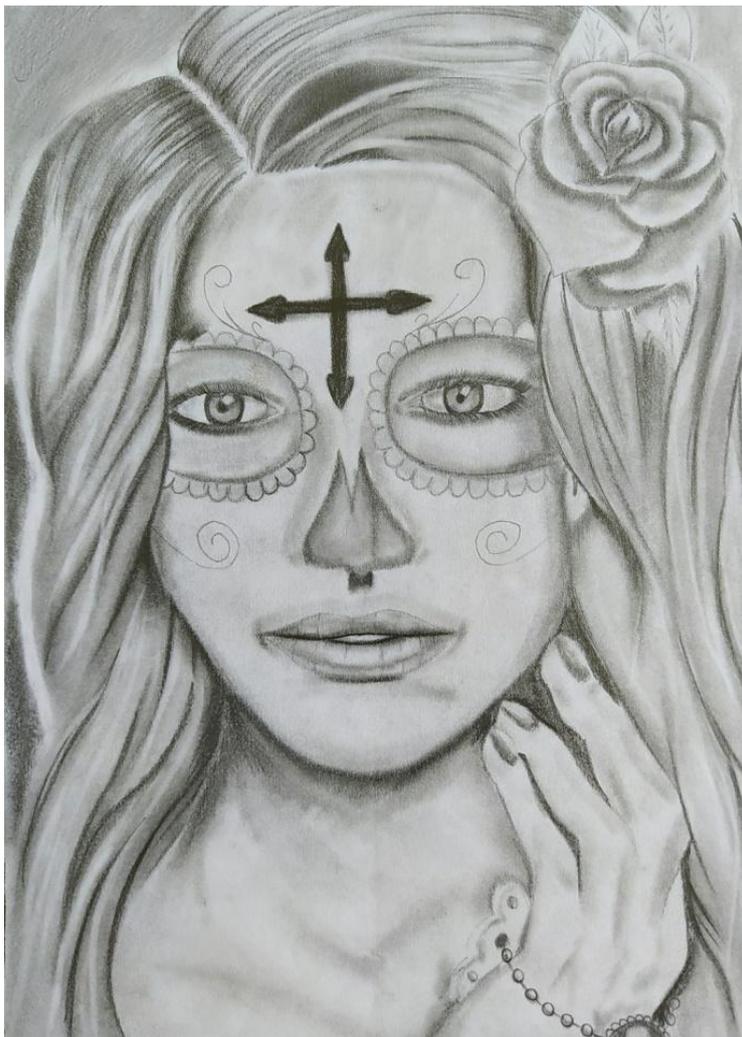


Imagem 20. Catrina desenhada por educando da Fundação CASA. Acervo pessoal.

Sempre busquei trabalhar com temas e técnicas que tivessem sentido para os educandos. Diante disso, era feito uma escuta temática com os próprios educandos para definir o tema que seria trabalhado no ciclo. As próximas fotografias de pinturas que serão apresentadas a seguir são de dois educandos que receberão os nomes fictícios de Fabrício e Diego, respectivamente.

Durante as aulas de desenhos em artes plásticas com foco nas culturas africanas e indígenas com técnica de pontilhismo, os educandos aprenderam o contexto histórico afro-brasileiro e indígena, a vida e a obra de diversos artistas, revolucionários, personalidades nacionais e internacionais e também a influência das culturas africanas e indígenas na sociedade brasileira. Fizemos rodas de conversas para discutir o conceito de belo, o racismo e a relevância das populações negra e indígena para o Brasil e o mundo, dialogamos também, para além dos impactos negativos ecológicos promovidos pelas corporações e a sociedade de consumo que estamos inseridos, sobre o meio

ambiente e a profunda relação que os povos indígenas do mundo todo possuem com a natureza. Discutimos também sobre a necessidade de políticas públicas que geram equidade racial e social e a importância de cumprir as leis sociais e de proteção ao meio ambiente, já que as leis penais são cumpridas quando pessoas pobres, negras e indígenas cometem crimes. Contudo, os educandos questionaram o motivo da escola não estimular a apreciação da história das culturas negras e indígenas.

Os educandos Fabrício e Diego eram de turmas diferentes e os dois resolveram presentear-me com os seus desenhos. Ambos são pardos, pobres e tinham 15 e 16 anos naquele período.

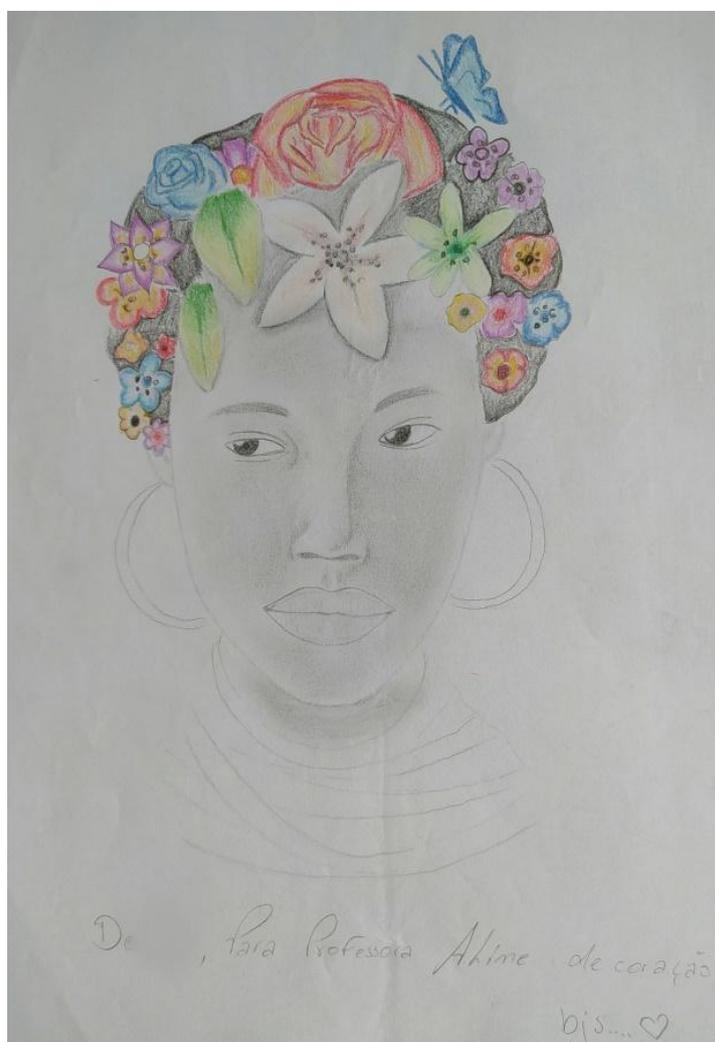


Imagem 21. Menina preta desenhada por educando da Fundação CASA. Acervo pessoal.

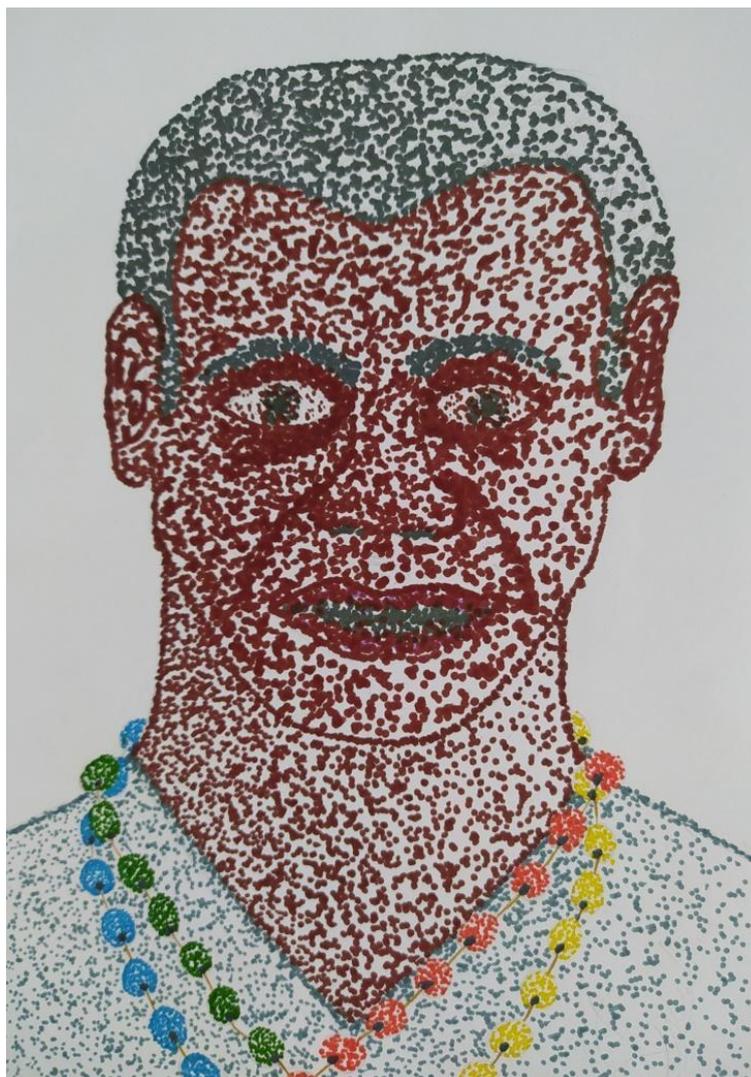


Imagem 22. Zumbi dos Palmares pintado por educando da Fundação CASA. Acervo pessoal.

A imagem que será apresentada em sequência foi realizada em uma atividade experimental para que os adolescentes criassem carimbos postais com diversas folhas de árvores, experimentando diferentes composições de cores através das tintas acrílicas, como etapa de aprendizagem de mistura e dosagem de diferentes cores de tintas com a água. Os materiais para essa atividade foram coletados por mim pelas ruas da cidade.

O excesso de concreto e a ausência de beleza nos módulos prisionais faziam com que sempre que possível, diante dos bloqueios promovidos por algumas normas de segurança e controle de entrada de material, eu levasse elementos orgânicos da natureza e outros tipos diversos de materiais que possibilitassem experiências sinestésicas aos adolescentes. Durante as aulas de criação dos carimbos, os adolescentes ao verem as folhas de árvores as pegavam e tentavam sentir o cheiro com urgência e passavam-as no rosto para sentir a textura. Tive que engolir o choro diante da dureza de ver o quão

privados os adolescentes estavam da natureza em seu estado de origem no ambiente carcerário. Ali foi possível ver que a situação do cárcere é pior do que eu pensava e achava que sabia e sentia.

Dois educandos com os nomes fictícios Márcio e Valter me ajudaram na criação dessa folha com carimbos, que serviu de *sugestão de diversidade de possibilidades* para os adolescentes criarem. Ambos são negros, pobres e tinham 14 e 15 anos naquele período, respectivamente. O conceito de “sugestão de diversidade de possibilidades” era utilizado por mim para não limitar e nem impor uma única forma de fazer e expressar através das artes plásticas. Por isso sempre era ofertada uma diversidade enorme de maneiras de criar, visando estimular o modo único do educando expressar a sua criação e expressão sensível em arte. Nesta aula eu aprendi o conceito novo de *ecossensibilidade*, a sensibilidade que vem do modo como sentimos afetivamente a ecologia com o nosso corpo quando somos tocados pela textura dos materiais orgânicos através dos nossos sentidos.



Imagem 23. Carimbo de folhas. Acervo pessoal.

A diante serão apresentadas as últimas três imagens, de instalações em caixas, que também são criações de educandos. O primeiro receberá o nome fictício de

Eduardo, o segundo de Jorge e o terceiro, Tadeu. Durante as aulas de artes plásticas com foco na instalação contemporânea, os educandos aprenderam o que é instalação, os principais artistas contemporâneos, as diversas possibilidades de criação, etc. Fizemos rodas de conversas para discutir a arte contemporânea, ideias, conceitos em arte, matéria prima, etc. Aos educandos foram disponibilizados materiais para suas criações, como tecidos, missangas, algodão, flores e plantas orgânicas e artesanais, massa de modelar, tinta acrílica, pincéis, botões de roupa, etc.

A maioria dos educandos utilizou as flores e as plantas em seus trabalhos. Eduardo pintou inspirado em uma paisagem, na natureza em chamas, por causa da mudança climática, com uma única flor tentando sobreviver à era do fogo. Vale dizer que Eduardo é negro, pobre e tinha 15 anos naquele período. As outras fotografias são registros de instalações de outros educandos da Fundação CASA que também muito me ensinaram.



Imagem 24. Instalação em caixa produzida por educando da Fundação CASA. Acervo pessoal.



Imagem 25. Instalação em caixas produzidas por educandos da Fundação CASA. Acervo pessoal.



Imagem 26. Instalação em caixas produzidas por educandos da Fundação CASA. Acervo pessoal.

Os educadores e toda a cadeia produtiva da educação em diferentes lugares e contextos precisam vivenciar processos ecoartísticos e desenvolver metodologias sensíveis e inteligentes para a formação holística dos sujeitos educandos, segundo as teorias que foram apresentadas. Os adolescentes da Fundação CASA ensinaram-me que a sensibilidade humana é extraordinária e deve ser estimulada por meio de abordagens dialógicas e políticas públicas que coloquem o educando e o lugar que ele vive e aprende no centro do seu processo. As metodologias sensíveis precisam fazer

intersecção com o território e os sujeitos que vivem nele. Prefiro o conceito de abordagem em detrimento de metodologia, pois muitas vezes quando pensamos em método acreditamos em um modelo com estrutura fixa e fechada em si mesmo. A abordagem possibilita mais abertura dialógica e flexibilidade junto de outras propostas e concepções, mesmo possuindo elementos estruturantes. E, neste sentido, sistematizei a AAEC para possibilitar a relação interativa com outras abordagens e métodos sensíveis e ecológicos, mas, não somente, também a aplicação da sequência circular didática da presente abordagem ecoartística que será apresentada no último capítulo.

## **CAPÍTULO 3: AAEC (ABORDAGEM ARTÍSTICA ECOLÓGICA CIRCULAR)**

A Abordagem Artística Ecológica Circular (AAEC) é uma proposta transdisciplinar de vivência concreta em espaços com vegetação que visa possibilitar que crianças, adolescentes e adultos, em geral, desenvolvam processos criativos em diferentes linguagens artísticas conectados com a teia ecológica do ambiente. Esta abordagem possui flexibilidade dialógica para contribuir com outras metodologias, propostas e abordagens dos espaços formais e informais de conhecimento e, também, com diferentes áreas do conhecimento.

Para que a AAEC consiga promover o desenvolvimento holístico dos sujeitos é fundamental que o processo criativo seja integrado e vivenciado em espaços com vegetação. Quanto mais biodiverso o espaço for mais elementos de vida irão estimular o desenvolvimento humano e sua força criadora em consonância, amorosidade, interdependência e respeito ao meio ambiente. A circularidade da proposta tem o intuito de promover a interação constante e circular do processo criativo em artes e ecologia, de modo que o sujeito inclua e mantenha tais vivências em seus diferentes ciclos de vida, desde a primeira infância.

### **3.1. Processo criativo sensível e ecológico**

Vivemos a vida dentro de um corpo que está dentro de um organismo planetário com milhares de organismos vivos, segundo Capra (1996). A arte tece fios para uma educação sensível, segundo Andrade (2020). Nesse sentido, o processo artístico-ecológico pode fazer emergir novos modos de produzir a existência e desencadear um estado de presença rico e vivo que reconhece a interdependência e o afeto que é viver o presente, preservando, conservando, restaurando e vivenciando a natureza que somos e dela fazemos parte.

Processos criativos sensíveis e ecológicos são elos que necessitam permanecer em constante interação para que seja possível descobrir a força inventiva que cada pessoa possui e, também, o quão extraordinária é cada espécie de vida que faz a manutenção benéfica do planeta em que vivemos e, por isso, compartilhamos. A

biodiversidade é composta por milhares de organismos que possui variedades estéticas que podem inspirar os sentidos humanos e fazer parte dos vínculos afetivos dos sujeitos, pois essa variedade só é possível ser materializada através do fenômeno que é a vida, o qual todo ser vivo se faz presente pela matéria que constitui o seu próprio corpo.

O estudo *Mais que seleção: o papel do ambiente na origem e evolução da diversidade fenotípica*, de Tatiana Kohldorf e Leonardo Lofeu (2015), publicado na revista *Genética na Escola*, discorre sobre o conceito de *plasticidade fenotípica* e como o ambiente influencia a evolução. Segundo eles:

A Teoria Evolutiva tradicionalmente aborda o ambiente apenas como agente seletor de variação fenotípica. Um acúmulo crescente de evidências sugere entretanto um papel adicional do ambiente no processo evolutivo: o de induzir variação fenotípica. A presença de plasticidade em vias de desenvolvimento expõe a variação genética existente que estaria “escondida” em outra condição ambiental. Nesse modelo de evolução adaptativa, a plasticidade fenotípica atua juntamente com a variação genética nos processos que originam novos fenótipos em uma população. (Kohldorf; Lofeu, 2015, p.11)

Kohldorf e Lofeu discorrem sobre teorias e evidências científicas recentes que demonstram o duplo papel do ambiente na evolução fenotípica, o qual atua ao mesmo tempo como *agente indutor e seletor de novos fenótipos*, ou seja, o ambiente induz as características externas, fisiológicas, morfológicas e comportamentais dos indivíduos e, simultaneamente, provoca o surgimento de novos fenótipos por causa da variação genética que ocorre em uma determinada população. O mais interessante desse estudo é que a plasticidade dos corpos de uma população específica pode ter alteração por causa do ambiente.

A investigação científica é essencial para que mais pesquisas neste sentido sejam realizadas e possamos ter mais materiais que demonstrem os impactos dessas mudanças e como as espécies que estão passando por esse processo de transformação fenotípica têm reagido. A arte conectada com a ecologia pode qualificar ainda mais a nossa percepção sensível para que estejamos mais atentos às mudanças estéticas que este processo desencadeia. Poder vivenciar experiências ecoartísticas em locais com muita diversidade ecológica possibilita o melhoramento da atenção aos diferentes tipos de vida que estão presentes nesses espaços e às alterações que as mesmas podem ter, assim como os seres humanos.

Como foi dito no primeiro capítulo, há escolas que possuem mais áreas verdes, com vegetação, mas infelizmente não é a maioria. E muitas vezes os processos criativos sensíveis e ecológicos em artes são experiências isoladas e descontínuas, pois não parte de um currículo transdisciplinar integrado e aplicado de modo contínuo com foco em processos de vivência abertos à natureza, ou seja, a natureza como espaço de aprendizado permanente.

John Dewey, filósofo e educador pragmático norte americano, defendia o ofício de ensinar como ação poética, e não mecânica. De acordo com Marcus Vinicius Cunha (2010), a concepção educacional de Dewey buscava possibilitar criar sujeitos criativos em um mundo de constantes mudanças. Segundo o autor, o pensamento se desenvolve no intercâmbio com o coletivo. A deliberação passa por experiências de cada um que forma o coletivo. Educar poeticamente significa considerar a experiência como algo singular, contendo não somente aspectos cognitivos, como, também - e principalmente -, aspectos emocionais. A noção de experiência é o coração e o centro da sua filosofia. Ele propõe a reconstrução da experiência e da filosofia. Para Dewey, a arte pode comunicar a plenitude dos sentimentos porque comunica a qualidade da experiência que experimentamos de maneira direta.

A filosofia de Dewey é para pensar como a cultura, as escolas e os espaços informais de conhecimento precisam fomentar intensa comunicação entre todos. Na concepção de Dewey, o mundo é formado por pessoas diversas e a comunicação precisa ser múltipla e compartilhada. A estética, a ética e a política podem fornecer elementos para pensar a prática educativa e os seus processos, o comportamento humano e os seus estímulos. A abordagem de Dewey da experiência é compreendida como um sistema coordenado de ideias de interdependência dinâmica, sendo a experiência estética necessária para a compreensão do próprio significado de experiência.

Dewey é um importante teórico para esta pesquisa, pois ele se debruçou sobre a importância da experiência e as dimensões humanas que visam a formação do sujeito integralmente, nos levando a refletir sobre como a experiência criativa artística em contato com a natureza pretende promover a melhora do comportamento humano e estimular o desenvolvimento integral dos sentidos das crianças e dos adolescentes através das atividades que serão propostas na AAEC.

A professora universitária, tradutora e escritora, Ingrid Dormien Koudela é a principal pesquisadora e desenvolvedora do sistema de jogos teatrais e do pensamento da Viola Spolin no Brasil. A norte-americana Viola Spolin foi assistente social, diretora

e escritora de métodos de improvisação e jogos teatrais que são referências pedagógicas em escolas de vários países. Segundo Spolin:

Na escola não se aprende normalmente através da experiência, mas por meio da didática (técnicas de organização do aprendizado). O aprendizado estético é o momento integrador da experiência. A transposição simbólica da experiência assume, no objeto estético, a qualidade de uma nova experiência. As formas simbólicas tornam concretas e manifestas as experiências, desenvolvendo novas percepções a partir da construção da forma artística. O aprendizado artístico é transformado em processo de produção de conhecimento. (Spolin, 2008, p.26)

Spolin acredita que o aprendizado artístico é um processo que pode ser transformado em produção de conhecimento por ser uma atividade sensível e concreta que estimula a criatividade humana, pois o aprendizado estético gera o tempo que integra a experiência. E a experiência em arte conectada à natureza dentro da AAEC deve ser um ciclo constante, interdependente, dinâmico e vivo, para que o educando consiga se desenvolver progressivamente por meio de experiências vivenciais frequentes, de modo que o educando cada vez mais desenvolva autonomia, sensibilidade, inteligência e autossuficiência para agir, criar e refletir criticamente com o ecossistema que está inserido, mas sem perder a conexão de interdependência com o todo.

### **3.2. Cidadania planetária e consolidação de direitos**

Alcançar a cidadania planetária é ser sujeito de direitos, na concepção do educador Paulo Freire e na minha concepção, é ter cada direito humano nacional e internacional garantido na vida. A cidadania planetária entende que cidadãos se fazem na compreensão e na ação constante de garantir uma existência digna para si e para o mundo. É perceber que o local está inter-relacionado com o global e vice-versa, que afetamos diariamente diversos ciclos de vida humana e de diferentes espécies.

Usufruir dos direitos precisa ser o primeiro passo, que acontece desde o nosso nascimento, segundo diferentes teóricos humanistas e documentos internacionais. O reconhecimento da necessidade orgânica do bem viver socioambiental através dos direitos humanos precisa caminhar em direção aos direitos da natureza, e a não

aceitação de leis injustas que destroem a vida no planeta em que vivemos e que partilhamos com outras espécies. A vida precisa estar no centro, mas não somente a vida humana, e sim toda a cadeia de relações que forma a vida no ecossistema terrestre.

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 é um importante avanço democrático pós-ditadura empresarial civil militar, que aconteceu de 1964 a 1985, embora não seja cumprida integralmente na vida das pessoas no Brasil. A constituição brasileira deveria funcionar como a lei suprema do país, pois se encontra situada na parte mais elevada do ordenamento jurídico. No seu artigo 6º, do capítulo II, dos direitos sociais, diz que “são direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”. Em linhas gerais, a constituição de um país democrático deve regular, mas não somente, mediar e pacificar os conflitos e os interesses de grupos diversos que integram uma sociedade e para isso é primordial estabelecer regras e leis que tratam desde os direitos fundamentais do cidadão até a organização dos Poderes, a defesa do Estado e da Democracia e as ordens econômica e social, segundo informações dos canais oficiais do governo brasileiro.

A constituição brasileira reconhece e integra os Direitos Humanos. Resumidamente, em 1948 foi publicada a carta oficial contendo a Declaração Universal dos Direitos Humanos, uma categoria de direitos assegurados para todas as pessoas da espécie humana que garante os direitos básicos e inalienáveis. A história desse documento acompanha a história do início da Organização das Nações Unidas (ONU), que iniciou suas atividades em fevereiro de 1945 com intuito de evitar guerras e tragédias, como a Segunda Guerra Mundial. Seu principal objetivo é garantir direitos fundamentais, a vida, a liberdade, a segurança pessoal, a educação, julgamento justo em caso de acusação por um crime, etc, segundo os próprios 30 artigos antecedidos por um preâmbulo da declaração.

Construir uma cidadania planetária perpassa consolidar os direitos fundamentais na vida de todas as pessoas e a proteção permanente da natureza, pois a espécie humana não conseguiria sobreviver sem ar, sem alimentação, sem água e tudo o que a Terra oferece para a subsistência humana. Quando o Instituto Paulo Freire organizou o *I Encontro Internacional da Carta da Terra na Perspectiva da Educação*, em São Paulo, de 23 a 28 de agosto de 1999, foi elaborada uma carta da *Ecopedagogia*

em defesa de uma Pedagogia da Terra com os seguintes princípios, segundo Moacir Gadotti (2010):

1. O planeta como uma única comunidade.
2. A Terra como mãe, organismo vivo e em evolução.
3. Uma nova consciência que sabe o que é sustentável, apropriado, o que faz sentido para a nossa existência.
4. A ternura para com essa casa, nosso endereço comum, a Terra.
5. A justiça sócio-cósmica: a Terra, como organismo vivo, é também um oprimido.
6. Uma pedagogia que promova a vida: envolver-se, comunicar-se, compartilhar, problematizar, relacionar-se.
7. O conhecimento só é integral quando é compartilhado.
8. Caminhar coerente e com sentido na vida cotidiana.
9. Uma racionalidade intuitiva e comunicativa, afetiva, não instrumental.
10. Novas atitudes: reeducar o olhar, o coração.
11. Cultura da sustentabilidade: ampliar nosso ponto de vista.

Durante a Rio-92, a primeira Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro, que aconteceu em 1992, foi proposto o documento *Carta da Terra*, uma declaração de princípios para uma mudança de comportamento para promover a sustentabilidade do planeta. Essa carta propõe um conjunto de valores fundamentais com ênfase em direitos humanos, democracia, diversidade, desenvolvimento econômico sustentável, erradicação da pobreza e paz mundial, para assim construirmos uma sociedade global justa, ecológica e pacífica, na perspectiva das pessoas que criaram a carta. É relevante destacar que durante a Rio-92 delegações de 175 países, entre chefes de estado e ministros, se reuniram para definir medidas e ações para enfrentar os problemas crescentes oriundos da emissão de gases que causam o efeito estufa<sup>8</sup>.

A carta propõe a necessidade das comunidades e instituições terem um grande comprometimento na formação de cidadãos e cidadãs planetárias, ou seja, pessoas

---

<sup>8</sup> Jennifer Fogaça diz que “o efeito estufa em si é um processo natural que ocorre na nossa atmosfera e que é benéfico, pois mantém a temperatura do planeta amena e sem grandes variações. No entanto, o problema é a exacerbação desse efeito, o que leva ao aquecimento global”.

Link: <https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e-quimica/o-que-e-um-efeito-estufa.htm>. Acessado em 14 agosto 2023.

altamente comprometidas com o local e o global, preservando a terra, a plenitude das vidas humana e não humana e a promoção de uma cultura de paz, que somente é possível por meio da garantia de direitos humanos e da preservação permanente da vida na biosfera.

Não existirá cidadania planetária se não houver justiça social, racial e de gênero. Erradicar a pobreza e o acúmulo material desenfreado por parte de poucos e propiciar a inserção das pessoas a um meio ambiente ecologicamente vivo e autossuficiente desde o seu nascimento promoverá mudanças revolucionárias em diversas sociedades. Na pesquisa aqui apresentada defende-se que uma educação profunda e sensível entende a extrema importância da consolidação efetiva dos direitos humanos e constitucionais na vida dos sujeitos, pois só assim estes se tornarão de fato cidadãos e cidadãs.

Os espaços formais e informais de conhecimento precisam compreender que são territórios que possuem corresponsabilidades na efetivação da cidadania e da vida. Gadotti (2010) questiona: “como o ecossistema escolar se relaciona com o lugar em que está inserido e o planeta?”, e faz outros questionamentos sobre possíveis ações para um caminho sustentável partindo da escola.

Aqui estendemos esta questão de Gadotti para os ecossistemas de conhecimento informal, os territórios que educam para além dos espaços formais de conhecimento, e nos perguntamos se é possível criar espaços de aprendizados que atuam em harmonia com os direitos fundamentais, utilizando abordagens ecoartísticas para formar sujeitos criativos e sensíveis comprometidos com a vida na terra, o que acreditamos ser possível e extremamente urgente diante da atual situação global.

Em seguida, um primeiro desenho com os conceitos estruturantes da abordagem AAEC que tem os direitos fundamentais na sua essência, mas, não somente, como também a descrição dos elementos estruturantes e o plano de aplicação como etapa de conclusão desta pesquisa.

3.3. RESULTADO A: Estrutura da AAEC:

ABORDAGEM ARTÍSTICA ECOLÓGICA CIRCULAR – AAEC

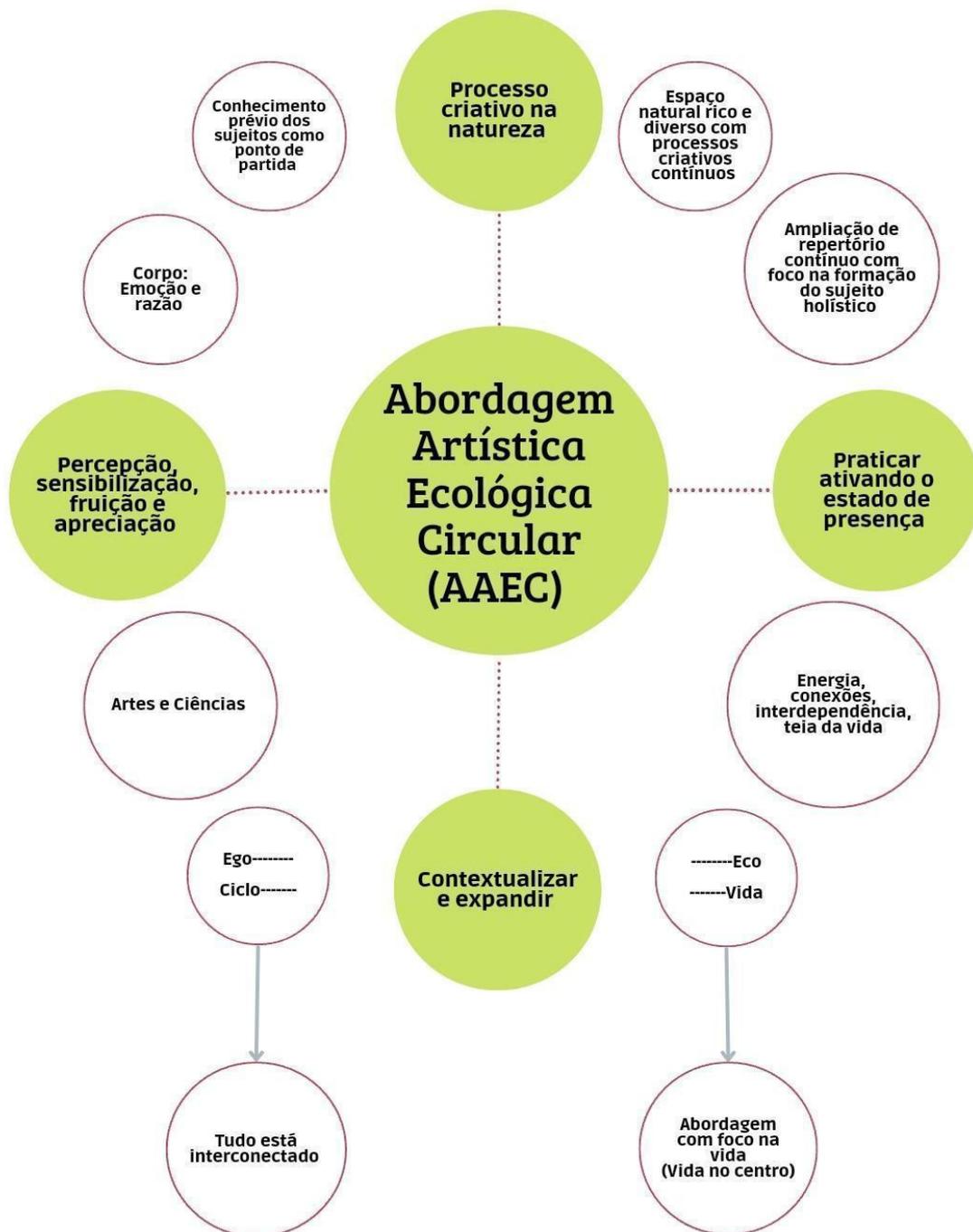


Figura 1. Primeiro desenho da AAEC.

O primeiro desenho da AAEC é inspirado nas formas das árvores e sua simbologia sagrada em diferentes culturas, nos círculos e no universo em constante expansão. Embora ele simbolize uma árvore e simultaneamente o universo, cada pessoa pode enxergar uma forma diferente no desenho da abordagem. A abordagem inspira-se em uma perspectiva rizomática, pois entende o conhecimento como raízes com múltiplos ramos e inteligências, assim como as teias.

Desde criança, observo e amo profundamente as formas e a força das árvores, da natureza, do universo e seus mistérios. Isso influenciou para que todos os elementos da AAEC sejam conectados por teias visíveis e invisíveis e dependem uns dos outros, como os ciclos de vida. A AAEC possui quatro elementos estruturantes interdependentes que formam o eixo central da proposta artística-eco-pedagógica, que são:

- ***Processo criativo na natureza:*** processo criativo artístico conectado à natureza em todas as etapas processuais que envolvem o ato de criação artística em diferentes linguagens das artes, possibilitando a experimentação vivencial através de imagens, sons e movimentos junto com a reflexão teórica, mas não somente, também de interações e vinculação com os seres vivos que habitam esses espaços naturais.
- ***Praticar ativando o estado de presença:*** inspira-se em matrizes corporais do teatro contemporâneo, sem se limitar há uma única linguagem teatral ou território geográfico e cultural. Dialogando com o conceito de corpo biocultural, segundo Mendes e Nóbrega (2003), este elemento tem o objetivo de propiciar práticas em artes que ative o estado de presença. O estado de presença é um estado físico vivo conectado com o aqui e agora, mas sem romper com a consciência ancestral que nos constituiu como sujeitos históricos bioculturais e espirituais. O estado de presença é um estado vivo, físico, latente, emocional, inteligente, visceral, poético e pulsante, é a poesia energética que muitos artistas possuem no modo de estar presente e se comunicar no mundo. Intensificar esse estado é fundamental para estimular a criatividade, a amorosidade e o desenvolvimento integral humano.

- ***Contextualizar e expandir:*** apresentar a história da arte global e local com o objetivo de expandir o repertório artístico-cultural de todas as pessoas envolvidas na proposta de ensino-aprendizagem e, deste modo, garantir que todos os participantes reconheçam as manifestações artístico-culturais do seu próprio território e as manifestações de diferentes regiões da civilização humana desde a pré-história, adquirindo senso crítico e refinando a capacidade analítica de evidências científicas por meios dos fatos históricos associados aos movimentos artísticos em diferentes períodos para que, assim, as pessoas consigam cada vez mais recursos simbólicos, externos e internos para selecionar e relacionar através da linguagem verbal e não verbal no momento de criar e apreciar arte. Este elemento inspira-se nos estudos da Euzania Andrade e na importância de contextualizar, segundo a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa, mas com foco na História da Arte Global (global e local) e na expansão constante de repertório pluricultural das pessoas.
- ***Percepção, sensibilização, fruição e apreciação:*** A sensibilidade tem ligação com a nossa percepção e o apuramento do uso dos sentidos e da racionalidade, como ensina Fayga Ostrower. Possibilitar processos de criação em meio à natureza pode melhorar a nossa percepção e sensibilização para participar de forma consciente, amorosa e criativa dos ciclos ecológicos. Fruir e apreciar são fundamentais para que crianças, adolescentes e adultos, em geral, aprendam a observar, relacionar, dialogar, refletir, apresentar e criar, assim como também reconhecer que o acesso ao patrimônio artístico-cultural produzido pela humanidade é direito e é essencial para a inspiração e a criatividade. Sentir a arte é inspirador para o ato criativo artístico. Este elemento inspira-se na abordagem triangular de Ana Mae Barbosa, mas com foco na percepção e na sensibilização.

As funções dos quatro elementos estruturantes estão relacionadas entre si e durante a aplicação da abordagem, a pessoa educadora pode iniciar o processo de qualquer um dos quatro elementos sem necessariamente seguir a ordem do desenho. O fundamental é considerar a singularidade de cada indivíduo envolvido no processo

criativo e *o conhecimento prévio dos sujeitos como ponto de partida*, o que iremos abordar melhor depois.

A função de cada um dos elementos estruturantes está relacionada com o que denomino de *células integrativas poéticas*, que são os outros elementos conectados pelas 10 linhas invisíveis da AAEC. A escolha por esse nome está relacionada com o fato das células serem estruturas microscópicas, invisíveis a olho nu, que fazem parte da organização do corpo de todos os seres vivos. Neste sentido, as células integrativas poéticas atuam na organização e na extensão expansiva estratégica e complementar dos elementos estruturantes da abordagem. As 10 linhas invisíveis que compõem as células integrativas poéticas e suas funções são:

- ***Espaço natural rico e diverso com processos criativos contínuos:*** esta célula é essencial, funciona como parte do cérebro e do coração do método, pois as vivências ecoartísticas precisam ser frequentes na vida das crianças, dos adolescentes e adultos em geral. Para que seja possível atingir os resultados esperados em sua integralidade, a AAEC não pode ser uma vivência de um único dia sem desdobramentos e continuidade. Contudo, é possível utilizar a abordagem para uma atividade específica de um dia, pois a abordagem é dialógica e adaptativa. Mas para que as pessoas criem um vínculo permanente com a teia ecológica e tenham um impacto positivo na dimensão criativa e em outras esferas da vida é preciso permanecer se relacionando constantemente com a natureza.
- ***Conhecimento prévio dos sujeitos como ponto de partida:*** partir da linguagem e do conhecimento que os educandos trazem de casa faz parte do processo nutritivo básico que vai alimentar e potencializar as etapas seguintes da AAEC para o desenvolvimento pessoal de cada criança e adolescente. Entender o contexto de onde o educando está sem discriminações e preconceitos pode ser determinante para despertar o interesse e a curiosidade pela vivência ecoartística e seus múltiplos desdobramentos e possibilidades de criação em diferentes linguagens artísticas. Esta célula integrativa poética inspira-se também nos ensinamentos do educador Paulo Freire.

- ***Corpo: Emoção e razão:*** na AAEE entendemos o corpo integralmente e com potência, dentro da corporeidade, conceito filosófico que compreende o corpo como um instrumento que se relaciona com o mundo, em que a razão e a emoção fazem parte da constituição corporal sem agir de maneira dicotômica. Proporcionar atividades ecoartísticas que compreendam a integralidade do corpo, sem criar dispositivos de adestramento e condicionamento de comportamentos e pensamentos que limitam os movimentos humanos, podem contribuir com surgimento de novos códigos, sonoridades e gestos corporais.
- ***Ampliação de repertório contínuo com foco na formação do sujeito holístico:*** partir do repertório socioambiental e cultural do educando é indispensável para ampliar o repertório e o conhecimento de mundo continuamente, propiciando o avanço contínuo para a formação do sujeito holístico, levando em consideração as suas dimensões afetivas, cognitivas, culturais, sociais, étnico-raciais, de gênero e ambientais. A arte amplia repertórios, pois quando conhecemos uma obra de arte podemos sentir, refletir e dialogar sobre esse afeto ou desafeto estético e isso possibilita trocas e abertura para toda uma multiplicidade que possibilita conhecer e praticar arte cada vez mais.
- ***Artes e Ciências:*** as artes e as ciências estão relacionadas na perspectiva desta abordagem, pois os fenômenos físicos e naturais são manifestados cotidianamente nos ciclos da vida na terra e na existência do universo. A transdisciplinaridade entre arte e ciência é um dos alicerces para o processo criativo eco-artístico, pois a criatividade, a experimentação, a qualidade da percepção e do sentir com os sentidos apurados são elementos importantíssimos para a construção do conhecimento científico e artístico. Na AAEC a razão não está associada puramente às ciências, assim como a emoção não está associada estritamente às artes, pois artes-ciências estão fundidas e interdependentes em consonância com o conceito de corporeidade.

- ***Energia, conexões, interdependência, teia da vida:*** dentro da abordagem os diferentes tipos de energia geram força e estímulo para fomentar relacionamentos e conexões afetivas que geram vínculo, interdependência e reconhecimento da importância de cada um dentro da teia da vida, potencializando, assim, o estado de presença. Esta célula integrativa poética inspira-se também nos ensinamentos do físico Fritjof Capra.
- ***Ego-Eco:*** caminhar do lugar que nos reconhecemos e da ideia que construímos do nosso “eu”, problematizando os dispositivos externos que são assimilados internamente que muitas vezes estimula a construção de personalidades egoístas e insensíveis ao mundo, em direção ao eco, no sentido de perceber profundamente a casa viva que somos, partilhamos e dependemos para viver.
- ***Ciclo-Vida:*** compreender os ciclos e estágios que acompanham as diferentes dinâmicas na natureza do planeta, desta galáxia e do universo, e que possuem relação com a nossa vida desde o processo do nascimento, passando pelo crescimento e envelhecimento até a morte, como os diferentes ciclos e estágios que acompanham um processo criativo em artes.
- ***Tudo está conectado:*** a história da evolução das espécies, o mistério do surgimento do mundo e do universo e o surgimento da vida na terra evidenciam como estamos conectados com os nossos ancestrais comuns e com a vida no planeta Terra. Investigar e refletir o surgimento de tudo e o sentido da vida, vivendo, transformando e interferindo no tempo presente tem caráter essencial para se entender como uma linha entre milhares de linhas no tecido da vida global.
- ***Abordagem com foco na vida - Vida no centro:*** a AAEC coloca a sustentabilidade da vida na terra no centro da questão, rompendo com o período antropoceno que vê o homem como o centro do mundo e que

está no tecido social da maior parte da civilização humana. Esta célula integrativa poética inspira-se também nos textos do escritor e líder indígena, Ailton Krenak.

### **3.4. RESULTADO B: Proposta de Aplicação da AAEC**

A proposta de aplicação da AAEC visa possibilitar um repertório de atividades que foram criadas e estruturadas para poderem ser adaptadas e vivenciadas em diferentes espaços naturais dos lugares formais e informais de conhecimento. Esta abordagem de aplicação também viabiliza adaptações de atividades que já existam, permitindo assim que um intercâmbio de possibilidades de aprendizados e vivências nos espaços ecológicos aconteça, respeitando especificidades regionais e didáticas que prezem pelo desenvolvimento democrático e holístico dos sujeitos.

Para que a proposta de aplicação seja efetivada de modo que incentive o processo criativo ecoartístico das crianças e adolescentes conectando-os à natureza, é primordial que todas as atividades que serão propostas sejam realizadas em espaços com a maior riqueza possível em biodiversidade. Quanto mais elementos naturais, como água, terra, ar puro, sem poluição, e seres vivos, houver no local mais enriquecedora poderá ser as conexões afetivas entre educando e educador, mas não somente, entre toda a teia ecológica do ambiente natural, sempre respeitando as necessidades específicas dos seres vivos que vivem no local de modo que não haja impacto ecológico negativo.

Os educadores precisam estar atentos ao modo como o educando interage com o meio e como se aventura a descobrir e se conectar com toda a cadeia de vida que existe no espaço. Para isso a presente proposta orienta que sejam realizadas atividades de acolhimento e pertencimento ao espaço, uma vez que as crianças, adolescentes e adultos em geral que estiverem ali devem ter a liberdade cuidadosa de conhecer e se integrar com o espaço.

A AAEC orienta sempre dialogar em roda como princípio de equidade, igualdade, respeito, circularidade, união e democracia, e frequentemente fortalecer combinados e pactos coletivos. Sugere-se também uma atividade de preenchimento de espaço, muito utilizada no teatro para que os educandos se desloquem pelo ambiente buscando tecer relações com o grupo e com o meio sem deixar vazios, experimentando

os diferentes ritmos, velocidade e expressões do corpo. Explorando também o corpo nos níveis baixo, médio e alto, como ensina o dançarino, coreógrafo, teatrólogo, musicólogo, intérprete, Rudolf Laban.

Caso o grupo de crianças seja da Educação Infantil, é possível adaptar a sugestão de atividade e incluir brincadeiras como Terra e Mar do Moçambique, da África. Esta brincadeira se assemelha ao que conhecemos como Morto e Vivo, mas ao invés da criança descer e subir reproduzindo o corpo morto (baixo) e vivo (alto), os educadores poderão colocar uma linha de galhos ou outros elementos, de preferência da natureza, simbolizando uma linha que separa o céu do mar e deixar um elemento com água na parte do mar e um elemento com terra na parte da terra para as crianças saberem qual lado é o mar e qual lado é a terra. Depois é só o educador falar terra e mar e as crianças brincarem indo para o lado mencionado. Durante a brincadeira é possível estimular as crianças a imaginarem as espécies de seres vivos do mar e propor que elas falem e representem corporalmente esses seres habitando o mar e a terra. É possível também criar estórias com os animais que elas imaginarem e estimular a criação corporal através do movimento e do som, como também inserir elementos de risco, como o tubarão, água viva, entre outros, para dar mais estímulo criativo para as crianças saírem de possíveis situações problemas.

Para os bebês menores que ainda não andam é fundamental que os espaços formais e informais tenham espaços ricos em vegetação ou que o município promova atividade ao ar livre onde a criança descubra o ambiente por meio dos movimentos e da exploração livre. Os educadores poderão também estimular o manuseio de elementos naturais, a escuta dos sons dos ambientes e a observação das cores, formas e os cheiros que existem.

As crianças com deficiências poderão e devem vivenciar as atividades e é importante sempre potencializar os sentidos que a criança consegue perceber o mundo, levando sempre em consideração a sua predominância sensorial, seja a auditiva, a visual e/ou a cinestésica, desde a primeira infância, mas sem ignorar as necessidades de estimular outros sentidos do corpo e as estratégias ecoartísticas que contribuam para o desenvolvimento global de cada criança. Esta é uma primeira sugestão de atividade que pode ser realizada por diferentes faixas-etárias e ciclos de desenvolvimento humano.

A AAEC por ser uma abordagem dialógica pode integrar diferentes metodologias artísticas para o ambiente ecológico e, assim, promover um processo artístico integrado à natureza. É possível integrar os jogos teatrais de Viola Spolin, por

exemplo, estudos de teorias e práticas musicais, danças de diferentes gêneros musicais, modalidades da dança e diferentes teóricos da arte com metodologias para espaços fechados, etc.

Outra sugestão de atividade é a prática de desenho, pintura, escultura e outras expressões das artes plásticas e criar as tintas com as crianças através de pigmentos naturais em pó como café, terra, açafrão, cúrcuma, etc, misturados com a cola branca não tóxica. Praticar exercícios criativos com foco nos desenhos e etapas de criação de maneira contextualizada com ênfase na história da arte que perpassa a produção regional da cidade que o grupo se encontra, expandindo para o estado, o país, o continente e o mundo pode ser um ciclo de aprendizado com muitos desdobramentos. O educador poderá estimular a qualidade de observação e interação do educando com a vida natural do ambiente para que o mesmo se inspire e crie suas próprias formas, sons e movimentos, através das conexões que o educador vai proporcionar por meio da sua mediação educativa.

Como foi mencionado, a AAEC visa integrar diversas metodologias que sejam adaptáveis aos espaços ecológicos, dentre elas a abordagem triangular. A ordenação das atividades teóricas e práticas poderão acontecer na sequência que melhor atender o grupo. Todas as etapas de aprendizagem de desenho, pintura, escultura, etc, poderão ser realizadas nas áreas verdes e todo o material deverá ser utilizado e adaptado para aquela realidade. É possível também utilizar materiais convencionais, como telas, pincéis, lápis, papel, entre outros, mas recomendamos fortemente que os educadores estimulem a confecção de materiais mais orgânicos e semelhantes à natureza no seu estado de origem.

A proposta de aplicação da AAEC também sugere atividades para fotografia, cinema, literatura e performance. É fundamental ressaltar que todas as artes poderão ser realizadas dentro da AAEC. Algumas irão necessitar de adaptações, mas todas as formas de expressão artísticas são dialógicas com a presente abordagem eco-artística, inclusive a arte digital. Pensar, fazer e sentir arte também é refletir a materialidade das coisas e o motivo que fazemos e utilizamos as matérias-primas que envolvem as nossas vidas e o nosso mundo de coisas. Fotografar na natureza, visando estabelecer relações, aprender sobre o objeto fotografado, técnicas e composições, é fundamental na era em que estamos vivendo, em plena revolução digital.

Atualmente, muitas imagens são manipuladas manualmente e tiradas de contexto e as pessoas cada vez mais utilizam filtros para alcançar padrões de belezas

artificiais para ganharem curtidas, status e popularidade nas mídias sociais. Ensinar os educandos a pensarem a fotografia como construção do pensamento visual, segundo a tese da Olga Botelho (2017), é essencial para que eles próprios construam um repertório fotográfico com pensamento visual e criatividade, mas, não somente, também se desvinculem de padrões falsos e únicos de beleza. A biodiversidade pode oferecer muitas possibilidades de experimentações fotográficas e construção de composições que envolvem texturas, sabores, memória, cores, ideias e conceitos.

A natureza na AAEC é muito importante para o processo de leitura e escrita criativa, pois o ambiente natural melhora a atenção, a concentração, a afetividade e o foco no momento de estudar e organizar o pensamento poético sequencial. Por meio da experiência como educadora, observei como a natureza é magnífica para o processo criativo de escrita, pois o espaço natural é aberto e transmite a todo momento uma sensação de expansão e infinidade. Para as crianças que estão sendo alfabetizadas é muito importante momentos constantes com a natureza em suas rotinas, o próprio educador Paulo Freire foi alfabetizado na infância pela mãe dele que utilizou pequenos galhos de árvores para ensiná-lo, no quintal da sua família, através das palavras do seu próprio mundo e cultura infantil.

Uma sugestão de atividade para estimular os processos criativos em escrita integrados à natureza é contar/construir histórias e roteiros de ações, por exemplo, iniciar uma história em que cada pessoa vai dando continuidade através do ponto em que a pessoa anterior parou, buscando inserir elementos do ambiente natural na história. É interessante instigar as crianças a perceberem constantemente as manifestações dos animais, o clima e a vegetação na hora dos jogos e das atividades criativas. Caso um grupo de pássaros passe voando, incentiva-se as crianças a ficarem atentas para inseri-los na história. Outras possibilidades são: fazer jogos, poesias faladas e músicas com sílabas e palavras, utilizando o alfabeto físico e números com crianças do Ensino Fundamental I e promover jogos com letras e imagens com crianças menores, não com o objetivo de estimular a alfabetização precoce, mas de estimular a familiarização com a estética das letras e dos números que fazem parte dos processos artísticos que envolvem o domínio da leitura e da escrita, ou construir cenas teatrais e ações performáticas através das histórias, poesias, roteiros, textos literários e dramáticos do universo infantojuvenil. É fundamental sempre encorajar o grupo a ficar atento aos movimentos cíclicos da natureza que acontecem nesses espaços, para que assim o grupo cada vez mais consiga improvisar, criar vínculo, respeitar e interagir com a vida natural, mas

também ter autoconhecimento do próprio corpo e suas infinitas possibilidades de criação.

Outra atividade para trabalhar a sensibilidade no processo de criação é criar sonoplastia de um determinado ambiente ou cena, ou seja escolher objetos e investigar sons corporais que possam atribuir um tipo de som que é necessário para um determinado ambiente ou cena, por exemplo, sonorizar uma floresta, um hospital, uma cozinha, uma sala, um banheiro, uma casa assombrada em uma noite de tempestade, a escola, uma festa típica determinada, o oceano, etc. Pode-se fazer até um jogo de adivinhação subdividindo pequenos grupos de um coletivo maior para que cada subgrupo componha os sons de um determinado ambiente e depois apresente para os outros subgrupos, permitindo que estes tentem adivinhar e revele o ambiente sonoro que criou só depois da apresentação.

Este processo é muito importante para despertar o interesse dos educandos para cada vez mais aperfeiçoarem a sua pedagogia da escuta e suas referências pessoais de sons. Esse exercício é muito importante também para estimular a percepção e a composição sonora e musical e promover o senso crítico dos educandos de como os efeitos sonoros estão presentes no nosso cotidiano e atribuem significados, muitas vezes nos fazendo ter a sensação de ver o objeto concreto que está sendo materializado apenas através do som. A criação musical pode ser potencializada pela combinação de som e silêncio que acontece naturalmente nesses ecossistemas, possibilitando diversas experimentações e novas criações musicais.

O cinema é um belo exemplo de interdisciplinaridade nas artes porque une som, imagem, escrita dramática em forma de roteiro, desenho, entre outras artes. Atualmente os espaços formais e informais devem disponibilizar celulares, filmadoras e câmeras de fotografias para o processo formativo das pessoas e seus registros. Há aplicativos gratuitos que podem fazer edições de imagem e tratamento artístico em fotografia. Ensinar os educandos a produzirem equipamentos com o que já existe em suas casas, nos ambientes de ensino e da natureza sem gerar impacto negativo ecológico para criar arte cinematográfica é propiciar um ciclo de aprendizagem onde cada educando aprenderá relacionar e criar suas narrativas de cinema e audiovisuais a partir das vivências ecoartísticas.

Contudo, é necessário ressaltar a importância da ecologia não ser um pano de fundo, e sim um elemento que articula todas as interações e relações de vida durante as atividades ecoartísticas, levando em consideração a árvore da AAEC. Os 4 elementos

que são: a) processo criativo na natureza b) praticar ativando o estado de presença c) contextualizar e expandir d) percepção, sensibilização, fruição e apreciação e suas funções precisam estar presentes tanto nas sugestões de atividades quanto nas atividades existentes que serão adaptadas, conforme descritos anteriormente na explicação de cada elemento da AAEC.

Esta pesquisa não vai disponibilizar uma enorme lista de atividades, pois um texto de dissertação, possui suas limitações de extensão. Utilizar a árvore da AAEC possibilitará que todas as atividades sejam processos contínuos, flexíveis e caminhem para uma evolução constante transdisciplinar de vínculo duradouro com a natureza e com a inspiração no ato de criar. A corporeidade é um conceito essencial na aplicação da AAEC, pois é com a qualidade de corpo vivo que é possível vivenciá-la. O estado de presença ativo promoverá o cuidado ecológico e a consciência crítica e sensível do fio particular que representamos na teia da vida, mas não somente, onde também a natureza é necessária para a nossa evolução individual e coletiva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os resultados desta pesquisa está a sistematização da abordagem AAEC e a possibilidade de outras investigações com os sujeitos dos espaços formais e informais de conhecimento, no que se refere à aplicação da abordagem aqui proposta. Outra implicação seria a investigação sobre em que medida tais espaços têm potencializado a conexão com a natureza e se a arte pode contribuir com um processo criativo mais integral e profundo do que em espaços fechados.

Para pesquisas futuras, seria interessante pensar na realização de um estudo comparado sobre a conexão com a natureza das crianças de diferentes países e espaços formais e informais de conhecimento. Embora os estudos tenham demonstrado que a conexão com a natureza proporciona avanços no desenvolvimento infantil, seria viável investigar e refletir sobre como a AAEC pode contribuir com o corpo humano e processos criativos mais ricos, inteligentes e sensíveis.

Uma das limitações deste trabalho é colocar em prática a abordagem ecoartística transdisciplinar para crianças e adolescentes dos espaços formais e informais de conhecimento, já que a pesquisa buscou sistematizar a abordagem, em primeiro lugar, para gerar um material metodológico que agregue e atue de forma abrangente e não excludente, para além dos espaços escolares. Ressaltamos ainda que todo o processo do mestrado, as disciplinas, o momento de coleta de dados, a escrita e a conclusão deste trabalho se deu no período da pandemia de Covid-19, agravada por uma crise política, econômica e socioambiental intensa por causa do governo bolsonarista de extrema-direita. Mesmo com a mudança para um governo progressista no início de 2023, ainda sofremos os impactos do governo Bolsonaro em diferentes âmbitos da vida pessoal e coletiva.

Acredita-se que esta pesquisa é um dos caminhos possíveis de investigação da temática, que o campo demanda mais investigações e análises, com outras estruturas metodológicas e abordagens, contextos ou sujeitos, e almeja-se, ainda, que tenhamos um conhecimento transdisciplinar debruçando-nos sobre a conexão com a natureza através da arte, da ecologia, da educação, da neurociência e de diferentes áreas do conhecimento.

A presente pesquisa acende o alerta para as possibilidades de vivências formativas que a conexão com a natureza por meio da arte pode criar, na composição de um sujeito cidadão, criativo, ético, sensível, solidário, democrático, crítico e reflexivo

da realidade, quando nesta se incluem os ambientes naturais e a natureza para além dos ambientes construídos, no campo, na cidade, nos espaços de vida e nos locais informais e formais de conhecimento.

***Caçador de Mim***

*Milton Nascimento*

*(...) Nada a temer*

*Senão o correr da luta*

*Nada a fazer*

*Senão esquecer o medo*

*Abrir o peito à força*

*Numa procura*

*Fugir às armadilhas da mata  
escura*

*Longe se vai sonhando demais*

*Mas onde se chega assim*

*Vou descobrir o que me faz sentir*

*Eu, caçador de mim*

## REFERENCIAL TEÓRICO

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**/Silvio Luiz de Almeida. -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ANDRADE, E. **A arte tecendo fios para uma educação sensível**. 1ªed. Campinas, São Paulo: Alínea, 2020.

BARBOSA, A. M. T. B. **A imagem do ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. – 7. ed. rev. – São Paulo: Perspectiva, 2009. – (Estudos; 126 / dirigida por J. Guinsburg).

BORGES, J. **Encarceramento em massa** / Juliana Borges. -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BOTELHO, O. **Metodologias artísticas de pesquisa em educação e deslocamentos na formação docente: A fotografia como construção do pensamento visual**. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [1988]]. Disponível em: <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/188546065/constituicao-federal-constituicao-da-republica-federativa-do-brasil-1988>> Acesso em: 11 nov. 2021.

BRASIL. **Ministério do Meio Ambiente (MMA)**. Brasília. Disponível em: <<https://www.gov.br/mma/pt-br>. Acesso em: 20 dez. 2022.

BUTLER, J. **O limbo de Guantánamo**. Revista Novos Estudos, CEBRAP, São Paulo, n. 77, 2007, pp. 223-231.

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo, Cultrix, 1996.

CAPRA, F. **Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2006.

COUTO, S; LOUREIRO, D. **A experiência da natureza como processo de inventividade.** ARJ – Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Artes | v.7 n.2, 2020.

CUNHA, M. V. **Comunicação e arte, ou arte da comunicação, em John Dewey.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v.86, n.213/214, p.9-20. 2005.

CUNHA, M. V. **Experiência poética e utopia na educação.** In: PAGNI, P.A.; GELAMO, R. P. (Orgs.). Experiência, educação e contemporaneidade. Marília/São Paulo: Poiesis/Cultura Acadêmica. p. 229-235. 2010.

Die Kommunale Freiraumverwaltung in São Paulo/Brasilien – Gegenwärtige Situation und Chancen zukünftiger Entwicklung (**Administração Municipal de Espaços Livres em São Paulo/Brasil – situação atual e oportunidades para o desenvolvimento futuro**). Tese de Doutorado. Felisberto Cavalheiro. Faculdade de Horticultura e Manutenção da Terra da Universidade de Hanover, 1981.

DAVIS, A. **Estarão as prisões obsoletas?**/Angela Davis; Tradução de Marina Vargas. - 1ªed. Rio de Janeiro: Difel, 2018.

ENRÍQUEZ, C. R. **Economía Feminista y economía del cuidado: Aportes Conceptuales para el estudio de la desigualdade.** Revista Nueva Sociedad N° 256, marzo-abril de 2015, ISSN: 0251-3552, <www.nuso.org>.

Esmée M. Bijmens, Catherine Derom, Evert Thiery, Steven Weyers, Tim S. Nawrot. **Residential green space and child intelligence and behavior across urban, suburban, and rural areas in Belgium: A longitudinal birth cohort study of twins.** Journal PLOS Medicine. 2020. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosmedicine/article/authors?id=10.1371/journal.pmed.1003213>

FOGAÇA, J. R. V. **"O que é um efeito estufa?"**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/quimica/o-que-e-um-efeito-estufa.htm>. Acesso em 24 de fevereiro de 2023.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**/Paulo Freire; [tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 59ªed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREITAS, G. B. L. de. **Saúde Mental: desafios da prevenção, diagnóstico, tratamento e cuidado na sociedade moderna** / Guilherme Barroso Langoni de Freitas- 1 ed. 1 vol - Irati: Pasteur, 2021.

GADOTTI, M. **A Carta da Terra na educação** / Moacir Gadotti. -- São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010. -- (Cidadania planetária ; 3).

GUATTARI, F. **As três ecologias.** Trad. Maria Cristina F. Bittencourt, 20 ed. São Paulo: Papirus, 2001.

GUZZO, P. **Prefiro onde o verde prevalece.** 1ªed. Ribeirão Preto: Edição do Autor, 2018.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo.** 1ªed. São Paulo: Companhia Das Letras, 2019.

LOFEU, L; KOHLSDORF, T. **Mais que seleção: o papel do ambiente na origem e evolução da diversidade fenotípica.** Genética na Escola – Vol. 10, N°1, 2015.

HADDAD, D; CINTRÃO, J. F. F. **Vivências em Arte e Natureza na infância e suas repercussões na vida adulta.** Temas em Educação e Saúde, Araraquara, v.14, n.1, p. 142-155 jan./jun., 2018.

HOLM, A. M. **Eco-Arte com crianças.** Publicado no Brasil pelo Centro de Pesquisa e Documentação Pedagógica do Ateliê Carambola Escola de Educação Infantil. 2015.

LOUV, R. **A última criança na natureza.** 1ªed. São Paulo: Editora Aquariana, 2016.

Marja I. Roslund, Riikka Puhakka, Mira Grönroos, Noora Nurminen, Sami Oikarinen, Ahmad M. Gazali, Ondřej Cinek, Lenka Kramná, Nathan Siter, Heli K. Vari, Laura Soininen, Anirudra Parajuli, Juho Rajaniemi, Tuure Kinnunen, Olli H. Laitinen, Heikki Hyöty, Aki Sinkkonen<sup>1</sup>, ADELE research group. **Biodiversity intervention enhances immune regulation and health-associated commensal microbiota among daycare children.** Journal Science Advances, 2020. Disponível em: <https://www.science.org/doi/10.1126/sciadv.aba2578>

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista**. 1ªed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MBEMBE, A. **Necropolítica seguido de Sobre el gobierno privado indirecto [Traducción y edición a cargo de Elisabeth Falomir Archambault**. Espanha: Editorial Melusina, S.L., 2011.

MENDES, M. I. B. de S.; NÓBREGA, T. P. da. **Corpo, natureza e cultura: contribuições para a educação**. Revista Brasileira de Educação, 2004.

MERCAU, H. H. **El processo de la experiencia em la filosofia de John Dewey: acción inteligente, creativa y democrática**. Logos, v.21, p.91-124. 2012.

NICOLESCU, B. **O manifesto da Transdisciplinaridade**. Coleção Trans. 2001.

NOBRE, A. D. **O futuro climático da Amazônia: relatório de avaliação científica**. São José dos Campos, SP: ARA: CCST-INPE: INPA, 2014.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação** / Fayga Ostrower. - Petrópolis, Vozes, 1987.

PASSEGGI, M; NASCIMENTO, G; ANTUNES MEDEIROS DE OLIVEIRA, R. **As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação**. Revista Lusófona de Educação, nº 33, 2016, p. 111-125 Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Lisboa, Portugal.

PAULO NETTO, J; **Introdução ao estudo do método de Marx**. – 1.ed. –São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PORFÍRIO, F. **"Direitos Humanos"**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/direitos-humanos.htm>. Acesso em 27 de fevereiro de 2023.

RIBEIRO, W. **Territórios Sensíveis: uma investigação performativa em arte, ciência, tecnologia e natureza**. Revista ARS (São Paulo), Vol. 26, 2013.

RODRIGUES, M. dos A. **A Pesquisa autobiográfica em Arte: apontamentos iniciais**. Revista nós: cultura, estética e linguagens.ISSN 2448-1793, Volume 06 (Número 01 - 2021), 95–130, 2021.

SAFATLE, V.; JUNIOR, N. da S.; DUNKER, C, (orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. 1.ed.; 2.reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SANTANA, C. F. de. **Conexão com a natureza um estudo com crianças camponesas no DF** / Dissertação (Mestrado – Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília, 2020.

SANTOS, A. N. **Transtorno do Déficit de Natureza e o seu impacto no processo de aprendizado para a formação do sujeito holístico** In: Saúde Mental - Desafios da prevenção, diagnóstico, tratamento e cuidado na sociedade moderna.1 ed.Irati/PR: Editora Pasteur, 2021, v.1, p. 150-161.

SALLES, C. A.; **Gesto inacabado: processo de criação artística**, Cecília Almeida Salles, São Paulo: FAPESP: Annablume, 2016.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal**. 23<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Editora Record , 2013.

SEVERINO, J. A. **Metodologia do Trabalho Científico**. P.121.2007 23<sup>a</sup>ed. 5<sup>a</sup> reimpressão. São Paulo: Editora Cortez.

SHIVA, V. **Monoculturas da Mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. São Paulo: Gaia, 2002.

SIQUEIRA, V. B. **“Sobra o que sempre existiu”**: Arte moderna e ecologia no Brasil. Revista ARS (São Paulo) Vol.19, N°42, 2021.

RUSSI, S. C.; SPINELLI, André Luiz. **Medo de morrer: A saúde mental no contexto da pandemia da covid-19 nas prisões brasileiras**. Editora PUC-RIO Grande do Sul – Anais- Congresso Internacional de Ciências Criminais, 2020. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/congresso-internacional-de-ciencias-criminais/assets/edicoes/2020/arquivos/1.pdf>

VIEIRA, J. **Os desafios para a tomada de consciência ambiental: Um estudo sobre as percepções de estudantes de ensino fundamental acerca de suas conexões com a**

**natureza.** Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

ZAMBONI, S. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência.** Campinas: Autores Associados, 2006.

Matérias:

**Brasil volta ao Mapa da Fome das Nações Unidas.** G1 Jornal Nacional. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/06/brasil-volta-ao-mapa-da-fome-das-nacoes-unidas.ghtml>>, 2022.

**Covid-19: Número de crianças vivendo na pobreza pode aumentar em até 86 milhões até o final do ano.** UNICEF. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/covid-19-numero-de-criancas-vivendo-na-pobreza-pode-aumentar-em-ate-86-milhoes>>, 2020.

**Children raised in greener areas have higher IQ, study finds.** The Guardian. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/environment/2020/aug/24/children-raised-greener-areas-higher-iq-study>>, 2020.

**Crescer em áreas mais verdes favorece QI de crianças, conclui estudo.** Ecycle. Disponível em: <<https://www.ecycle.com.br/crescer-em-areas-mais-verdes-favorece-qi-de-criancas-estudo/>>, 2020.

**O que colocou o Brasil de volta ao Mapa da Fome da ONU depois de oito anos fora.** Global Voices. Disponível em: <<https://pt.globalvoices.org/2022/07/22/o-que-colocou-o-brasil-de-volta-ao-mapa-da-fome-da-onu-depois-de-oito-anos-fora/>>, 2022.

**Pandemia escancara desigualdade de acesso a áreas verdes em São Paulo.** Casa Vogue. Disponível em: <<https://casavogue.globo.com/Arquitetura/Cidade/noticia/2021/04/pandemia-escancara-desigualdade-de-acesso-areas-verdes-em-sao-paulo.html>>, 2021.

**#PensarAInfância: pedagogia Waldorf aposta em artes, contato com a natureza e currículo flexível para desenvolvimento humano.** Aliança pela Infância. <<http://aliancapelainfancia.org.br/inspiracoes/pensarainfancia-pedagogia-waldorf-aposta-em-artes-contato-com-a-natureza-e-curriculo-flexivel-para-desenvolvimento-humano/>>, 2019.

**‘Piso de floresta’ mudou o sistema imunológico das crianças em creches na Finlândia.** Funverde. Disponível em: <<https://www.funverde.org.br/blog/piso-de-floresta-mudou-o-sistema-imunologico-das-criancas-em-creches-na-finlandia/>>, 2020.

**Plano diretor: como é feito e para que serve?.** Politize!. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/plano-diretor-como-e-feito/>>, 2017.

**Retorno do Brasil ao Mapa da Fome da ONU preocupa senadores e estudiosos.**  
 Agência Senado. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/10/retorno-do-brasil-ao-mapa-da-fome-da-onu-preocupa-senadores-e-estudiosos>>, 2022.

**Três em cada dez crianças e adolescentes na América Latina e no Caribe têm excesso de peso: No contexto da pandemia, o UNICEF apela para a prevenção do excesso de peso na infância.** UNICEF. <<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/tres-em-cada-dez-criancas-e-adolescentes-na-america-latina-e-no-caribe-tem-excesso-de-peso>>, 2021.

Documentários e vídeos:

ACHBAR, M.; ABBOTT, J (dir.). **The Corporation (2003)** EUA, 145 min.

DANNORITZER, C. **The E-Waste Tragedy (La Tragedia Electrónica) (2014).** Espanha/ França, 86 min.

MIGLIORI, Regina. **O que é transdisciplinaridade?, com Regina Migliori.** MindEduca. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UDozoA-NryM>>, 2015.

MIGLIORI, Regina. **Transdisciplinaridade: O pensar no século XXI, com Regina Migliori**. MindEduca. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UDozoA-NryM>>, 2015.

PRADO, M (dir.). **Estamira (2004)**, Brasil, 2h01min.

SALGADO, J.; WENDERS, W. (dir.) **O Sal da Terra (2015)**, 110min.